

LÚCIO HENRIQUE DE ARAÚJO

**ORQUESTRA ORGANISMO:
POÉTICA DO AGENCIAMENTO COLETIVO**

CURITIBA

2007

LÚCIO HENRIQUE DE ARAÚJO

**ORQUESTRA ORGANISMO:
POÉTICA DO AGENCIAMENTO COLETIVO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pós-graduação - Especialização em História da Arte Moderna e Contemporânea da Escola de Música e Belas-Artes do Paraná.

Orientador: Ms. Newton Goto

CURITIBA

2007

AGRADECIMENTO

Agradeço Luciana Ambrósio, que me apoiou desde o início do trabalho na redação e revisão do texto, pelos livros emprestados, pelas ricas sugestões e companhia. Aos integrantes da Orquestra Organismo. Gilson Camargo, João Debs, Cláudio Celestino Jr., Solda, Alessandra Okazaki e Nillo da Rocha Jr. pelas imagens. O orientador Newton Goto por sua contribuição e paciência. Todos os grupos mencionados no trabalho. Aos amigos Felipe Luiz Cordeiro, Sálvio Nienkötter, Emerson Pingarilho, Mathieu Bertrand Struck, Simone Bittencourt e Glerm Soares. Às instituições que de alguma forma apoiaram os projetos. À secretaria de pós-graduação da Embap. E todas as pessoas que participaram e contribuíram nas ações.

“Eu comento hipóteses. Trabalho com hipóteses. Fabrico hipóteses. Façamos uma hipótese, por exemplo, este livro. Eu não estou ouvindo música, é outra coisa que está acontecendo. Signos evidentes por si mesmos, por incrível que cresça e apareça, multiplicai-vos! Creio em um sinal. Ei-lo. Não me lembro bem. Distraio-me. Perco os sentidos, ganho os dados. Deus não morreu. Perdeu os sentidos. Sempre que possível, o contemporâneo já passou. Perdeu-se no fim. [...] um segredo óbvio. Eu, contemporâneo do meu fantasma, olho-me no espelho e vejo nada. Submeto-me a isso. A percepção. [...] Atenção. Quero a liberdade de minha linguagem. Vire-se. Independência ou silêncio. As núpcias da Essência e da existência. Vir a ser é assim.”

Paulo Leminski – Catatau, p. 74-75

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
INTRODUÇÃO.....	09
1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	13
3. COLETIVOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL.....	18
3. SURGIMENTO DA ORQUESTRA ORGANISMO.....	25
4. POR UM CONCEITO DE AGENCIAMENTO.....	30
5. MEMORIAL DE AÇÕES.....	35
5.1. DESAFIATLUX.....	35
5.1.1. Precedentes.....	36
5.1.2. O nome.....	37
5.1.3. Rastreando a instituição.....	38
5.1.4. Concepção da ocupação.....	39
5.1.5. Descrição do espaço.....	39
5.1.6. O início da ocupação.....	40
5.1.7. Ciclo de vida	40
5.1.7.1. Nascimento.....	41
5.1.7.2. Batismo	41
5.1.7.3. Perda da virgindade	41
5.1.7.4. Formatura.....	43
5.1.7.5. Casamento.....	43
5.1.7.6. Reprodução.....	43
5.1.7.7. Julgamento.....	43

5.1.7.8. Morte.....	44
5.2. LEMINSKI – A JUSTA RAZÃO AQUI DELIRA.....	48
5.3. FÓRUM DE DISCUSSÃO E PUBLICAÇÕES NA WEB.....	50
5.3.1. Listaleminski.....	50
5.3.2. Hackeando Catatau.....	51
5.4. POLAVRA.....	52
5.5. ANDANTE ALLEGRO.....	52
5.6. COSTURANDO PONTOS.....	53
5.7. COZINHANDO COM PUROS DADOS.....	54
5.7.1. Recordações da casa.....	55
5.7.2. Sistemas.....	55
5.7.3. Transportes.....	56
5.7.4. Cozinhando puros dados.....	56
6. CONCLUSÃO.....	59
7. REFERÊNCIAS.....	61
ANEXO A – Prefácio para a análise do disco "Dissolve e Coagula", Matema	66
ANEXO B – Tutorial para a construção de organismos casulo.....	69
ANEXO C – “LEMINSKI – A JUSTA RAZÃO AQUI DELIRA”.....	71
ANEXO D – Manifesto Upgrade do Macaco.....	78
ANEXO E – Carta enviada ao secretário da ciência e tecnologia do Pr.....	89
ANEXO F – DESAFIATLUX - Texto do folder.....	95
ANEXO G – Um dia dedicado ao Artivismo.....	98

LISTA DE FIGURAS

1. <i>Desafiatlux – Imagem do folder</i> . 2005. Imagem: Lúcio de Araújo.....	42
2. <i>Domingo na Urbe</i> . 2005. Foto: Cláudio Celestino Jr.....	42
3. <i>Desafiatlux – Nascimento</i> . 2005. Foto: Alessandra Okazaki.....	42
4. <i>Desafiatlux – Nascimento</i> . 2005. Foto: Alessandra Okazaki.....	42
5. <i>Desafiatlux – Batismo</i> . 2005. Foto: Alessandra Okazaki.....	42
6. <i>Desafiatlux – Batismo</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo.....	46
7. <i>Desafiatlux – Batismo</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo.....	46
8. <i>Desafiatlux – Batismo</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo.....	46
9. <i>Desafiatlux – Batismo</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo.....	46
10. <i>Desafiatlux – Batismo</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo.....	46
11. <i>Desafiatlux – Reprodução</i> . 2005. Foto: Lúcio de Araújo.....	46
12. <i>Desafiatlux – Sudário</i> . 2005. Foto: Lúcio de Araújo.....	47
13. <i>Desafiatlux – Sudário</i> . 2005. Foto: Lúcio de Araújo.....	47
14. <i>Desafiatlux – Morte</i> . 2005. Foto: Nillo da Rocha Jr.....	47
15. <i>Desafiatlux – Morte</i> . 2005. Foto: Nillo da Rocha Jr.....	47
16. Cartaz da ação teatral <i>Leminski – A justa razão aqui delira</i> . 2005. Autor: Solda....	49
17. Ação teatral <i>Leminski – A justa razão aqui delira</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo....	49
18. Ação teatral <i>Leminski – A justa razão aqui delira</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo....	49
19. Ação teatral <i>Leminski – A justa razão aqui delira</i> . 2005. Foto: Gilson Camargo....	49
20. <i>Blog Hackeando Catatau</i> . 2007. Foto: Lúcio de Araújo.....	51
21. Cambalhota durante o <i>Andante Allegro</i> rumo à São Brás. 2005. Foto: João Debs..	53
22. <i>Cozinhando Puros Dados</i> na Galeria Ybakatu. 2006. Foto: Gilson Camargo.....	58
23. <i>Cozinhando Puros Dados</i> na Galeria Ybakatu. 2006. Foto: Gilson Camargo.....	58
24. Ação culinária, ritual de alimentação sobre a <i>Mesa</i> . 2006. Foto: Gilson Camargo.	58

RESUMO

O presente trabalho versa sobre iniciativas de artistas em Curitiba durante meados da década de 2000, dedicando especial atenção às estratégias de ação coletiva, ao aspecto colaborativo e não hierárquico de gestão e agenciamento, à reflexão sobre os recursos tecnológicos, sobretudo no pensamento sobre a utilização e difusão de ferramentas tecnológicas voltadas ao conhecimento aberto, criativo, contextualizado e de constante recombinação simbólica, à construção de métodos centrados no processo de pesquisa e experimentação, a não espetacularização das ações. Para investigar este tema, escolheu-se como objeto central de análise os projetos propostos pela *Orquestra Organismo* ou projetos em que esta se colocou como colaboradora, mais especificamente o *Desafiatlux* - ocupação no SESC da Esquina; *Leminski: A justa Razão Aqui Delira* - ação teatral realizada no Mini Auditório do Teatro Guaíra; *Hackeando Catatau* e *ListaLeminski* - ações metodológicas, de comunicação e documentação em revista eletrônica e lista de discussão; *Polavra* - encontros poético-literários; *Andante Allegro* - caminhadas coletivas por ruas e trilhas de Curitiba; *Costurando Pontos* - ocupação do Casarão da UPE e *Cozinhando com Puros Dados* - ação realizada na Galeria Ybakatu. As formas de atuação desses artistas, as situações por eles inventadas e métodos praticados fornecem material para detectar relações e peculiaridades com outros grupos. Essas iniciativas indicam uma vontade de elaboração de um circuito próprio, onde é possível agir com maior autonomia e liberdade. Para isso, esses artistas investem na construção de um ambiente em constante remodelação, procedimento que muitas vezes não segue o estabelecido por muitas instituições de Arte.

INTRODUÇÃO

Na década de 2000, em Curitiba, verifica-se a presença de algumas iniciativas de artistas que através de ações colaborativas viabilizaram projetos de ocupação e reelaboração de espaços voltados à pesquisa, ao relacionamento, à criação e difusão de ações processuais abertas e participativas.

Embora essas ações para muitos historiadores de arte sejam consideradas demasiadas recentes, justifico esta monografia como uma estratégia de não deixar passar despercebida uma série de ações as quais tive a oportunidade de vivenciar e que de alguma forma dizem também respeito à história da arte. Modestamente espero contribuir com uma documentação inicial para futuras investigações e sobretudo, para a contínua reflexão das ações que ocorrem muitas vezes fora dos circuitos oficiais de arte, que por nem sempre se caracterizam dentro dos mesmos modelos de formação das instituições, podem ser consideradas mais complexas de serem investigadas, pensando também como resposta às insuficiências de certas instituições para organizar a apresentação da produção artística local. Sua importância também reflete um fenômeno que se estende de forma mais sistemática, a partir dos anos 90, em outras cidades brasileiras, os agenciamentos coletivos de artistas oferecem a oportunidade para que se trace inter-relações com demais grupos. Por diferentes razões estas produções, além de criar espaços para si, são estratégias que indicam uma vontade de realização muitas vezes fora dos limites do circuito estabelecido e em alguns casos despercebidas pelos críticos e historiadores. Toda esta movimentação questiona a adequação e o método entre o tipo de proposta em arte concebida pelos participantes destes coletivos, o próprio sistema das artes visuais e os trajetos de legitimação do artista e de todo seu trabalho.

As ações que foram descritas neste trabalho são:

I. *Desafiatlux*, ocupou o 2º andar do prédio do SESC da Esquina, região central de Curitiba – de 15 de agosto a 30 de setembro de 2005 – a iniciativa do grupo de artistas Orquestra Organismo propunha o agenciamento de trocas entre diversos artistas e coletivos.

II. *Leminski: A Justa Razão Aqui Delira* - ação teatral única realizada no Mini Auditório do Teatro Guaíra em 22 de setembro de 2005, de concepção da atriz Claudete Pereira Jorge e direção de Octávio Camargo.

III. *Hackeando Catatau e ListaLeminski* - ações de elaboração de método, comunicação, documentação em revista eletrônica e lista de discussão.

IV. *Polavra* – encontros poético-literários, de concepção de Sávio Nienkötter e Nils Skare.

V. *Andante Allegro* – ações de caminhadas feitas em grupos, inicialmente propostas por João Debs.

VI. *Costurando Pontos* – iniciativa de ocupação e intervenção do histórico casarão da UPE em Curitiba, ocorrida entre do dias 12 a 15 de Outubro de 2005. Ação de articulação de redes e trocas entre diversos grupos.

VII. *Cozinhando Com Puros Dados* – realizado na Galeria Ybakatu com ações elaboradas pelo intercâmbio de integrantes dos coletivos Orquestra Organismo e Surface Tension: Glerm Soares, Octávio Camargo, Brandon LaBelle e Ken Ehrlich – de 14 de janeiro a 18 de fevereiro de 2006.

A presente monografia foi dividida em cinco capítulos: Contexto histórico, Coletivos contemporâneos no Brasil, Surgimento da Orquestra Organismo, Conceito de agenciamento e Memorial de ações.

O primeiro capítulo busca a verificação de certos antecedentes históricos a respeito das manifestações coletivas, suas transformações conceituais em diferentes períodos e a apresentação de uma abordagem contextualizada à contemporaneidade.

O segundo capítulo traz uma relação de grupos atuantes no Brasil a partir da década de 90, destacando-se pela diversidade e abrangência de propostas. Verifica-se que tais iniciativas de artistas na contemporaneidade não são privilégio somente dos grandes centros urbanos, mas de grande parte do território brasileiro.

O terceiro capítulo pretende mostrar os precedentes e os fatos que marcaram o surgimento da Orquestra Organismo, em que circunstâncias foram surgindo algumas das ações por ela propostas e seu desenvolvimento conceitual.

O quarto capítulo focaliza a compreensão conceitual de agenciamento por

alguns artistas e como ele se concebe e redefine dentro do grupo Orquestra Organismo.

O quinto capítulo traz o memorial das principais ações elaboradas e colaboradas pela Orquestra Organismo.

A questão central desta pesquisa é detectar os questionamentos e as estratégias de elaboração de ações que levaram os artistas a se organizarem coletivamente para formar a Orquestra Organismo, e qual a reverberação proporcionada no espaço das artes.

Propõe então como hipóteses de pesquisa:

- As iniciativas da Orquestra Organismo dinamizam o panorama artístico da cidade interagindo com outros grupos locais e nacionais, como também a comunidade;
- O agenciamento proposto pela Orquestra Organismo opera com questões da contemporaneidade;
- As ações propõem um pensamento voltado para a autonomia, liberdade e conhecimento aberto;
- Estes esforços representam mais uma vontade de se pensar arte para além dos termos institucionais;
- As circunstâncias e a realidade local, o cenário cultural, a fragilidade do mercado e da crítica, a carência de espaços influenciam as estratégias de ação de grupos de arte.

Quanto à metodologia, optou-se principalmente pela experiência vivencial em um processo de constante elaboração de significados a partir de conversas, publicações, textos afins, bibliografia específica, sessões de vídeos, banco de imagens e da produção textual dos integrantes da Orquestra Organismo. Procurou-se preservar muitos dos textos na íntegra, podendo ser encontrados ora no corpo da monografia, ora em anexo, com propósito de servir de documentação para estudos futuros.

Os objetivos que se buscam alcançar com esta investigação são:

- Contribuir para a reflexão sobre as estratégias coletivas de artistas em um amplo contexto, relativa aos questionamentos da arte na contemporaneidade;
- Verificar a produção e o processo de criação dos artistas envolvidos, buscando detectar preocupações, métodos e investigações e as razões que os levaram a criar de forma colaborativa;
- Organizar em um único trabalho o conjunto de ações elaboradas e colaboradas pelo coletivo Orquestra Organismo.

As estratégias coletivas de artistas são um assunto instigante, pois indicam a movimentação realizada pelos próprios artistas, provocando questionamentos e reafirmando a necessidade de uma reflexão sobre diferentes instâncias do campo artístico na contemporaneidade.

1. CONTEXTO HISTÓRICO

Para melhor compreender algumas ações realizadas por coletivos de arte na atualidade, mais especificamente as elaboradas pela Orquestra Organismo, faz-se necessário a verificação de certos antecedentes históricos a respeito de tais manifestações, suas transformações conceituais em diferentes períodos e a apresentação de uma abordagem contextualizada à contemporaneidade.

Em sua teoria sobre a origem da arte, FISCHER sustenta uma visão sobre os primórdios da humanidade com bases absolutamente coletivas:

“A Arte não era uma produção individual e sim coletiva, se bem que as primeiras características da individualidade tenham começado a tentar manifestar-se nos feiticeiros. A sociedade primitiva implicava uma forma densa e fechada de coletivismo. Nada era mais terrível do que ser excluído da coletividade e ficar sozinho. A separação do indivíduo em relação ao grupo ou à tribo significava morte: o coletivo significava a vida e o conteúdo da vida. A arte, em todas as suas formas – a linguagem, a dança, os cantos rítmicos, as cerimônias mágicas – era a atividade social *par excellence*, comum a todos e elevando todos os homens acima da natureza, do mundo animal. A arte nunca perdeu inteiramente esse caráter coletivo, mesmo muito depois da quebra da comunidade primitiva e da sua substituição por uma sociedade dividida em classes.” (FISCHER, 2002, pg.47)

Para o referido autor, o homem primitivo em sua tentativa de dominação da natureza e em seu aprimoramento nas relações sociais encontrou na arte um instrumento mágico, um modo real de aumentar seu poder e de enriquecer sua vida. Este poder era conferido sobre a natureza, sobre o inimigo, sobre o parceiro nas relações sexuais, sobre a realidade, exercido no sentido de um fortalecimento da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência.

Esta sociedade tribal comunitária passou ao longo da história por um processo de desintegração, a essas transformações MARX e ENGELS¹ apontam inúmeras causas, dentre as quais o crescimento gradual das forças produtivas, a progressiva divisão do trabalho, o aparecimento do intercâmbio comercial, a transição para as normas patriarcais e o início da propriedade privada, das classes sociais e do Estado. Insurgem as revoluções burguesas e industriais e deste processo nascem os centros urbanos que por sua complexidade contribuem na destruição das relações

1 FISCHER, E. *A necessidade da arte*. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

humanas diretas ampliando os antagonismos sociais. Tal processo de diferenciação, fragmentação e violação coloca o homem em um crescente estado de alienação da realidade social e de si mesmo.

O isolamento e a crescente negação do indivíduo fez com que o artista não mais pudesse afirmar a condição humana. Frente às contradições do mundo burguês capitalista em desenvolvimento surge como protesto o Romantismo, cujas experiências básicas era a do indivíduo que emergia sozinho e incompleto, sem intermediário algum, como estranho no meio de estranhos, como um “Eu” isolado em posição ao imenso “não-Eu”. Tal situação estimulava a auto-valorização e um orgulhoso subjetivismo, mas produzia igualmente um sentimento de fragilidade, perda e abandono. A subjetividade do artista, isolada e voltada sobre si mesma, lutando pela vida, e no entanto enfrentando o mundo burguês como “gênio”, sonhava com a unidade perdida e clamava por uma comunidade ideal, projetada pela imaginação, ora no passado, ora no futuro. A arte se tornou um dos principais meios de aquisição da compreensão da natureza destes antagonismos, se tornou um meio de indicação daquilo que a realidade podia ser e um meio de superação da solidão individual, proporcionando a cada indivíduo uma ponte para aquilo que o unia aos demais, aquilo de que todos participavam.

Na virada do século XX, tal sentimento de valorização do indivíduo e da arte demonstrava-se inadequado em um mundo sob a ordem da destruição presentificado pelos dadaístas. Em ações coletivas (*matinées, soirrées*) e uso de veículos de comunicação de massas (jornais, panfletos, revistas) apontavam seus nomes utilizando suas próprias imagens como obras para criticar e desmistificar a imagem do artista, desmontagem da mídia e da própria arte. A dura realidade apontava um futuro nada promissor.

As ações dadaístas contribuem na compreensão de que uma proposição artística é também um produto histórico, fruto do pensamento de um artista, ou de um grupo de artistas, inserido em um determinado contexto cultural, político, social e econômico. O “eu” enquanto sujeito é histórico. A arte na contemporaneidade é produzida em um universo no qual se verifica a queda das verdades unívocas e das fronteiras entre os diversos campos do conhecimento e da linguagem.

Em meados do século XX surgem novos processos do fazer artístico com intensa multiplicação de possibilidades em que procurou atenuar a distinção entre arte e vida, uma poética do cotidiano. Dentre as inúmeras manifestações no cenário internacional, os *Situacionistas* e grupo *Fluxus* merecem destaque por ainda ressoar em alguns discursos de coletivos contemporâneos; no Brasil, verificam-se tais processos em diversos momentos: os modernistas da década de 1920, o grupo *Antropofágico*, os *Concretistas* nos anos 1950, em seguida a vertente *Neoconcreta* com Hélio Oiticica e Lygia Clark, o coletivo *Rex*, *3Nós3*, *Viajou Sem Passaporte*, *Tropicália*, *Gextu*, *Ruptura*, *KVHR*, *Nervo Óptico* e *Manga Rosa* na década de 1970, *Tupi Não Dá*, entre outros.

De certa forma, vários coletivos brasileiros contemporâneos surgem da ativa cena de intervenção urbana espalhada por todo o país. Herdeiros em parte da arte da *performance*, do *happening* e da *body art* e dos movimentos contraculturais que marcaram profundamente a sociedade ocidental.

Em Curitiba o fenômeno é semelhante. A partir de 1969 surgem alguns grupos de artistas que buscavam divulgar tanto sua produção, como reelaborar conceitos ampliados de arte no mundo contemporâneo. Os *Encontros de Arte Moderna*, coordenados por Adalice Araújo até 1974, contavam com a movimentação estudantil do *Diretório Acadêmico Guido Viaro* da Escola de Música de Belas Artes do Paraná e ocupavam instituições, espaços públicos e alternativos, possuindo diversificadas programações conduzidas por artistas e críticos convidados. Em 71, surgiram os *Sábados de Criação* agitados pelo crítico Frederico de Moraes, aconteciam na área em construção da Estação Rodoferroviária de Curitiba onde artistas e interessados elaboravam múltiplas criações artísticas.

Na década de 80 destaca-se o grupo *Moto Contínuo* que experimentava espaços alternativos para realizar mostras e exposições. Remanescente do grupo *Bicicleta*, era composto por Denise Bandeira, Eliane Prolik, Geraldo Leão, Mohamed, Raul Cruz e Rossana Guimarães. Muitas de suas propostas visavam a aproximação das pessoas com a arte, através de ações realizadas em espaços públicos. O *Sensibilizar* inicia suas proposições em 83, com conteúdos fortemente políticos e de crítica social,

também atuavam quase sempre em locais públicos, era coordenado por Sérgio Moura e Jarbas Schüneman, tendo vários outros participantes.

Pensar a arte do ponto de vista histórico significa ter em mente tanto o debate dos acontecimentos no nível cultural como também os acontecimentos sociais e políticos dos últimos anos. A queda do muro de Berlim, o esfacelamento da União Soviética, o acirramento das disputas no Oriente Médio, o fundamentalismo, a consolidação da Internet, a diversidade e o acesso às informações, a ascensão econômica da China, uma América Latina representada por figuras como Lula e Hugo Chaves, o acirramento das catástrofes ambientais, enfim, realidades simultâneas mudando as relações humanas em todos os níveis e interferindo significativamente a sensibilidade, a percepção e a produção no circuito artístico. É neste contexto que se deve compreender a atuação coletiva de artistas.

O que diferencia a atual voga de movimentações coletivas no Brasil é o caráter político de boa parte delas, assim como o uso que muitas fazem das tecnologias de comunicação como a Internet, seja via listas de discussão, *websites*, *photoblogs* e *blogs* ou simplesmente comunicação e ações planejadas por *e-mail*.

Na Europa e nos EUA, a fusão de arte e política já estava presente nos dadaístas e surrealistas e representou o ponto fundamental dos situacionistas no pós-guerra, desde então essa mescla tem se dado em vários grupos que atuam na fronteira ativismo com a arte, como o *Arte & Linguagem*, *Art Workers Coalition*, *Black Mask*, *Neoístas*, *Gran Fury*, *Group Material*, *PAD/D*, *Guerrilla Girls*, ou os mais recentes *Luther Blissett Project*, *Culture Jamming*, *RTmark*, *Etoy*, *Critical Art Ensemble*, boa parte destes últimos atuando diretamente com alta tecnologia, o que atualmente é denominado de mídia táctica.

Existe uma grande produção imaterial, um fluxo autônomo em vista das novas tecnologias de comunicação e informação, ou seja, uma dinâmica de forças em constante expansão e interação que está em curso na sociedade e vem dinamizando o potencial de criação de coletivos de artistas. Em um contexto amplo nota-se a presença destas parcerias poéticas também nos grandes circuitos de Arte. Na *Documenta 11*, de Kassel, Alemanha, realizada de junho a setembro de 2002, 15% dos expositores tinham este formato grupal. Esta presença expressiva compunha-se de

várias iniciativas, sobretudo de artistas de países periféricos.

“[...] Os participantes dos coletivos, se integram por afinidades, colaborando conscientemente com suas diferentes sabedorias por uma idéia em comum, sendo cada vez mais multidisciplinares. Sempre aperfeiçoando novos métodos de colaboração conjunta, reconhecendo e aplicando suas potências. [...] A compreensão do coletivo como fortalecimento de objetivos e potenciais, além da dissolução de problemas e divisão de etapas e mão de obra de trabalho, sem que com isso o individual se dilua, é o próprio desafio do homem global e sua prática na cultura contemporânea. Não se trata de massificação igualitária e utópica, mas igualdade de condições e possibilidades geradoras. É o coletivo que afirma a individualidade e a potencializa em direção a uma relação aberta com o mundo.” (HORIZONTE NÔMADE, Manifesto)²

Nestas iniciativas coletivas encontram-se diversas questões significativas emergentes da própria estratégia de ação dos participantes. O questionamento sobre o lugar e o papel do artista e seus limites amplia noções de autoria para além da produção poética, pois permite a promoção de encontros e a criação de espaços provisórios ou permanentes, organizados e gerenciados pelos próprios artistas para discussões que incentivem a invenção de formas de pertencimento, não isolando a produção artística da produção do pensamento. O que faz com que grupos se constituam são posturas ideológicas e interesses comuns, seguidos por motivações que levam a determinadas ações, agindo de acordo com a complexidade do momento histórico e social por meio de processos alternativos que aportam reflexões e resistência ao sistema da arte e ao sistema sócio-político e econômico vigente. Associações, redes, iniciativas interdependentes aos padrões de exposição e ordens canônicas estabelecidas na sociedade geralmente organizam-se de maneira não hierárquica, cujos integrantes possuem plena conscientização de seus processos.

“[...] estes artistas têm ainda que administrar a dimensão política de seus deslocamentos e atitudes, conscientes de como esta sua ação de agenciadores influi na trama de contatos que constituem o circuito de arte [...], que influi diretamente na recepção de sua própria produção [...]” (BASBAUM, In: Panorama da Arte Brasileira 2001, p. 39).

O que se pretende reafirmar é a existência e a importância das estratégias coletivas que com suas atuações contribuem para o redimensionamento do sistema das artes brasileiro e dão uma outra dinâmica ao seu funcionamento.

2 <http://www.corocoletivo.org/horizontenomade/index.htm>

2. COLETIVOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL

Encontra-se em diversas cidades brasileiras um número significativo de coletivos de artistas. Esses agrupamentos ao mesmo tempo em que possuem características comuns, também possuem peculiaridades, sejam por suas diferentes estratégias, objetivos, propostas, distintas formas organizacionais, todos com dimensões significativas dentro do universo em que atuam. Muitos desses grupos usam outras vias de realização que consideram mais pertinentes com suas próprias concepções de arte e propõem outros trajetos de circulação para suas produções. Estes agenciamentos coletivos se preocupam também com a publicação de um vasto material para documentar e alargar a circulação das propostas de ação coletiva e de produção individual, além de promover um espaço para a discussão. Nesta realidade encontram-se as ações da Orquestra Organismo, que serão investigadas posteriormente.

Abaixo uma lista de coletivos que destacam-se pela diversidade e abrangência de propostas, tendo alguns estreita relação com a Orquestra Organismo:

- *Situação* (Curitiba, PR, 2002) - Associação para a Valorização da Cultura Regional Sul Brasileira - tem como foco principal o fomento da cena cultural curitibana; e seu conseqüente engrandecimento e reconhecimento. Formado por André Alves Wlodarczyk, João Marcelo Veras Martins, Luis Gustavo Pimentel Slomp, Rafael Wasmann, Rafael Sobczak, André Luiz Pimentel, André Luiz Barbosa de Melo, Cristiano Cesar Peixó, Maurício César Pellizzari, Christian da Cunha Santos, Alexandre Bronneau Bueno, Marcio D'ávila Cargnin, Daniel André Sabino, Juliano Domingues, entre outros colaboradores.
- *Estúdio Livre* (Brasil, 2005) - Ambiente colaborativo em constante desenvolvimento que tem por objetivo a formação de espaços reais e virtuais que estimulem e permitam a produção, a distribuição e o desenvolvimento de mídias feitas com *Softwares Livres*. Até a data de finalização desta monografia contava com 493 colaboradores de várias partes do Brasil.³

³ <http://www.estudiolivres.org>

- *Interlux Arte Livre* (Curitiba, PR, 2002) - Grupo de artistas plásticos e de pessoas interessadas em arte e música, através de interferências no ambiente buscam em suas poéticas e experimentações a transformação do ecossistema urbano.
- *Upgrade do Macaco* (Porto Alegre, RS, 2003). Com intuito de sempre "ampliar" a visão do homem quanto a sua pequenez e a sua participação no mundo, perder a noção do tempo e espaço, não usar a mente como um simples receptáculo de memórias e racionalismo, mostrar que ainda somos crianças no universo, o grupo pretende ultrapassar a idéia de que a tecnologia pode nos suprir por inteiro. Participantes: Gustavo 9li, Carla Barth, Geraldo Tavares, Emerson Pingarilho, Guilherme Pilla, Tinico e Trampo.
- *Horizonte Nômade* (São Paulo, SP, 2002). Grupo de estudos com o propósito de, entre outras ações, desenvolver projetos relacionados à intervenção urbana. Em seu manifesto, menciona ser um coletivo disposto a agregar outros coletivos, com a finalidade inicial de ocupar a Praça Roosevelt (ponto arquitetônico, histórico, social e político da cidade São Paulo) em 2003. Embora a ocupação não tenha sido de fato realizada, seu desdobramento deu início ao projeto CORO Coletivo. Participantes: Sofia Panzarine, Flávia Vivacqua e Fúlvia Molina.
- *CORO* (São Paulo, SP, 2003) - Propõe a partir de reflexões sobre a coletividade e iniciativas autônomas a potencialização da rede de coletivos de arte, ações continuadas, redes de trocas e espaços independentes. É coordenado por Flávia Vivacqua.
- *Chelipa Ferro* (Rio de Janeiro, RJ, 1995). Propõe uma reflexão sobre a percepção e os condicionamentos que a sujeitam valendo-se de experimentações em instalações, *performances* e shows. Participantes: Luiz Zerbini, Barrão, Chico Neves e Sergio Mekler.
- *Grupo Camelo* (Recife, PE, 1996). Agremiação de artistas que questiona a lógica do sistema das artes brasileiro e propõe uma indagação sobre o papel e o lugar do artista de maneira *nonsense*. Participantes: Ismael Portela, Marcelo Coutinho, Oriana Duarte e Paulo Meira.

- *Linha Imaginária* (Brasil, 1997). Rede de artistas de todo o país que organiza mostras coletivas buscando ampliar a visibilidade para produções e processos de pesquisa em arte. É coordenada por Sidney Philocreon e Mônica Rubinho. Organiza o mapeamento da diversidade da arte brasileira na contemporaneidade.
- *Clube da Lata* (Porto Alegre, RS, 1998). A partir do interesse comum dos seus integrantes pela fotografia *pinhole*, este grupo se formou em torno da idéia de concepção de projetos que envolvem interesses individuais e de busca de viabilização para os mesmos. Participantes: Adriana Boff, Bárbara Nunes, Betina Frichmann, Claiton Dornelles, Juliana Angeli, Ricardo Jaeger e Tiago Rivaldo.
- *AGORA – Agência de Organismos Artísticos* (Rio de Janeiro, RJ, 1999/2003). Procura fomentar a produção e a reflexão sobre arte propondo alternativas a sua circulação, coordenada por Eduardo Coimbra, Raul Mourão e Ricardo Basbaum. O AGORA trabalhou em parceria com o Capacete Entretenimentos por dois anos e meio, formando o espaço AGORA/Capacete. Após o fim desta parceria o AGORA funcionou até março de 2003.
- *Alpendre* (Fortaleza, CE, 1999). Organização não-governamental que reúne artistas e pesquisadores de diferentes áreas. Divide-se em núcleos coordenados por integrantes nas áreas de artes plásticas (Eduardo Frota); dança e teatro (Andréa Bardawil); linguagens visuais (Alexandre Veras, Beatriz Furtado e Sólton Ribeiro); literatura (Carlos Augusto Lima e Manuel Ricardo de Lima) e projetos de editoração (Luis Carlos Sabadia e Alexandre Barbalho).
- *Atrocidades Maravilhosas* (Rio de Janeiro, RJ, 2000). Funciona como agenciador da produção artística coletiva, dentre as ações realiza intervenções no espaço urbano, valendo-se sempre de mídias de comunicação de massa, principalmente na forma de lambe-lambes e cartazes espalhados pelas ruas do Rio de Janeiro. Participantes: Adriano Melhen, Alexandre Vogler, Ana Paula Cardoso, André Amaral, Arthur Leandro, Bruno Lins, Clara Zúñiga, Cláudia Leão, Ducha, Edson Barrus, Felipe Barbosa, Floriano Romano, Geraldo Marcolini, Guga, João Ferraz, Leonardo Tepedino, Luis Andrade, Marcos Abreu,

Ronald Duarte, Rosana Ricalde e Roosivelt Pinheiro.

- *MICO* (São Paulo, SP, 2000). Integrantes com formação diversificada, suas intervenções propõem uma reflexão sobre a cidade e questionam a inserção do artista no sistema das artes, ampliando a noção de arte para além do que ela recebe deste mesmo sistema. Os participantes optam pela não-divulgação de seus nomes.
- *Grupo Urucum* (Macapá, AP, 1997). Busca difundir a arte do Amapá propondo uma discussão em torno da identidade cultural amazônica e buscando intercâmbios com outros artistas brasileiros. Uma de suas ações, intitulada "Os Catadores de Orvalho Esperando a Felicidade Chegar", consiste em espalhar (vestindo óculos de natação) penicos coloridos no período de migração em que as andorinhas passam pela cidade para a coleta de orvalho.
- *APIC! – Artistas Patrocinando Instituições Culturais* (Porto Alegre, RS, 2001). Criado por Maria Lúcia Cattani e Nick Rands é um manifesto e um logotipo que qualquer artista pode usar como material de divulgação ao arcar com as despesas de exposição de seus trabalhos em instituições culturais públicas brasileiras.
- *CEIA – Centro de Experimentação e Informação de Arte* (Belo Horizonte, MG, 2001). Idealizado e coordenado por Marco Paulo Rolla e Marcos Hill, visa promover eventos que possibilitem trocas de informações e estabeleçam contatos entre artistas que buscam outras formas de visibilidade para sua produção.
- *Laboratório – Grupo de Experiências Multimídia* (São Paulo, SP, 2001). Formado por videoartistas, músicos, dj's, fotógrafos e performers que pretendem criar diálogos entre diferentes mídias. Apresenta-se em vários espaços como instituições ou espaços comerciais buscando um público diversificado.
- *Miolo – Espaço de Arte Contemporânea* (São Paulo, SP, 2002). Espaço voltado à divulgação da produção de artistas jovens, com ênfase em projetos e trabalhos experimentais. Propõe debates e oportunidades de reflexão. Participantes: Ângela dos Prazeres, Henrique Oliveira, Renata Madureira, Violeta Rios Vera e Nino Cais.

- *A.N.T.I. Cinema*. Criadores de filmes de artista que negam toda forma de elaboração e de atuação e têm como princípio incorporar imprevistos, "deixar acontecer, resgatar as coisas boas da vida". Contam como integrantes "todos aqueles que de alguma forma estejam dentro de um excerto de A.N.T.I. cinema", afirma o ativista Mathias Fingermann.
- *A Revolução Não Será Televisionada*. Começou como produção independente para a TV (veiculada no Canal Universitário), protagonizada por "um guerrilheiro urbano fictício que utiliza a arte como arma". Com formato experimental e atitude claramente política, o programa aglutina vídeos de artistas diversos, animações e imagens cotidianas, que em geral versam sobre o espaço urbano e seus prolongamentos, costuradas por intervenções em *off* do personagem narrador guerrilheiro. O laboratório multimídia teve um desdobramento expositivo no evento *Mídia Tática Brasil*, onde apresentou *displays* de banca de jornal figurando personagens midiáticos e ações na rua. É realizado por Daniel Lima, Fernando Coster, André Montenegro e Daniela Labra.
- *Bete Vai à Guerra* (São Paulo, SP). Egresso do teatro, o grupo faz ações que atravessam o cotidiano dos transeuntes sem que esses percebam tratar-se de uma ação artística, como jogar futebol na faixa de pedestres enquanto o farol está fechado ou distribuir pão com manteiga pelas ruas.
- *EmpreZa* (Goiânia, GO). Grupo que trabalha sobretudo com *happenings*, *performances*, interferências urbanas e em circuitos, sempre priorizando o uso do corpo, alargando e questionando a tradição da *body art*. O coletivo surgiu como grupo de estudos e segue valorizando a discussão sobre arte. Formado pelos artistas Fábio Tremonte, Maria Beatriz Miranda, Paulo Veiga Jordão, Mariana Marcassa, Babidu, entre outros.
- *Entorno* (Brasília, DF, 2001). Atua principalmente com intervenções públicas de cunho político, como a ação "Lavagem da Praça dos Três Poderes" (1º de dezembro de 2002) e a reocupação de espaços abandonados pelo poder público, instalando novos marcos de fundação (mudas de árvores). É formado pelos artistas André Santangelo, Marta Penner, Clarissa Borges, Valéria Pena-

Costa, Nazareno, entre outros.

- *Formigueiro* (São Paulo, SP e Rio de Janeiro, RJ). Grupo interdisciplinar de discussão e intervenção em mídias. Apropria-se de formatos de alta ou baixa tecnologia gerando trabalhos coletivos em espaços públicos que questionam o discurso corrente sobre arte e tecnologia. O grupo apresentou no evento *Mídia Tática Brasil* a instalação "Universos Paralelos Mídias Alteradas", que tematizava e denunciava "o blefe como obra". Formado por Christine Mello, Giancarlo Lorenci, Inês Cardoso, Leila D, Lucas Bambozzi, Nancy Betts, Rachel Rosalen, Ricardo Basbaum, entre outros.
- *Fumaça* - Movimento caracterizado pela efemeridade dos eventos, comporta-se como a fumaça que, seja pequeno ou grande o local que ocupa, se expande até tomar todo o espaço e, tão rápido como surgiu, desaparece. Duas grandes ações-surpresa do *Fumaça* tomaram de assalto o corredor de artes plásticas da Faap, em São Paulo, em 2000, ocupando o espaço do chão ao teto com obras dos alunos, que reivindicavam uma retomada da faculdade.
- *GRUPO* (Belo Horizonte, MG, 2002). Realiza uma série de intervenções no centro da capital mineira. Apresentou em São Paulo os trabalhos coletivos "Setas", na região do Carandiru, "Plantação de Poste", em Belo Horizonte, e "Propaganda Política Dá Lucro!!!", espécie de inserção em circuito ideológico que consistia na distribuição de um panfleto de divulgação de um curso para publicitário *free-lance*. É formado pelos artistas Antônio de Araújo, Brígida Campbell, Daniel Saraiva, Fernanda Guimá, Marcelo Terça-Nada!, Vagner Villa Nova e Rafael Martini.
- *Laranjas* (Porto Alegre, RG). Estabelece interligações afetivas entre espaços da cidade. Durante o Fórum Social Mundial, fez uma intervenção-laranja, ligando o beco do Mijo ao acampamento do Fórum, tapando os buracos nas ruas e calçadas do percurso entre os dois pontos com uma massa de gesso laranja. É formado pelos artistas Patrícia Francisco, Cristiano Lenhardt, Jorge Menna Barreto, Fabiana Rossarola e Cristina Ribas.
- *Núcleo Performático Subterrânea* (São Paulo, SP) - Os participantes assumem como inspiração do núcleo a filosofia do filme "Os Idiotas", de Lars von Trier, e

protagonizam ações abobalhadas pelas ruas de São Paulo.

- *Rejeitados*. "Coletivo de coletivos", o grupo tem número de integrantes indeterminado e defende a implosão do sistema seletivo de salões de arte e projetos curatoriais em geral.
- *RRADIAL* (Rio de Janeiro, RJ). Formado por Alexandre Vogler, Luis Andrade e Ronald Duarte, o grupo defuma a cidade do RJ com uma chaminé portátil circulante ("Fumacê"), realiza a festa de Ano Novo no 11 de setembro e frita ovos em ruas de Bangu ("Ovo no Asfalto")
- *Transição Listrada* (Fortaleza, CE). Defende que intervir no cotidiano das pessoas é uma forma de contribuir na transformação da cidade. O grupo (Renan Costa Lima, Rodrigo Costa Lima e Vitor Cesar) atua na própria cidade, "não como um espaço de exposição, mas como um lugar próprio", e expõe registros em fotografia ou vídeo na BASE, uma casa utilizada como espaço de trabalho da *Transição* e lugar de discussão e circulação de arte. Aberta a experimentações, a BASE recebe intervenções de outros artistas por meio do projeto CURTA (mostra de uma noite).

A quantidade de grupos é imensa, cito ainda: *Única Cena, Res-to, Latuff, Bijari, Açúcar Invertido, Batukação, CEP 20.000, Bicicletadas, After-ratos, As 712 baratas, Atelier 491, Atelier DZ9, Artesquema, Bairro 24hrs, Confeiteiros sem fronteiras, Phoder Paralelo, Poro, Sid Moreira, Telephone Colorido, Videohackers, ZOIX 1999, Museu do Poste, EPA!, Dezenhistas, Casa da Ponte, Esqueleto Coletivo, M.T.A.W., Recombo, Cine=Olho, Casa de Cultura Tainã, Os Charlatões, Metareciclagem, BaseV, Los Valderramas, TEMP, Ruído/mm, Chave Mestra, Expressão Sarcástica, SHN, Faca, Valmet, Ogrupovapor, EIA, Pipoca Rosa, Coletivo Rua, Videoclube Falcatrua, Rizoma, Cocadaboa, Midiatática, MediaSana, CMI, Rádiovivre, Ystilingue, Vitoriamario, Ari Almeida, entre muitos outros.*

3. SURGIMENTO DA ORQUESTRA ORGANISMO

Refletir sobre nossos atos faz-se necessário, pois são rastros e servem como mapas que constantemente nos *confundorientam*. De início alerto que as páginas seguintes podem não dar conta da complexidade do surgimento da *Orquestra Organismo*. Longe da limitação de um diário autoreferencial, esforça-se na compreensão das circunstâncias que propiciaram o encontro de seus integrantes, determinados procedimentos e bases conceituais adotados nas ações que sucederam no decorrer de 2005 e início de 2006.

Em linhas gerais, o coletivo *Orquestra Organismo* surge do encontro entre os integrantes do *Matema*⁴ com Octávio Camargo⁵ em meados de 2005. Com o propósito de implementar o *EmbapLab* - Laboratório de Música Computacional do Curso de Composição e Regência da *Escola de Música e Belas Artes do Paraná*, Octávio Camargo convida Glerm Soares para participar da elaboração do projeto. Glerm Soares, envolvido no *Matema* com experimentações no campo da música que faz uso de softwares livres, sugere a instalação dos mesmos no computador do laboratório, sob o argumento de que além de reduzir custos propiciaria o entrosamento do *EmbaLab* ao movimento do software livre e sua comunidade de usuários e desenvolvedores⁶, convergindo ao objetivo artístico, científico e educacional intencionado por Octávio Camargo. As atividades do *EmbapLab* ganham potencial pela colaboração voluntária de artistas, pesquisadores, educadores, universitários e técnicos em computação que identificam no laboratório um núcleo de desenvolvimento interdisciplinar na pesquisa estética com ferramentas tecnológicas livres.

Deste fato, nasce uma estreita relação entre Octávio Camargo e o *Matema*,

4 Inicialmente os integrantes do Matema eram Lúcio de Araújo, Glerm Soares e Nillo da Rocha Jr., ambos tocaram juntos na banda Boi Mamão (1993-1998). Em 2004, Gustavo de Souza, até então batedor da banda Black Maria, por tocar com Lúcio de Araújo e Glerm Soares na banda Rádio Macumba (2001-2002), é convidado a participar das gravações do álbum *Dissolve et Coagula*, passando a se integrar ao grupo.

5 Octávio Camargo (1967-) possui uma trajetória bastante eclética que permeia várias áreas da arte. Com formação em música, é compositor e professor de Harmonia, Estética e Música Experimental na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Desenvolve a montagem oral do texto completo da *Ilíada*, de Homero. Além da Orquestra Organismo é também integrante do coletivo Museu do Poste.

6 Em especial o Estúdio Livre, Metareciclagem, Rádio Livre e projeto Pontos de Cultura do MINC.

grupo experimental de música eletroacústica com influências de pós-rock. Desde a criação, em 2003, com base nas composições e memórias de projetos anteriores⁷, engaja-se na produção sonora de maneira independente, no estudo e pesquisa de softwares livres, na realização de um circuito alternativo de artes performáticas multimídia e na comunicação via webrádio livre⁸.

Em um estúdio-laboratório localizado no segundo andar da Galeria Ritz, bem no centro de Curitiba, realizam-se reuniões, ensaios e gravações. *Matema* aos poucos transforma o lugar em um espaço orgânico voltado para experimentação, pesquisa e livre criação. Um resumo destes encontros pode ser contemplado no álbum *Dissolve et Coagula*, resultado de dois anos de gravações e finalizado em 2005.

Às poéticas desenvolvidas pelo *Matema* neste período agregam conceitos de fontes diversas que vão desde influências musicais à psicanálise e antropologia – ou de Debord à Delleuze – inúmeros termos e idéias como: desterritorialização, nomadismo, caos, casulo, espetáculo, estrutura, desejo, contracultura, realidade;⁹ do manifesto *Upgrade do Macaco*¹⁰ de Emerson Pingarilho às dislexias de *vitoriamario*.

Em texto de apresentação o grupo sugere:

{ Matema }

Embrião

Para explicar os fluxos e mecanismos da linguagem humana sem estar contaminado por sua carga semântica, o psicanalista Jacques Lacan utilizava-se de equações e "grafos" aos quais referia-se como MATEMAS (termo que condensa o "mitema" de Lévi-Strauss e "mathêma", palavra grega que significa conhecimento).

Sinapse

MATEMA é álgebra assim como música é estrutura, assim como poesia é letra sobre papel. É ciência pura infiltrando-se nos ritos de catarse. Onde a subjetividade deseja ao máximo a demanda do objeto. Onde a explosão de sentido empírico gera a { ilusão (?) / certeza (?) } de unidade. Onde o 1 se une ao 0 para formar para sempre um novo significado para 10 (isto pode não ser dez).

{ Ceci n'est pas [(Der Weltseele) aqui agora] Am I YoU? }

MATEMA propõe a transcodificação de toda e qualquer percepção cognitiva, bem como fluxos neurais imaginários, em um vórtice de ondas inarmônicas, puros ciclos senoidais no microcosmos dos arquétipos do som e fúria.

Trata-se do próprio intonarumori bioconcreto profetizado por Russolo em 1913, percorrendos perturbados sintomas dissonantes do pós-rock ao racionalismo numérico tecnológico da música eletroacústica. Trabalhando desde o determinismo absoluto dos algoritmos até o jogo de azar onde se esconde o sujeito da palavra

7 Principalmente os projetos Boi Mamão, Malditos Ácaros do Microcosmos, Rádio Macumba, Jason e Vitoriamario.

8 RádioMat e Programa do Divino.

9 Ver anexo B - Tutorial para a construção de organismos casulo.

10 Ver anexo D - manifesto Upgrade do Macaco de Emerson Pingarilho

"sentimento".

A resultante desta complexa equação com n variáveis é uma simbiose, um dilema de transubstanciação da forma em tempo. Neste plano, a matéria passa a ser simultaneamente organizada e desorganizada na pulsão do inextrincável.

Ao estado das palavras e das coisas MATEMA é incisivo. Como ativismo político enuncia sua colaboração na desconstrução dos mecanismos de poder vigentes, instigando a criação de novos signos profiláticos à virulenta síndrome da alienação. Com instrumentalização catártico-poética vem operar diretamente na psique do humano, exato ponto onde os tabus se desmoronam.

```
{
enquanto
MATEMA = aquilo que é enquanto sempre foi ;
MATEMA = MATEMA / MATEMA * MATEMA ;
enquanto enquanto
}
```

exemplo: PROGRAMA DA REVOLUÇÃO MOLECULAR

(Telegrama - Máquina I)

MATEMA número MATEMA

Não considerar o desejo uma superestrutura subjetiva que fica pisca-piscando. Fazer o desejo passar para o lado da infra-estrutura, da família, do ego e a pessoa para o lado da antiprodução.

Abandonar uma abordagem do inconsciente pela neurose e a família, para adotar aquela, mais específica dos processos esquizofrênicos, das máquinas desejantes. Renunciar à captura compulsiva de um objeto completo simbólico de todos os despotismos.

Desfazer-se do significante.

Deixar-se deslizar pelos caminhos das multiplicidades reais.

Parar de ficar reconciliando o homem e a máquina: sua relação é constitutiva do próprio desejo.

Promover uma outra lógica, uma lógica do desejo real, estabelecendo o primado da história relativamente à estrutura. Promover uma outra análise, isenta do simbolismo e da interpretação, e um outro militantismo, arranjando meios para libertar-se por si mesmo das significações da ordem dominante.

Conceber agenciamentos coletivos de enunciação que superem o corte entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado.

Ao fascismo do poder opor as linhas de fuga ativas e positivas que conduzem ao desejo, às máquinas de desejo e à organização do campo social inconsciente. Não é fugir, você próprio, "pessoalmente", dar o fora, se mandar, mas afugentar, fazer fugir, fazer vazar, como se fura um cano ou um abscesso.

Fazer os fluxos passarem sob códigos sociais que querem canalizá-los, barrá-los. A partir das posições de desejo locais e minúsculas, pôr em cheque, passo a passo, o conjunto do sistema capitalista.

Liberar os fluxos, ir longe no artifício, cada vez mais.¹¹

Em meio a esta avalanche conceitual estrutura-se metaforicamente a idéia de um corpo sem órgãos batizado de *Organismo*. Confabula sobre a necessidade de um espaço em um servidor de Internet para o arquivamento de músicas e documentações, bem como ações de comunicação e publicação colaborativa. Em

¹¹ Ver anexo A - Prefácio para a análise do disco "Dissolve e Coagula", Matema por Felipe Luiz Cordeiro

conversa com os membros da *listaleminski*, Glerm expõe como estratégia:

Gostaria de propor a reflexão, a possibilidade de criar uma “cooperativa” para sustentar um local onde funcione o servidor Organismo, atualmente temos espaço locado num servidor em São Paulo (com espaço em HD limitadíssimo).

Um espaço que abrigue o servidor e também algumas máquinas metarecicladas com livre acesso a internet, um telecentro nosso, onde possamos nos reunir para blogar, produzir e preparar metodologias para implementar isso em outros lugares, trazendo possibilidade de gestão do espaço. Poderíamos colocar uma máquina com 300GB de HD e prover um acervo, além de com isso organizar o baú dos envolvidos. Com isso também sustentar uma cultura mais prática, com troca de conhecimentos palpáveis e suporte mútuo. [...]

O que seria mais interessante é que se pudesse prover este espaço como uma “cooperativa”, mantendo-o no limite possível "desinstitucionalizado", permanecendo autônomo (por mais que pudesse costurar participação em processos institucionais), semelhante ao estúdio Matema. O essencial é que tenhamos soberania nas decisões conceituais sobre o espaço.¹²

Dias depois registra-se o domínio *www.organismo.art.br*. Em funcionamento desde 2005, o *site* atua como uma espécie de portal articulador que abarca de modo dinâmico toda a cadeia de projetos e seus possíveis desdobramentos, incluindo os *sites* já existentes relacionados ao *Matema*, entre os quais: *Apodrece e Vira Adubo*, sites de bandas e pessoais. Este ambiente propiciou posteriormente o site da *EmbapLab* e o nascimento da revista eletrônica *Hackeando Catatau*, que com estrutura de *blog*, abriu espaço à livre publicação, possibilitando de maneira dinâmica postagens rápidas e a poética de editoração.

Da afinidade entre o Octávio Camargo e o *Estúdio Matema* nasce então a *Orquestra Organismo* como um fluxo artístico interdisciplinar e colaborativo agenciador de inúmeras ações: o *Desafiatlux*, a ação teatral *Leminski - A Justa razão aqui Delira*, os encontros do *Polavra*, ações ligadas a software livre - como a ocupação do casarão da UPE¹³ e o *Cozinhando Puros Dados* na galeria Ybakatu.

As primeiras tentativas de definição conceitual do grupo são encontradas no folder da ação *Desafiatlux* e na primeira edição da revista eletrônica *Hackeando Catatau*, abaixo citadas:

12 SOARES. G. *MOCÓ para o ORGANISMO em 2006 -> Desafiatlugar*. Listaleminski. enviado em 20 dez.2005. Acesso em: 20 fev. 2007.

13 Ver anexo E – Carta de Octávio Camargo enviada ao Secretario da Ciência e Tecnologia do PR

“A Orquestra Organismo é um corpo semiótico agenciador de coletivos de arte. Este fluxo acontece em convergência com as ações de articulação entre os grupos: Matema, Museu do Poste, Embaplab, Dezenhistas, Epa, Iterlux Arte Livre, Esqueleto Coletivo, Situação, Ruído/mm, Upgrade do Macaco, Estúdio Livre, Debian-Pr, Midiatática, Zumbi do Mato, na listaleminski e na revista eletrônica HackeandoCatatau, por enquanto.” (folder da ação *Desafiatlux*)¹⁴

“A *Orquestra Eletroacústica Organismo* é um grupo de produção performática e composicional e pesquisa entre ciência e artes, que tem como principais núcleos de produção o Laboratório Embaplab, o Estúdio Matema e o Museu do Poste, usando ferramentas de produção livres e de código aberto (softwares livres), o grupo assume a função de promover e incentivar uma busca autônoma por novos meios de produção artística incentivando a criatividade no cientista e a curiosidade científica no artista. Para isso voltamos nossas pesquisas para um fim em produção de obras autorais, tornando a utilização de métodos computacionais e de engenharia de instrumentos um aprendizado em processo, possibilitando um aprendizado mais lúdico das ferramentas científicas, tornando-as parte orgânica do métier do artista.” (revista eletrônica Hackeando Catatau)¹⁵

14 Ver anexo F – Desafiatlux – texto do folder na íntegra

15 Informativo encontrado na coluna lateral do *blog Hackeando Catatau* em sua 1ª edição.

4. POR UM CONCEITO DE AGENCIAMENTO

A Orquestra Organismo, em meio às ações que idealiza e participa, tem constantemente refletido sobre questões relacionadas à *Agenciamento*, uma vez que se preocupa em proporcionar encontros relacionais entre seus integrantes com diversos organismos coletivos e artistas, repensando também o conceito de público e as formas de colaboratividade, bem como as metodologias empregadas para cada circunstância.

Para melhor compreender tal prática como especialmente significativa faz necessário apontar algumas características referentes à noção de *Agenciamento* na arte contemporânea. Para BASBAUM, “o circuito oficial das artes – instituições culturais tradicionais, galerias, revistas, jornais, entre outros – devido aos seus costumeiros entraves burocráticos, em muitas ocasiões demonstra-se anacrônico em seu funcionamento, não sendo raro adotar postura quase sempre conservadora e excludente.”¹⁶

O depoimento de MANO cedido à RIVITTI vem acrescentar à questão:

Paradoxalmente, na medida que deixam em evidência o tratamento que dispensam à arte – espetacularização e objeto de consumo – grande parte destas instituições se perdem no curso, enfraquecendo-se como canal para difusão da arte contemporânea.

Enquanto muitas das intenções e necessidades da produção mais recente trazem em seu bojo problemáticas inerentes aos espaços institucionais, outras produções estão simplesmente passando longe desses ambientes. Trata-se de experiências realizadas fora do chamado “circuito oficial”. Mais do que por falta de espaços, estes movimentos, desenhados por artistas, respondem principalmente à natureza dos projetos, mais independente em relação às estruturas dadas. Há muito se tem percebido certa liberdade para que essa produção decida em qual terreno ampliar suas ações. Um contexto que facilita a ocorrência de novos projetos, sem que estes sejam imediatamente tachados, enquadrados ou consumidos.¹⁷

Como complemento às visões de BASBAUM e MANO, cito ainda o depoimento do artista tailandês TIRAVANIJA:

16 BASBAUM, Ricardo. E Agora? In: FERREIRA, Glória. VENÂNCIO FILHO, Paulo (Org.) *Arte & Ensaios* n° 9. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes. UFRJ, 2002. pág. 85-93.

17 RIVITTI, Thaís. Inserções Silenciosas. Entrevista com Rubens Mano. IN: *Circuito - Revista* n.01 – Centro universitário Maria Antônia. USP São Paulo, 2005.

Todos os sistemas (e as instituições) já foram esgotados, e temos tudo isso como referência. Conhecemos os êxitos e os fracassos, conhecemos seus desejos e devemos saber como resistir às idéias que não são úteis e apropriar-se do que for utilizável. Este vazio pode ser preenchido com idéias, que estão ausentes em grande parte das instituições, talvez como alternativas paralelas, embora estas também sejam uma forma de instituição.¹⁸

Para BASBAUM, o conceito de *Agenciamento* está próximo da idéia de produzir valores e intervir em um certo campo cultural que passa diretamente pelas linguagens que o proponente está mobilizando em seus processos e atuações. Visando a mobilização de estratégias e táticas de ações nos diversos campos da arte, o conceito propõe dinamizar e trazer alternativas à produção imaterial e circulação de idéias de maneira interdependente. Ao mesmo tempo como veículo e objeto, o *Agenciamento* passa a deslocar-se a partir das demandas práticas e produtivas. Assim, mais do que uma ferramenta de ação, o próprio modelo de condução e seus mecanismos posicionam-se como um processo de elaboração de linguagens e de formas de ação, assumindo propriamente seu potencial de reinvenção da adequação.

Há, portanto, uma distinção do sentido habitual atribuído ao termo *agenciamento*, não se tratando da mesma noção de cunho empresarial adotado pelas galerias de arte, escritórios, centros culturais ou mesmo cooperativas de artistas, que em muitos casos restringem a intuits especificamente mercadológicos. O conceito de *Agenciamento* que tento esclarecer está voltado à capacidade de sustentar idéias sem a necessidade da economia estabelecida, desvinculado dos interesses de mercado.

O modelo de *Agenciamento* proposto pela Orquestra Organismo enquadra-se no conceito visto acima. Dotado de autonomia própria e com fortes traços de informalidade em seu funcionamento, o coletivo se constrói na medida da disponibilidade de seus integrantes, que agem sem maiores expectativas, reduzindo suas ansiedades e procurando quase sempre evitar ações em antecipação, o que em nada compromete no grau de envolvimento ou esforço despendido de cada um. Realizando ações na medida em que elas surgem e desaparecem, como um laboratório quando há pessoas interessadas em experiências, ou tornando-se passagem para os

18 LAGNADO, Lisette. *Contra a Nostalgia*. Entrevista com Rirkrit Tiravanija. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2772,1.shl>. Acesso em: 05 nov. 2006.

que não necessariamente desejam interferir.

Semelhante postura político-poética adota MANO:

Não se deve criar expectativas em relação aos projetos, tampouco imaginar as ações como propostas transformadoras, e sim, pensar nelas como inserções silenciosas, que procuram sugerir, atuando em uma linha limite entre o estar e o não estar na condição de arte, realizadas sem que as pessoas saibam se tratar de um projeto ou serem informadas de que o que ali se apresenta deriva de uma prática artística. Como a participação não está pré-determinada, não há como prever a extensão ou a natureza dessas experiências. Elas podem inclusive não se dar ou acontecer algum tempo depois, como memória.¹⁹

Os encontros da Orquestra Organismo são marcados por ressonâncias internas e discussões contínuas onde cada integrante deposita bastante ênfase no aprendizado durante a experiência, são poéticas abertas e processuais que de maneira espontânea reatualizam suas próprias práticas de invenção. Configurada por relações não hierárquicas que promovem agilidade e flexibilização na condução, a Orquestra Organismo enfatiza como modos de ação as relações com outros grupos convergentes à experimentação e invenção de possibilidades. Quando em contato com agentes e circuitos, procura escapar do perverso processo homogeneizante e das armadilhas que estes carregam consigo pelos seus sistemas burocráticos administrativos e de produção, que aos poucos podem impor um ritmo viciado que acaba por desviar as energias do coletivo para finalidades pouco proveitosas e interessantes. Em casos de se deparar com tais situações, o que não é raro, como por exemplo fornecedores, procedem-se ações como conversa, blefe, barganha, troca, partilha, ou ainda improvisação, deriva, desmonte, entre outras formas de invenção e variação.

O interesse considerável neste tipo de projeto acontece devido às personalidades que são suas colaboradoras potenciais, e gerido com base na rede de afetos, na possibilidade de confabular e no modo como fluxos de desejos emergem, organiza e transforma-se em experiência. Para a Orquestra Organismo, agenciamento significa promover situações poéticas de aventura e compartilhar diversas experiências. Sob o signo da transdisciplinaridade, interpola os vários campos do conhecimento e relações intermediáticas com livre trânsito entre diferentes linguagens

19 RIVITTI, Thaís. Op. Cit.

e meios de expressão.

Referente ao *Desafiatlux*, como expansão do conceito de *Agenciamento* são os esforços empreendidos na reconstrução do próprio local do acontecimento artístico, sua configuração em um campo para experimentações, processos de trocas de valores, leituras, memórias, percepções, sensibilidades, conversas, relacionamentos ou mesmo ócio, onde as convergências não excluem as diferenças.

Nesta rede de afetos abrem-se possibilidades de conhecer, vivenciar, experimentar o encontro com o mundo e com o outro, no resgate do instante, do insignificante, do detalhe e da sutileza, que a rápida apreensão das coisas em muitas ocasiões torna imperceptível. A poética do cotidiano, do sublime no banal em contraposição com as vertigens de urgência existencial atualiza nos sujeitos e nos objetos o deslizar do fluxo da vida – um alinhamento de forças de intensidade entre arte e vida. Em um campo ampliado de experimentações configurado de processos de expressão, de modos de sentir, de pensar próprios de cada um, com suas histórias e contingências, nasce como processo natural uma ética formada na prática, na vida conectiva, em encontros efêmeros e na capacidade de produção imaterial.

Estas situações de intimidade e afetividade de natureza híbrida são constituídas a partir da produção do comum propiciada por pessoas com estórias simples; imagens despreziosas em relação à espetacularização da vida e ao peso de grandes acontecimentos dão margem à confabulação de histórias atravessadas pelas experiências cotidianas capazes de dizer algo sobre uma força indizível presente na leveza dessas estórias, nos diferentes prazeres despertados pela experimentação quando em conexão com o mundo.

Ao se compor como campo de forças sociais, não-hierárquicas e coletivas, o *Agenciamento* ganha potência contra os dispositivos de poder de uma sociedade aberta ao livre conflito; faz uso de características de descentralização e horizontalidade para estabelecer uma zona autônoma paralela aos sistemas de vigilância e controle que organizam a sociedade. Assim, o processo de *Agenciamento* é reinventado constantemente, onde esforços são despendidos ao engajamento à mobilização de percursos de possibilidades que sejam matrizes para outras possibilidades.

Uma vez que o campo poético é lugar de impacto transversal e a

intensidade das experiências processadas não se presta à simples quantificação, percebe-se que a própria operação de construir modelos e colocá-los em funcionamento já é índice de um resultado efetivo. Valoriza o próprio processo de continuidade. A prática de *Agenciamento* incita a situações magnetizadoras de interesse, não importa se por longo tempo ou apenas por instantes.

5. MEMORIAL DE AÇÕES

Orquestra Organismo desde sua concepção tem desempenhado esforços em um ciclo de ações muitas vezes complexo de ser descrito ou categorizado, embora aqui se tenha optado por dispor ações em separado, estas não devem ser entendidas como independentes uma das outras, mas pelo contrário, em inúmeros momentos se entrecruzam e complementam como desencadeamentos espontâneos que caminham juntos em um mesmo processo de construção poética.

As ações descritas são: *Desafiatlux*, *Leminski: A Justa Razão Aqui Delira*, *Hackeando Catatau*, *ListaLeminski*, *Polavra*, *Andante Allegro*, *Costurando Pontos e Cozinhando com Puros Dados*.

5.1. DESAFIATLUX

No período de 15 de agosto a 30 de setembro de 2005 realizou-se no SESC da Esquina de Curitiba o *Desafiatlux*, um projeto concebido pelo coletivo Orquestra Organismo, cuja proposta era a transformação do espaço ofertado em um núcleo de experimentação participativo, disponível ao público para o desenvolvimento dos mais variados tipos de ações. Como fio condutor, foi previamente elaborado um cronograma baseado na metáfora do ciclo de vida de um organismo. Optou-se pela adoção de ferramentas eletrônicas bastante democráticas como estratégia de comunicação: a *listaleminski* e a revista eletrônica *Hackeando Catatau*. Da articulação com diferentes coletivos e indivíduos novas proposições de ocupação foram surgindo, tais como: *metareciclagem*, trocas em ambientes virtuais, *happenings*, intervenções visuais e sonoras, encontros de poesia, reuniões, debates, ações performáticas, teatrais e urbanas.

Embora circunscrito ao município de Curitiba, o projeto teve direta ligação a outros grupos do Brasil e do exterior através de redes tecnológicas de comunicação mediadas por telefonia e computador (internet). A ligação dos equipamentos em rede possibilitou trocas com artistas de outras regiões com propósito de repensar formas de trabalho em ambientes virtuais. O processo de ocupação aconteceu de forma

continuada e colaborativa com encontros de artistas que atuam em diferentes linguagens. Através de incursões e interferências no espaço, ora em forma de *happenings*, ora como espaço de mostra e exposição, foi instigada a participação do público. Uma situação para a reflexão da contemporaneidade.

5.1.1. Precedentes

A idéia de elaborar o *Desafiatlux* surgiu da aprovação de uma proposta de exposição individual enviada por mim ao SESC da Esquina em janeiro de 2005. Por estar sempre articulado com projetos de caráter coletivo, resolvi reelaborar, junto à Orquestra Organismo, a sugestão inicial, de um formato tradicional de exposição, para algo que condissesse com os conceitos dos projetos nos quais estava envolvido:

- *Companhia Iliadahomero de Teatro*, dirigida por Octávio Camargo, estudo e montagem oral do texto completo da *Ilíada*, de Homero. Tem por objetivo realizar uma apresentação integral dos cantos da *Ilíada* na forma de monólogos teatrais. O grupo, formado por 24 atores, estuda a obra de Odorico Mendes desde 1999. O texto é encenado sem cortes, ressaltando a diversidade imitativa e dramática da prática dos rapsodos.
- *Museu do Poste* – Fluxo artístico desdobrado da coletiva de intervenções *PARANÁPARAPOSTEPARA*, ocorrida na Galeria do Poste, Niterói, em 2002, a qual contou com a participação de 6 artistas paranaenses, dentre os quais Margit Leisner, com a proposta *Ônibus*; e Octávio Camargo, com *poste amarrado no poste*. *Ônibus* principiou como uma placa de parada de ônibus num poste, indicando o trajeto Niterói-Curitiba-Niterói, que com o apoio do *Espaço Cultural Betobatata* materializou-se também num ônibus de viagem, proporcionando o traslado de estudantes, artistas e dos gestores da *Galeria do Poste* no roteiro previsto. A proposta *poste amarrado no poste* também fez viagem, proporcionando o deslocamento não só do objeto *poste*, como também a introdução, em Curitiba, do circuito artístico de intervenções em postes de iluminação, inaugurando assim o *Museu do*

Poste.

- *Escritório* - Ação realizada em uma exposição coletiva no MAC do Paraná em setembro de 2004. De concepção de C. L. Salvaro, foi literalmente montado em uma das salas do museu um escritório com intuito de prestar serviços à comunidade através do agenciamento e divulgação de ações artísticas. A obra serviu como crítica às instituições de arte que muitas vezes não cumprem determinados papéis importantes e acabam fechando os olhos para várias ações artísticas que ocorrem na cidade.
- *Domingo na Urbe* - Proposta pelo coletivo Interlux Arte Livre, aconteceu em 03 de julho de 2005 e consistiu em intervenções artísticas em um posto de gasolina abandonado localizado na esquina das ruas Tapajós com a Solimões, estima-se que participaram ativamente cerca de 200 pessoas.

5.1.2. O nome

O termo *Desafiatlux* foi retirado do seguinte trecho do livro *Catatau* de Paulo Leminski:

Mas um discípulo, tido como incapaz, tirou a máscara e abanou-se com ela, a muitos ventos abandonado, - *desafiatlux!* (grifo meu) A arte está sempre certa, porisso (sic) os mestres são teimosos. Tudo feito nada dito; estamos feitos. Mas não sou um que arreta e toma nota, peida e respeita, tosse e se coça fungando os sons de mim: muita voz diz os sons de além. Declamo mas não declaro, não esclareço nem reclamo, proclamo as aclamações! A cabeça muda de clima e já começa a mudar de figura, caça a prêmios! (LEMINSKI. p. 71)

Segundo CUNHA e CINTRA, *composição* é um processo de formação de palavras pela junção de dois ou mais radicais, resultando em uma idéia única e autônoma, independente do significado de cada termo que as compõe, entretanto por se tratar de um termo de feitura híbrida e neológica torna-se inviável o fechamento dos significados em uma definição única. Menciono dois que destacam forte oposição de idéias:

- Aglutinação entre os termos *desafia* (conjugação do verbo desafiar na segunda pessoa do singular do imperativo presente: *desafia*) + *fiat lux*, conhecida

expressão bíblica citada no primeiro livro de Moisés chamado Gênesis, em que Deus impera sua vontade perante as trevas: “Disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz” (Gênesis, cap. 1, ver. 3. p. 1).

Outro trecho menciona:

Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E criou Deus o homem à sua imagem: fê-lo a imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea. (Gênesis, cap. 1, ver. 26-27. p. 2).

Destas duas citações pode-se interpretar *desafiatlux* como: *desafia fazer a luz*, no sentido da incitação ao desafio de criar.

- Utilização do prefixo *des* + a vogal de ligação *a* junto com o termo *fiat lux* – descrevendo então a ação contrária ao imperativo *faça-se a luz!*, tendo portanto: *desfaça a luz!*

Na época em que o nome foi adotado, os integrantes da *Orquestra Organismo* estavam estudando a obra de Paulo Leminski face a um convite ofertado pela atriz Claudete Pereira Jorge para a participação de uma ação teatral intitulada “*Leminski: A justa razão aqui delira*”, encenada no dia 22 de setembro de 2005 no mini auditório do Teatro Guaíra, véspera do julgamento do Organismo no *Desafiatlux*.

5.1.3. Rastreando a instituição

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição prestadora de serviços de caráter privado, desenvolve atividades nas áreas de lazer, cultura, educação, saúde, alimentação, assistência e esporte tanto em grandes centros urbanos como e comunidades distantes. No Paraná atua desde 1948 com a primeira sede na Capital. A unidade SESC da Esquina está localizada na região central de Curitiba. Como ações e atividades culturais desenvolve exposições, espetáculos e cursos de música, dança, teatro, literatura, entre outras modalidades.

Conforme o SESC, a instituição garantiria a infra-estrutura mínima para que o projeto fosse realizado. Enviei então uma lista dos materiais necessários, entre

eles um cabo de rede onde pudesse conectar um *hub* para os computadores (uma linha telefônica exclusiva com acesso rede através de uma ADSL de link dedicado), durante os meses de ocupação foi possível realizar ações em ambiente virtual.

5.1.4. Concepção da ocupação

O local ofertado para a instalação do *Desafiatlux* foi uma grande sala usualmente utilizada para exposições no estilo tradicional, em que obras acabadas são distribuídas minuciosamente no espaço para apreciação do público, este formato geralmente limita as pessoas à posição de observadoras, acabando por excluí-las do processo de criação, impedindo trocas e situações inéditas. O caráter estático deste tipo de exposição é pouco interativo. Descontente com este modelo, as ações do *Desafiatlux* procuraram romper com este paradigma, muitas delas partiram do conceito de recombinação da tríade artista – obra – público onde o espaço não mais fosse considerado somente como local para exposição de trabalhos, e sim como espécie de 'Q.G.' (ou um 'escritório') para articulação de ações e reflexões que pudessem repensar desde o cubo branco, a instituição de Arte, as redes de trocas, a comunidade, o ecossistema, enfim, toda situação na qual o projeto estava inserido.

Ao longo da ocupação, muitas pessoas colaboraram com o desenvolvimento das ações, como não houve um controle efetivo de quem participou em cada etapa e entendendo o *Desafiatlux* como uma ação comunitária e colaborativa, a fim de evitar o inconveniente de faltar com alguém optou-se por não mencionar nomes.

5.1.5. Descrição do espaço

A sala ocupada localizava-se no final do corredor do segundo andar do prédio. Passando por suas portas de vidro, percebia-se que o espaço interior era retangular, cujas medidas eram de aproximadamente 15 m de largura x 5 m de comprimento x 3,5 m de altura. Havia no lugar mais duas portas pequenas de *Eucatex* da mesma cor branca das paredes, não possuíam trinco, somente fechaduras tetra-chave, cada uma delas localizada nas extremidades das paredes laterais, uma dava

para uma pequena sala de vídeo, a outra para um atelier de artes. O chão era de tacos de madeira imbuia, como iluminação havia algumas lâmpadas halógenas, por toda extremidade superior da sala continha um suporte de ferro também pintado de branco, com o propósito de amarrar fios de náilon ou barbantes para a suspensão de obras nas paredes, no interior do cubo branco apenas uma tomada que brotava do chão e por fim ao lado de uma das colunas da porta, descia do teto um fio de telefone para o acesso à rede.

5.1.6. O início da ocupação

Inicialmente ocupou-se com desenhos e mensagens escritas com pincel atômico toda a extensão das portas de vidro. Instalou-se mais três tomadas que desciam diretamente do teto. Foram colocadas duas mesas compridas uma ao lado da outra no canto da mesma parede em que se localizava a porta, servindo como bancada para a montagem de computadores reaproveitados de máquinas antigas (metareciclagem), as bancadas ainda dispunham equipamentos e computadores com ferramentas livres (softwares livres) para que as pessoas pudessem usufruir livremente.

Um pano de algodão de 10 m de comprimento foi pendurado na parede oposta à porta, que com o decorrer do tempo foi sofrendo intervenções, este pano foi batizado de *Sudário*. Instalou-se por todos os cantos superiores auto-falantes que estavam ligados em amplificadores conectados nos computadores. No centro da sala uma pequena caixa de madeira onde foi sendo criada uma cidade imaginária, em seu interior foram instaladas quatro câmeras de segurança, estas imagens eram exibidas em um monitor localizado ao lado da caixa. Em um dos cantos montou-se com as sobras dos equipamentos, uma escultura eletrônica.

5.1.7. Ciclo de vida

O *Desafiatlux* adotou um cronograma semanal de ações temáticas a fim de explorar metaforicamente cada etapa do ciclo de vida de um organismo. Os rituais

propunham identificações afetivas entre os participantes, proposições inéditas de forma continuada.

5.1.7.1. Nascimento

Às 19h00 do dia 15 de agosto de 2005 (segunda-feira) - neste encontro de abertura foi estabelecido o ritual da pulsão de vida do Organismo e sua conexão com a sociedade. Como celebração, os presentes revelaram suas primeiras impressões diante da ocupação, houve produção de imagens e inúmeras trocas simbólicas.

5.1.7.2. Batismo

Dia 19 de agosto de 2005 (sexta-feira) – proposição de sincretismo de diversos cultos de diferentes crenças e religiões através de trocas simbólicas entre diversos coletivos e indivíduos. Algumas das manifestações ocorridas nesta data permearam pelo Umbanda, Catolicismo, Santo Daime, Igreja da Graça, Hare Krishna, Islamismo, entre outras, em contraposição o laicismo, ocorreram no local.

5.1.7.3. Perda da virgindade

Dia 26 de agosto de 2005 (sexta-feira) – Neste dia iniciaram-se ações fora do espaço do SESC. A ação urbana intitulada *Pipoca*, de concepção de Octávio Camargo, deu-se em pleno calçadão da Rua das Flores ao entardecer, consistiu em circular ao redor do chafariz da XV (localizado em frente ao extinto Cine Ritz) jogando esporadicamente estalinhos de pólvora no chão gerando sons de estouro, a ação duraria até que todos as “pipocas” acabassem, houve a participação de um grupo aproximado de 20 voluntários. Retornando ao SESC discursou-se sobre desconstruções de gênero e escolha, troca de genes e acasalamento, instalou-se a campanha do toque virginal ao lado da porta trancada do atelier de artes e ofertou-se tubos de ensaio para a coleta de esperma.



fig. 01



fig. 02

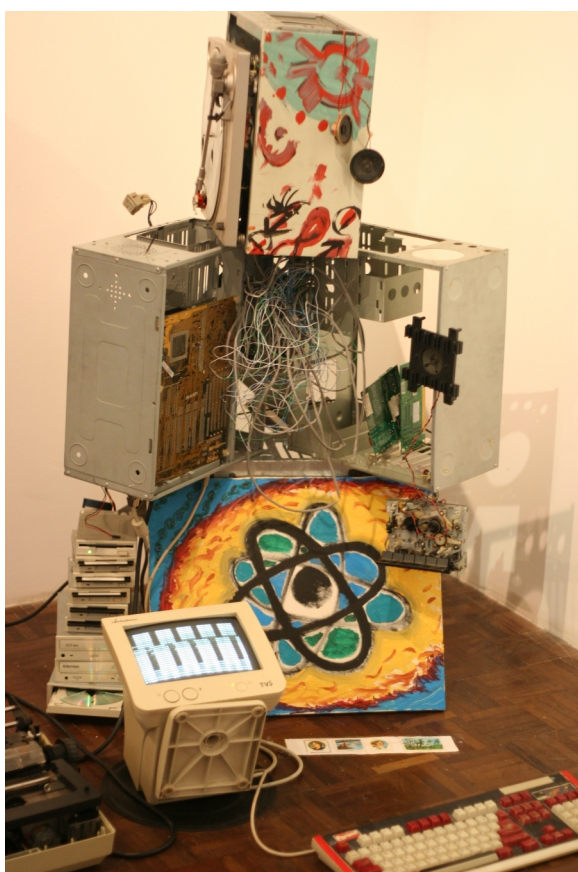


fig. 03



fig. 04



fig. 05

Fig. 01, *Desafiatlux – Imagem do folder*. 2005. Imagem: Lúcio de Araújo
 Fig. 02, *Domingo na Urbe*. 2005. Foto: Cláudio Celestino Jr.
 Fig. 03, 04, *Desafiatlux – Nascimento*. 2005. Fotos: Alessandra Okazaki
 Fig. 05, *Desafiatlux – Batismo*. 2005. Foto: Alessandra Okazaki

5.1.7.4. Formatura

Dia 02 de setembro de 2005 (sexta-feira) – O tema sugeriu a reflexão sobre arte e política, ativismo cultural, capital, propriedade, mercado, papel do artista, sistema de arte. Houve a exposição eletrônica de *cartoons* políticos do artista Solda. O encontro destacou-se pelas invocações, cantos, promessas e oferendas manifestados sincronicamente com o *Polavra*, de concepção de Sávio Nienkötter e Nils Skare, encontro poético-literário com a intervenção de ferramentas eletrônicas de software-livre. As performances foram captadas em arquivos de áudio e vídeo para posterior edição e manipulação. As pessoas estavam livres para participarem através de leituras poéticas, textos, improvisos, atuações, tocando, dançando, fotografando, enfim, agindo conforme desejassem.

5.1.7.5. Casamento

Dia 09 de setembro de 2005 (sexta-feira) – Sobre o fundo musical da Marcha Nupcial as ações voltaram-se para a aliança de clãs (patriarcado e matriarcado, o estruturalismo e parentesco) e a independência do Brasil.

5.1.7.6. Reprodução

Dia 16 de setembro de 2005 (sexta-feira) - Discussão da problemática sobre a identidade *Organismo* e seus futuros avatares (destino e impotência). Criou-se um ritual de popularização (banalização e profanação) do mito pela cidade, neste dia procurou-se documentar detalhadamente a instalação.

5.1.7.7. Julgamento

Dia 23 de setembro de 2005 (sexta-feira) - Como um tribunal de júri, houve o ritual de julgamento sobre o papel do Organismo na arte contemporânea, que recebeu a pena de jejum até a morte. Foi queimado um palito de fósforo que havia

sido prendido na parede desde o dia do nascimento e guardado dentro de sua caixa. O *Sudário*, pano que havia sofrido intervenções durante todo o processo, foi enrolado e guardado. Aconteceu também outra edição do *Polavra*. Este foi o último encontro no SESC da Esquina, após esta dada as portas da sala foram fechadas e houve o desmonte de toda a instalação.

5.1.7.8. Morte

O universo requer a Eternidade.
Os verbos conservar e criar,
tão Inimigos do mundo,
São sinônimos no Céu.
Jorge Luis Borges

Dia 30 de setembro de 2005 (sexta-feira) - O derradeiro ritual ocorreu no Cemitério Água Verde, sua escolha deu-se ao fato de nele existir um muro que o divide em dois, de um lado a parte católica e do outro a israelita. Assim, a ação efetivou-se em dois atos, a primeira em pleno dia, às 12h00 do lado de dentro, a segunda aconteceu durante a noite, às 19h40, do lado de fora.

No primeiro ato visitou-se o túmulo de Paulo Leminski, onde foi cantada a ladainha de Donald Shüler, tradutor do *Finnegans Wake* para o português:

Par tido? Eu o teria dito! Macool, porra, por quiski ocê murreu?
Foi de sede em terça merdinha? Chopes aos choupos no do Finnado
veludo velório, estrelas de tod anação, a prostração na
consternação e a duodizimamente profusiva plethora de
ululação. Havia à porfia pedreiros, casados, delgados, violeiros,
marinheiros, cinemen, de tudo. E todos giravam na mais alto-
falante showialidade. Agogue e Magogue rodeavam o grogue.
para a continuação da celebração até à de Gengiscão
exterminação! Alguns no tam-tam do tamborim, e mais, cancan no pranto.
pra cima no batuque pra baixo no muque . Tá duro, mas soberbo,
o Priapo d'Olin da! Se houve cabra alegre no tablado, era o Finnado. Afila
em cone a pipa de pedra, que pingue cevada! Adonde neste bosta y mundo
escuitarás loisa igual? Ir de pros fundos e dar desta à
fé deles? Acomodaram o Salmão em seu derradeiro leito. Com um abocálpise
de finnisky aos pés. E uma genesiaca barrica da loirespumante à cabeça.
Té que o tatal do fluido flua no duotal do fluminado, Ué! (JOYCE, 2003)

Logo após, direcionaram até o muro que divide o cemitério e deixaram

uma caneta em cima do muro declamando:

Pela paz de todos os povos na vida e a morte. Vai ficar aqui a caneta em cima deste muro, em ato simbólico a todos aqueles que escreveram, disseram e tentaram fazer algo melhor da sua vida, do que simplesmente usar os dentes com os quais nasceram... fica aqui neste cemitério então (e os mortos sabem disso melhor do que ninguém) de que nada adiantam muros... e que não é possível dividir... (CAMARGO, AZEVEDO e SOARES, 2005)

No segundo ato foi levado o *Sudário* do Organismo (pano) e a caixa do finado fósforo (com ele dentro) referente ao dia do julgamento. Pela calçada escolheu o exato ponto da divisa dos cemitérios, calculou-se uma linha imaginária que segue o muro até a calçada onde havia um poste e um gramado. Neste local foi pendurado no arame farpado que se sobrepõe ao muro uma placa de rede, cavou-se um buraco 7 dedos do chão, onde foi enterrado o palito de fósforo e por fim, enrolou-se o *Sudário* no poste, cortou-se sua assinatura e lá permaneceu.

Que todos os muros caiam!

Finn de Desafiatlux.



fig. 06



fig. 07

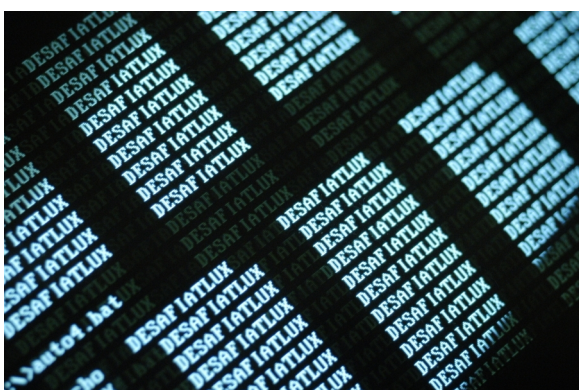


fig. 08



fig. 09



fig. 10



fig. 11

Fig. 06, 07, 08, 09, 10. *Desafiatlux – Batismo*. 2005. Fotos: Gilson Camargo
 Fig. 11. *Desafiatlux – Reprodução*. 2005. Foto: Lúcio de Araújo



fig. 12

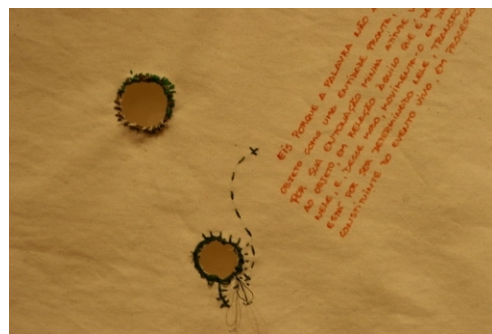


fig. 13



fig. 14



fig. 15

Fig. 12, 13. *Desafiatlux – Sudário*. 2005. Fotos: Lúcio de Araújo
 Fig. 14, 15. *Desafiatlux – Morte*. 2005. Fotos: Nillo da Rocha Jr.

5.2. LEMINSKI – A JUSTA RAZÃO AQUI DELIRA

Ação teatral em apresentação única realizada no Auditório Glauco Flores de Sá Brito (Mini Auditório) do Teatro Guaíra em 22 de setembro de 2005, de concepção da atriz Claudete Pereira Jorge e direção de Octávio Camargo, contou com a participação da Orquestra Organismo, Helena de Jorge, Jorge Brand, Rodrigo Ferrarini, Leo Bozo, Odacir Mazzarollo, Gilson Camargo, Gustavo de Souza, Mathieu Bertrand Struck e além da platéia.

Leminski – A Justa Razão Aqui Delira estabeleceu uma interessante articulação entre diversos artistas e grupos em Curitiba por empreender grande dedicação ao estudo da obra literária *Catatau* de Paulo Leminski. Sobretudo pelo processo que antecedeu sua apresentação, demonstrou-se extremamente importante para a concepção poética e compreensão dos desdobramentos de ações da Orquestra Organismo, entre elas a *listaleminski*, a revista eletrônica *Hackeando Catatau* e o *Desafiatlux*.

Quanto à apresentação performática e literária pretendeu-se que a ação estabelecesse um mínimo de determinismo, segundo Octávio Camargo haveria somente como marcação quatro momentos em que as luzes abaixariam por completo deixando o teatro em completa escuridão, após o quarto sinal a peça estaria encerrada, fato que acabou não ocorrendo, pois a ação se estendeu por mais tempo.²⁰

²⁰ Ver anexo C - ensaio da apresentação de Mathieu Bertrand Struck, disposto na íntegra.



fig. 16



fig. 17



fig. 18



fig. 19

Fig. 16. Cartaz da ação teatral *Leminski – A justa razão aqui delira*. 2005. Autor: Solda
 Fig. 17, 18 , 19. Ação teatral *Leminski – A justa razão aqui delira*. 2005. Fotos: Gilson Camargo

5.3. FÓRUM DE DISCUSSÃO E PUBLICAÇÕES NA WEB

A Orquestra Organismo utiliza a Internet como poética de criação de redes de afinidades e trocas de informação via lista de discussão *listaleminski*, ou através de ações de editoração e publicação de conteúdos em *sites* e *blogs* relacionadas à construção de documentação e acervo, com destaque para a revista eletrônica *Hackeando Catatau*.

5.3.1. Listaleminski

Uma lista de discussão é um endereço de email para onde várias pessoas interessadas em um assunto mandam idéias ou dúvidas e os demais participantes dão suas opiniões ou esclarecimentos sobre o assunto.

A lista de discussão *listaleminski* é um fórum dinâmico para articulações rápidas que existe desde 2005 cujo objetivo principal de promover o debate, informar, trocar idéias e contribuir para o desenvolvimento das discussões relacionadas aos projetos da Orquestra Organismo. Qualquer pessoa pode participar, independentemente de sua formação, atuação profissional ou idade. Até o final de 2006 contava com mais de 400 inscritos empenhados em ampliar conhecimentos, levantar questões, esclarecer dúvidas e até mesmo gerar polêmicas, sempre observando o caráter construtivo do tema em debate.

Octávio Camargo acrescenta:

A Listaleminski foi criada em 10 de Junho de 2005 como veículo para o desenvolvimento dramaturgico da peça "Leminski - A Justa Razão Aqui Delira". A peça foi encenada no dia 22 de setembro de 2005 no miniauditório do Teatro Guaíra. A estrutura aberta e participativa desta ação teatral possibilitou a convergência de outros fluxos artísticos coletivos na cidade como o Desafiatlux (no Sesc da Esquina), o movimento literário Polavra, e a recente ocupação do Casarão da UPE com as oficinas de Software Livre promovidas pelo Ministério da Cultura. A revista eletrônica Hackeando Catatau, também decorrente deste fluxo, vem integrando diferentes vozes artísticas e literárias no país e difundindo as ferramentas de publicação na internet em código aberto, assim como o conhecimento necessário para sua utilização. A Listaleminski e a revista eletrônica Hackeando Catatau são também o principal vértice de contato com o jornalismo estético de Surface Tension²¹ e suas publicações.²²

21 <http://www.errantbodies.org/main.html>

22 Em e.mail enviado na *listalesminski* datado de 15/10/2005

5.3.2. Hackeando Catatau

Um pouco mais antiga que a *listaleminski*, a revista eletrônica *Hackeando Catatau* surgiu em 28 de abril de 2005. Montada em formato de *blog*²³, tornou-se uma importante forma de experimentação em comunicação, editoração e *webart*, promovendo o envolvimento de artistas e usuários multiplicadores no uso de ferramentas livres. Ao contrário de muitos outros *blogs* organiza-se de modo descentralizado e aceita a contribuição de qualquer colaborador, bastando que este se registre previamente. Até o final de fevereiro de 2007 contava com mais de 100 colaboradores registrados e cerca de 850 *posts* publicados. Guarda uma documentação expressiva do conjunto de ações descritas nesta monografia. O endereço eletrônico é: <http://www.organismo.art.br/blog>.

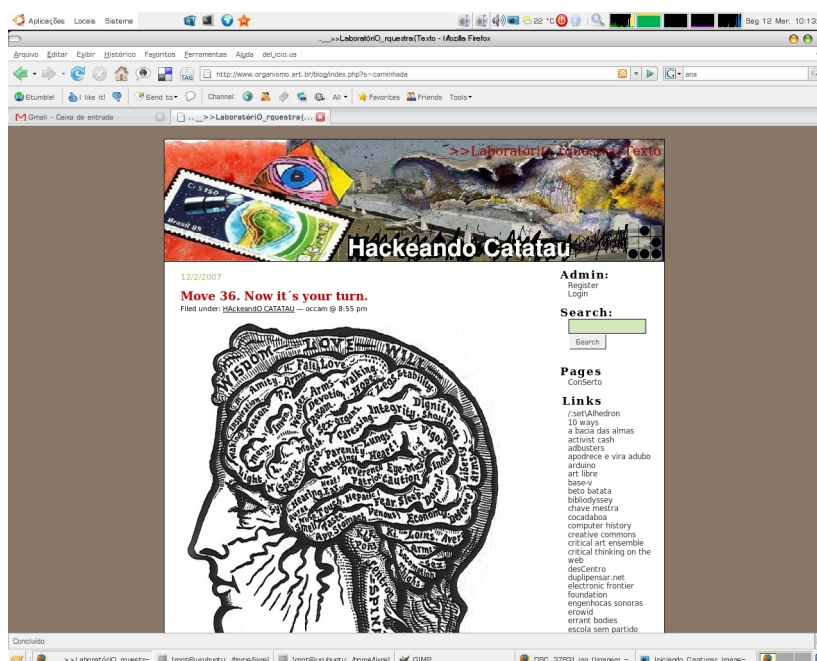


Fig. 20. Blog *Hackeando Catatau*. 2007. Foto: Lúcio de Araújo

²³ Ferramenta de publicação semelhante a um diário, em que as postagens são executadas de forma simples e rápida propiciando maior dinamicidade aos colaboradores. Em um *blog*, o *post* mais recente ocupa local de destaque visualizado logo que a página é carregada.

5.4. POLAVRA

Inspirado em *Hackeando Catatau*, o movimento *Polavra* nasceu do impulso de ativismo cultural dos alunos de Letras da Universidade Federal do Paraná. Trata-se de encontros poético-literários com a intervenção de ferramentas eletrônicas de software livre. As performances captadas em arquivos de áudio e vídeo servem como acervo para posterior edição e manipulação cujo resultado destas captações e manipulações são exibidos nos próprios eventos do *Polavra*. Autores apresentam suas obras – inéditas ou não – e leitores/*performers* apresentam obras de outros autores. As ações realizadas visam a não espetacularização e a não distinção entre artista/público ou apresentador/ouvinte. Entre os participantes estão Sálvio Nienkötter, Nils Skare, Glauco Mendes, Marina Ribatski, Lielson Zeni e Vanessa Rodrigues, conta com a participação de inúmeros colaboradores: Giselle Nienkötter, Letícia Magalhães, Jorge Piqué, Mario Domingues, Lígia Borba, Patrícia Reis Braga, Paulo Bearzoti, Laura Moosburger, João Debs, Katia Horn, Hélio Leites, Os federais, Marcel, Jorge Brant, Claudete Pereira Jorge, Irene Boschiero, entre outros.

5.5. ANDANTE ALLEGRO

Proposta por João Debs, os *Andantes* são ações de caminhadas que partem de um ponto central da cidade, geralmente da Praça 19 de Dezembro (Praça do Homem Nu), em direção à periferia ou a zonas rurais. “Andar como resposta às questões de método que privilegiamos em nossas vidas. [...] Trata-se simplesmente de um convite para uma ação livre, respeitando a liberdade de ir e não ir.” (DEBS, 2005)



Fig. 21. Cambalhota durante o *Andante Allegro* rumo à São Brás. 2005. Foto: João Debs.

5.6. COSTURANDO PONTOS

Procurando ampliar elos de afinidade e interação de diversos Pontos de Cultura da regional Sul da *Cultura Viva*²⁴, bolsistas do Cultura Digital com a *União dos Estudantes do Paraná* e grupos de artistas e ativistas, surgiu a iniciativa da ação de ocupação do histórico casarão da UPE²⁵, ocorrida entre os dias 12 e 15 de Outubro de 2005, em Curitiba. O espaço serviu como vetor essencial na intenção de potencializar as redes de articulação e trocas de conhecimento por qual permeiam os diversos grupos participantes.

Um conjunto de ações bastante ecléticas aconteceu durante a ocupação: dinâmica de apresentação entre os grupos, pontos de cultura, estudantes e instituições, exposição e compartilhamento de idéias e poéticas, shows de bandas, *jams*, performances, oficina de grafite, oficinas de gravação, produção gráfica (cartazes, *stickers*, revistas e *zines*), captação e edição de vídeo e animação, publicação na *web*, teleconferência e *webradio* - todas com o uso de ferramentas em software livre, ações integradas como a *Orquestra de Impressoras* e o *Xadrez Vivo* (usando o chão quadriculado da UPE), Poesia em ação, palavra falada e manipulação de voz com

24 Programa *Cultura Digital* do Ministério da Cultura

25 Edifício histórico da União Paranaense dos Estudantes do Paraná

recursos tecnológicos, debates sobre dramaturgia em processo, produção de figurinos e cenografia de papel, ações urbanas (*Andantes*, filmagens e grafitagens), ciclo de debates e discussão de resultados e experiências, oficina de metareciclagem (através da colaboração de doações de máquinas antigas), mostra de vídeos, bazares, além dos rituais de confraternização.²⁶

A ação proporcionou grande movimentação de pessoas ao longo dos dias, o que dificulta bastante o apontamento de todos os participantes. Abaixo segue a relação destacada no cartaz oficial de divulgação: *União Paranaense dos Estudantes do Paraná, Orquestra Organismo, Interlux Arte Livre, Polavra, Cultura Digital, Pontos de Cultura de Curitiba, Associação Situação, Ruído/mm, Matema, E.C.W., Leste da Montanha, CMI-Curitiba*, entre outros.

5.7. COZINHANDO COM PUROS DADOS

Realizado na Galeria Ybakatu, as ações foram elaboradas pelo intercâmbio dos integrantes dos coletivos Orquestra Organismo e *Surface Tension*: Glerm Soares, Octávio Camargo, Brandon LaBelle e Ken Ehrlich – de 14 de janeiro a 18 de fevereiro de 2006.

O *Surface Tension* procura interrogar e ativar formas práticas que empregam a complexidade dos espaços. Trabalhando como um coletivo internacional nômade de artistas, arquitetos, pesquisadores, escritores e ativistas, o *Surface Tension* resulta em projetos colaborativos e publicações, inicialmente desenvolvidos pela edição e produção de uma antologia abrangente da história e o legado da prática do *site-specific*, intitulado *Surface Tension: Problematics of Site*.

Tendo como principal núcleo a cidade de Curitiba, as ações buscaram estabelecer uma troca entre a compreensão local e a perspectiva estrangeira das diferentes formas de observar, negociar e interpretar o ambiente, a cidade e as suas atividades, estruturas, habitantes e rituais, investigando as infra-estruturas urbanas, espaços privados, culturas locais e globais. As colaborações resultaram na exposição

26 . Ver anexo G – Um dia dedicado ao *Artivismo*

de trabalhos, realização de *happenings* e transmissões de *webrádio*.

Por ter sido realizada em uma Galeria de Arte estabeleceu-se em uma zona de tensão, gerada pelo conflito entre a consciência dos participantes de todo processo e as implicações de atuar em uma galeria, considerando seus instrumentos, ideologias e história, com a suposta neutralidade contextual do lugar físico. Ou a tensão da preocupação dos participantes em suas inserções no circuito das artes oficial, onde a galeria atua muitas vezes como álibi ou mesmo como fetiche, em contraponto à não espetacularização e processo poético buscado pelos artistas da Orquestra Organismo.

5.7.1. Recordações da casa

Realizou-se uma pesquisa de reconhecimento sobre a casa onde funciona a galeria Ybakatu, inicialmente residência ocupada pela família Nissel em 1973 e convertida em galeria por Tuca Nissel em 1995. Uma vez conhecida sua história de reedificação, o processo de imaginação da casa como era antes de ser uma galeria converteu-se em um desenho/instalação referente ao passado do lugar, ainda como parte da ação foi realizada uma chamada aberta para colaboradores residentes locais e de outras partes do mundo para captarem registros sonoros dos ambientes de seus lares: sons de aparelhos, vozes de família, o rangido e sombras de acústica oculta, registros de cozinha e limpeza, propriedade de conversações, observação de televisão ou escuta de rádio, enfim variações de áudio derivadas do ato de habitar. Esses registros, dispostos através de *diskmans*, apareceram na instalação como murmúrios e sinais audíveis no espaço vivo da galeria.

5.7.2. Sistemas

Com a intenção de investigar as políticas de expansão e desenvolvimento dos setores públicos da cidade, associando a infra-estrutura tecnológica como um aspecto social, examinou o sistema de energia elétrica de Curitiba, convertido em uma ação de mapeamento da distribuição de energia dedicada à iluminação pública. Por outro caminho, com base nas questões de regiões de expansão destinadas às

hidroelétricas, os visitantes puderam montar em uma escultura mecânica derivada de uma bicicleta ergométrica, na qual o ato de pedalar gerava o movimento da água disposta em uma bacia.

5.7.3. Transportes

O *Transportes* aspirou à oportunidade de maior interação com o público através da criação de um *Carrinho de Papel*, medindo 2 m x 1 m, referente aos coletores de rua que circulam pela cidade em busca de lixo reciclável; e de uma *Mesa* utilizada nas ações “culinárias” realizadas na galeria ao longo do período de ocupação. Para confecção dos veículos foram utilizados restos de materiais de construção espalhados pela cidade. Ambos os transportes funcionaram como instrumentos de investigação, reunião, mapeamento, mobilização e intervenções por parte dos participantes.

As ações culinárias seguiram o seguinte cronograma:

- 20 de janeiro de 2006 – Octávio Camargo
- 27 de janeiro de 2006 – Claudete Pereira Jorge
- 3 de fevereiro de 2006 – Débora Santiago
- 10 de fevereiro de 2006 – Kátia Horn e Lígia Borba
- 02 de março de 2006 – Roberto Amorim

5.7.4. Cozinhando puros dados

A cozinha da galeria, espaço conectado com outros participantes através da Internet, serviu como incubadora do conceito antropológico de “Cru e Cozido” trabalhado por Levi Strauss. A criação de processos rituais estabeleceu uma dialética daquilo que inicialmente esteve na condição de dado “puro” (ou sem função) e que até o final do período da ação assumiu diversas dimensões de significado de acordo com as intenções e convergências dos “cozinheiros”. A cozinha também pôde ser interpretada como espaço de coletividade para a elaboração daquilo que alimenta – metáfora da cozinha como espaço de alquimia – onde a dialética ferve as intenções de

coletividade e a fome (ou gula) é um anseio que traz de volta a dimensão humana.

Abaixo uma descrição sobre o funcionamento da instalação Cozinhando

Puros Dados:

“1. Deve-se utilizar a cozinha do espaço da mostra e montar uma exposição plástica dentro dela, com rascunhos, pinturas, desenhos, esculturas, registros sonoros e audiovisuais, e principalmente objetos do cotidiano de participantes da ação, incluindo organizadores e visitantes da mostra que desejem interagir. Isto deve ser feito sem tentar tornar a cozinha uma “galeria”, o foco está em deixar disponíveis os “dados” a serem cozidos. Isto tornará a cozinha um espaço em comum entre os participantes, para encontros informais que tentam trazê-la para uma dimensão de “zona autônoma temporária” dentro do espaço onde os “dados” serão “fervidos”.

2. Simultaneamente ao local da mostra, pretende-se articular estruturas similares em diversas cidades do Brasil: Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Campinas, Belem, Porto Alegre, Recife, Brasília e Florianópolis e possivelmente outras cidades em locais distintos no mundo. Tal ação será articulada pela internet e seu processo de articulação também faz parte do registro de “dados” a ser reprocessado a cada ação.

3. Desconstruindo a percepção de “lar”, faremos música com eletrodomésticos como liquidificadores, batedeiras, aspiradores de pó, abajures, ventiladores; que devem ser pintados como telas brancas e cobertos de escritos com trechos poéticos, desenhos e instruções técnicas para as ações. Os eletrodomésticos devem ser trocados entre os locais distintos e ficarão nas cozinhas. Estes eletrodomésticos poderão ser controlados remotamente via Internet, por um website.

4. Serão programados rituais de “cozinha” no mesmo horário entre as cidades, considerando fusos, onde participantes preparam comida enquanto a ação é gravada em som e vídeo, desenhada, fotografada, escrita e este registro interage com os outros locais no mesmo instante pela internet recombinando e transformando dados. Esta “realimentação” de dados no espaço da cozinha causa uma sensação de simultaneidade e a cozinha passa tornar-se um local único que vence barreiras geográficas tornando os dados repertórios comuns de construção de realidades. Estas influenciarão ações diretas e relacionamentos entre esta rede. Os processos desencadeados pela “cozinha” também devem ser registrados e reprocessados em novos rituais de cozinha e futuras ações.

5. Tempere a gosto e leve ao forno.

6. Estimula-se o uso rítmico da cozinha, leitura de textos e poemas, musicalização do ato de cozinhar e da refeição. Pede-se o uso de diferentes línguas e sotaques ao fornecer os dados. Depois da refeição deve-se digerir os dados e consumir sua energia em ações diretas pelas ruas.” (SOARES, Glerm. Cozinhando Puros Dados, 2006)

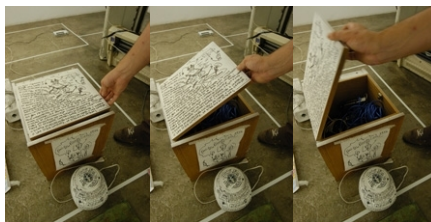


fig. 22



fig. 23



fig. 24

Fig. 22, 23. *Cozinhando Puros Dados* na Galeria Ybakatu. 2006. Fotos: Gilson Camargo.
 Fig. 24. Ação culinária e ritual de alimentação sobre a *Mesa*. 2006. Foto: Gilson Camargo.

6. CONCLUSÃO

Na tentativa de buscar as origens sobre estratégias de colaboração constatou-se que as manifestações culturais já nos primórdios da humanidade se expressavam através de relações e vínculos de coletividade. Ao longo dos períodos da história e por diferentes sociedades, posturas de compreensão sobre o coletivo e o individual assumem valores específicos. Para haver um melhor entendimento dos coletivos na contemporaneidade, recorrentes, sobretudo a partir dos anos 90, faz necessário estabelecer contextualizações, interpretando fatos do passado, dos quais as realidades do presente são conseqüências. Esta movimentação em muito é dada pelas novas possibilidades de comunicação, derivadas dos desdobramentos tecnológicos, como a informática e as redes, e em certos casos inspiradas em estratégias de grupos ativistas dos anos 60.

As estratégias coletivas descritas indicaram que a articulação realizada pelos artistas questiona e reafirma as necessidades de uma reflexão sobre a contemporaneidade. Muitas delas buscam alternativas contra a idéia de arte como espetacularização ou contra o fetichismo promovido por sistemas que reduzem a arte a objeto de consumo, entre outras deturpações e limitações.

Muitas das causas que levaram os artistas a se organizarem coletivamente surgiram através dos questionamentos dos modelos, concepções e políticas imperativas nas instituições responsáveis pela produção e promoção da arte. A construção de circuitos interativos tanto entre grupos locais, como nacionais e internacionais revela a preocupação na busca do diálogo com a comunidade e atrai uma dinâmica de mobilização e recombinação dos cenários culturais.

“Esse esforço poderá não só revigorar as atuais estruturas institucionais como também promover a modelação de um território cultural, um contexto relativizado, criativo e crítico, criado e mantido pelos próprios produtores da cultura.” (GROSSMANN, Martin. In: Basbaum, 2001, p. 358).

Proposições de agenciamento que privilegiam novos modelos de ação e percursos de inserção desalinham a seqüência produção-produto-distribuição-recepção

e evidenciam a inadequação deste esquema de arte na contemporaneidade.

Instigar processos colaborativos pressupõe uma dinâmica de comunicação transparente com livre acesso aos conceitos e aberta a sugestões e críticas. Para que as formas de atuação ganhem potência todos os envolvidos devem estar conscientes de seus papéis e do processo em curso, cuja natureza não hierárquica e interdisciplinar presume maior horizontalização de papéis em um pensamento voltado à autonomia, liberdade e conhecimento aberto. As ações experimentadas pela Orquestra Organismo, descritas e analisadas nesta pesquisa, apontaram esforços na elaboração de situações e ambientes colaborativos direcionando ações para trocas, reflexões e valorização do relacionamento.

7. REFERÊNCIAS

BASBAUM, R. (org.). *Arte Contemporânea Brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

_____. “E Agora?”. In: *Arte & Ensaios*, n. 9. Rio de Janeiro: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes-UFRJ, 2002.

_____. “O papel do artista como agenciador de eventos e fomentador de produções frente à dinâmica do circuito da arte”. In: CEIA Centro de Experimentação e Informação de Arte. *O Visível e o Invisível na Arte Atual*. Belo Horizonte: CEIA, 2002.

BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2002.

BÍBLIA. Gênesis. Português. *Bíblia Sagrada: Edição Ecumênica*. Tradução por Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Barsa, s. d. p. 1-2

BORGES, J. L. *História da Eternidade*. Rio de Janeiro: Globo, s. d.

BOURDIEU, P. e HAACKE, H. *Livre Troca. Diálogos entre Ciência e Arte*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BOURDIEU, P. “O Mercado de Bens Simbólicos”. In: _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perpectiva, 1992.

CABRAL, A. J. C. B. *Sociedade do Espetáculo e Resistência Juvenil: Estratégias Midiáticas na Formulação de uma Contracultura*. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18098/1/R0466-1.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2007.

CAMARGO, O., AZEVEDO, S. e SOARES, G. *Canetas derrubam muros*. 30 set. 2005. Arquivo mp3. Disponível em: <http://organismo.art.br/blog/?p=950>. Acesso em: 20 nov. 2005.

CAMARGO, O. “Carta de Octavio camargo enviada ao Secretario da Ciência e Tecnologia do PR: Sr. Aldair Tarcisio Rizzi” In: *Cultura Digital Orgânica chamando ping cwb-mundo -> estratégias para 2006*. Listaleminski. Envio em: 15 nov. 2005. Acesso

em: 12 fev. 2007.

_____. *Sobre a Listaleminski*. Listaleminski. Envio em: 15 out 2005. Acesso em: 12 fev. 2007.

CANETTI, P. *Sistema de arte ou sistemas de arte?* Disponível em: <http://organismo.art.br/blog/?p=130>. Acesso em: 20 nov. 2005.

CAUQUELIN, A. "A cidade e a arte contemporânea". In: *Arte & Ensaios*. Rio de Janeiro: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes-UFRJ, 2º semestre 1996.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

COCCHIARALE, F. A *(outra) arte contemporânea Brasileira: intervenções urbanas Micropolíticas*. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=222&secao=artefato>. acesso em: 10 fev. 2007.

CORDEIRO, F. L. *Prefácio para a análise do disco "Dissolve e Coagula", Matema*. Disponível em: <http://www.pinhaomusical.blogger.com.br/> Acesso em 07 nov. 2006

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

DOMINGUES, D. (Org.) *A arte no Século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1997.

FOSTER, H. *Recodificação, Arte Espetáculo, Política Cultural*. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.

FREIRE, C. *Poéticas do Processo: Arte Conceitual no Museu*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FISCHER, E. *A necessidade da arte*. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GOTO, N. *Remix corpobras*. Rio de Janeiro: UFRJ, EBA, 2004.

_____. *Sentidos e (circuitos) políticos da arte: Afeto, crítica, heterogeneidade e autogestão entre as tramas produtivas da cultura*. Disponível em: http://www.chavemestra.com.br/colet_Sentidos_-_e_circuitos_-_politicos_da_arte.pdf. Acesso em: 20 nov. 2005.

_____. *Situação “PR” – 69/01 _NDO_ Registro 1*. Gazeta do Povo, Curitiba, 16 dez. 2001. Caderno G.

_____. *Situação “PR” – 69/01 _NDO_ Registro 2*. Gazeta do Povo, Curitiba, 23 dez. 2001. Caderno G.

_____. *Situação “PR” – 69/01 _NDO_ Registro 3*. Gazeta do Povo, Curitiba, 30 dez. 2001. Caderno G.

HEEMANN, A. *Texto científico: um roteiro para estrutura, citações e referências de projetos e trabalhos monográficos*. Curitiba: Livraria do Eleotério, 2002.

HOME, S. *Assalto à Cultura – Utopia Subversão Guerrilha na (Anti)Arte do Século XX*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil: 1999.

HORIZONTE NÔMADE. *Manifesto Horizonte Nômade*. Disponível em:

<http://www.corocoletivo.org/horizontenomade/index.htm>. Acesso em: 24 fev. 2006.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUYSEN, A. “Mapeando o pós-moderno”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

KOPPE, J. *Arte ao alcance de todos*. Gazeta do Povo, Curitiba, 4 set. 2005. Caderno G. p. 3.

JOYCE, J. *Finnegans Wake/Finícius Revém*. Tradução de Donaldo Schüler. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LAGNADO, L. *Contra a Nostalgia*. Entrevista com Rirkrit Tiravanija. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2772,1.shl>. Acesso em: 05 nov. 2006.

LEMINSKI, P. *Catatau*. 3. ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

LIPPARD, L. R. “Mirando alrededor: dónde estamos y dónde podríamos estar.” In: BLANCO, P, CARILLO, J. CLARAMONTE, J. e EXPÓSITO, M. (org.). *Modos de hacer: Arte Crítico, Esfera Pública y Acción Directa*. 1. ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2001. p. 51–71.

MATEMA. *Matema*. Disponível em: <http://www.organismo.art.br/apodrece/amemus.html>. Acesso em 18 fev. 2007.

MATEVSKI, N. *Coletividade de indivíduos*. Gazeta do Povo, Curitiba, 1 set. 2004. Caderno G. p. 1.

MONACHESI, J. *O jogo das subjetividades convergentes*. Disponível em: <http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/Members/julmonachesi/materiasjul/artivismo2>. Acesso em: 12 fev. 2007.

MORAIS, F. “Arte brasileira: lo de afuera, lo de adentro”. In: *Catálogo da Primeira Bienal de Artes Visuais do Mercosul*. Porto Alegre: FBAVM, 1997.

NORVAL, B. J. *Dadá-Berlim Des/montagem*. São Paulo: Annablume. 2^a. ed. 1994.

ORGANISMO. *Tutorial para a construção de organismos casulo*. Disponível em: <http://www.organismo.art.br/apodrece/amecas.html>. Acesso em: 10 jan. 2007.

ORQUESTRA ORGANISMO. *Desafiatlux*. Disponível em: <http://organismo.art.br/blog/?p=77>. Acesso em: 12 fev. 2007.

ORTEGA, F. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PAIM, C. T. *Espaços de arte, espaços da arte: perguntas e respostas de iniciativas coletivas de artistas em porto alegre, anos 90*. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 2004.

_____. *Iniciativas coletivas de artistas*. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=233&secao=artefato>. Acesso em: 23 ago. 2006.

PINGARILHO, E. *Manifesto Upgrade do Macaco*. Disponível em: <http://www.upgradedomacaco.com.br/manifesto.htm>. Acesso em: 24 set. 2006.

RAMIRO, M. "Grupo 3nós3". In: *Parachute*, n. 116. São Paulo/Canadá: 4º semestre, 2004.

RIVITTI, Thaís. Inserções Silenciosas. Entrevista com Rubens Mano. IN: *Circuito - Revista n.01* – Centro universitário Maria Antônia, USP, São Paulo, 2005.

ROSAS, R. *Hibridismo Coletivo no Brasil: Transversalidade ou cooptação?* Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=285&secao=artefato>. Acesso em: 14 fev. 2007.

_____. *Notas sobre o coletivismo artístico no Brasil*. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2578,1.shl>. Acesso em: 02 ago. 2006.

SITUAÇÃO. *Um dia dedicado ao Artivismo*. Disponível em: <http://organismo.art.br/blog/?p=1005>. Acesso em: 12 fev. 2007.

SOARES, G. *Cozinhando puros dados*. Disponível em: <http://organismo.art.br/blog/?p=1297>. Acesso em: 19 fev. 2007.

_____. *MOCÓ para o ORGANISMO em 2006 -> Desafiatlugar*. Listaleminski. Envio em 20 dez.2005. Acesso em: 20 fev. 2007.

STRUCK, M. B. Leminski – A justa razão aqui delira. Disponível em: <http://organismo.art.br/blog/?p=1020>. Acesso em: 10 jan. 2007.

ANEXO A – Prefácio para a análise do disco "Dissolve e Coagula", Matema

Por Felipe Luiz Cordeiro

Faço deste texto uma autópsia para entender as causas e os princípios do óbito. Este disco foi lançado virtualmente, ano passado - momento de sua morte - início de outras vidas. Tudo que morre, apodrece e vira adubo. O primeiro contato que tive com o Matema foi através de um comentário sobre o show deles no “Rock de Inverno 5” (2004). Comentário este que lisonjeava a apresentação de duas bandas, das quatro que já haviam tocado. Eram elas: os Gengivas Negras e Matema. Bandas cientes de que a padronização anula o espírito crítico e a fantasia. Ambas levaram ao palco do antigo Cine Morguenal, onde ocorreu o festival na época, um show exótico. Os Gengivas Negras com suas máscaras e máquina de fazer ruído, e o Matema com uma espécie de orquestra de impressoras.

No mês seguinte, descendo as escadas do 92 graus, aguardava impressoras, mas trombei com câmeras de vigilância que transmitiam para pequenas tvs espalhadas no palco que sugavam o público e músicos pras telas. Os riffs, temas e letras soavam como martelos quebrando, era uma sátira da realidade monótona, uma quebra no ritmo do sistema. Sei que senti a necessidade de dar um parecer ao Glerm (vocalista) após o show, que estava rente ao balcão do bar. Realmente gostei, era a primeira vez que assistia e o som me pareceu um tanto pesado - mas pude sentir o pulso daquilo.

Tempos depois, recebi um convite para participar com um amigo de uma oficina de softwares livres (programas não vinculados a empresas, que tem como proposta a democratização da tecnologia do saber) lá na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Organizada pelo Octávio e alguns integrantes do Matema, a oficina tinha como objetivo interagir programadores e músicos. Chegamos a marcar presença na primeira reunião do grupo do estudo que acabou se dissolvendo futuramente. Mas ali pude entender um pouco o Matema, o organismo, a descentralização de um poder e estímulo através de pensamentos anárquicos que interagem entre si quando cada um encontra o seu lugar. Também a questão da tecnologia injetada na arte, quando a intenção da mente deixou de funcionar e relegou seu resultado às operações do acaso. Acaso este evidenciado quando fui convidado pelo Glerm a conhecer o estúdio do Matema, todo ritual e discurso que acompanha esta banda.

Então você entra na galeria, após as escadas, pega o elevador e vai até o 4º andar, entra no corredor de uma empresa, procura a cozinha e entra lá. No fundo, perto dos balcões tem uma porta, é onde eu vou estar. Lá é o estúdio.

As paredes pintadas, caixas de guitarra, o nome das músicas, instrumentos de percussão, pedais, grandes PAs, computador, teclado, um monte de entulho, pedaços de computador e o Glerm explicando como funcionavam aqueles programas que criavam timbres e frequências lá. Ligou o teclado no computador e começou a tirar um som de liquidificar com overdrive que tinha moedas e pilhas dentro - ou algum som derivado disso. E de repente resolveu me mostrar algumas músicas que estariam no disco do Matema, que estava prestes a morrer e ser enterrado na rede para navegar nas lembranças daqueles que pudessem crer: "O organismo casulo é sobretudo uma experiência de aprendizado científico. Uma nova proposta de acumulação do saber. O organismo Casulo inicia-se como uma alternativa ao consumo do espetáculo alienante produzido pelas máquinas corporativas e aos poucos vai

tomando lugar como uma nova forma de espetáculo, em que a produção de auto conhecimento e reflexão sobre a condição humana é constantemente aprimorada. O Organismo Casulo é espaço de acumulação e reprodução empírica do saber. Como no conceito deleuziano de máquina abstrata, o casulo está sempre na linha tênue e invisível de uma forma ainda não territorializada. E como o espaço de sua existência são as redes virtuais, sua forma será sempre mutável. Em fases mais avançadas de sua existência, o casulo torna-se um organismo auto-sustentável pela própria comunidade de células que vai gerar ao redor do mundo, que por sua vez estará gerando novos organismos casulos, trazendo equilíbrio e auto crítica no maquinário de exercício de influências e no próprio conceito de organismo casulo." (Solve et Coagula, fragmento da música 9 do disco).

Dissolve e Coagula

"A música não deve ser praticada por um só tipo de benefício que dela pode derivar, mas por usos múltiplos, já que pode servir para a educação, para proporcionar a catarse e, em terceiro lugar, para o repouso da alma e a suspensão de suas fadigas", Aristóteles.

O pensamento estético de esquerda também atribuí finalidade pedagógica às artes, dando-lhes a tarefa de crítica social e política, interpretação do presente e prospecção da sociedade futura. Este disco oferece exatamente isto, o serviço de emancipação do gênero humano, oferecendo-se como instrumento do esforço de libertação. Inicia-se com: "Corpos explodem em pedaços muito largos e duros, são carcaças que se rompem esquizofrenicamente cansadas de esconderem todos esses pensamentos libertários (...) a primeira revolução começa na carne (...)", uma referência ao manifesto digital "Upgrade do Macaco" (Emerson Pingarrilho). Saindo do ego, permanecendo no corpo, o instinto sobrevive sem etiqueta. O upgrade do macaco faz ode à essência, ao instinto e fragmenta-se em três atos, como a evolução do disco que é um drama teatral da libertação. Drama encenado numa sociedade que espreme as anomalias e que acaba por tragar, através de sensações inesperadas, a poesia enérgica e o questionamento.

São palavras encharcadas no óleo, como se fossem estopas que inesperadamente incendeiam os pensamentos. Palavras agasalhadas por arranjos cuidadosamente talhados ao tempo. Fragmentos de idéias, improvisos, que reciclados se transformam em belos suportes às ideologias, sarcasmos e dúvidas cuspidas hora em melodias apoiadas por várias vozes (puras, robóticas, graves, fúria, melancólicas...), hora entoadas como num discurso político anárquico, jogadas dentro do computador para serem recheadas de efeitos com os arranjos.

Uma miscelânea de temas muito bem abordados que trazem à tona o discurso inconsciente de músicos já adultos, que acreditam na experimentação - seja através do método de composição, na divulgação do disco, no subsídio do computador, nas performances ou no encontro das palavras com a música. Gravação excelente, momentos apoteóticos como nos discursos de "Dissolve et Coagula" e "Claustrofobia" que sintetizam a contenda que é o disco.

Interessantes idéias e colagens musicais, desde as mais simples como "Espelho" e "Refrônica" até as incríveis "Coroa do Pássaro Sagrado" e "Dúvida". A obra

se completa e não há buracos - é perfeita à sua proposta. E na última música do disco, "dissolvenos", a ilustre participação dos Gengivas Negras para auxiliar o derrame. Indiscutivelmente, o disco é o que de melhor foi produzido no ano de 2005 no Brasil. Apenas o tempo poderá mostrar o real valor desta obra que sintetiza perfeitamente o momento caótico em que vivemos.

Sábado, 23 de Setembro de 2006.

ANEXO B – Tutorial para a construção de organismos casulo

Por Organismo

O projeto casulo consiste na aplicação de um "savoir faire in loco" que transforma um espaço em plataforma de vitalização ou nascimento de um novo ser: doravante denominado organismo casulo. Este organismo criará vida e proliferará novas formas de reprodução de seu organismo físico que nasce já integrado a todo o organismo virtual booleano por meio das redes.

A localização geográfica do organismo casulo é mutável, podendo-se deslocar do espaço geográfico atual para futuras multiplicidades. Para efeito de nosso acompanhamento iniciaremos registrando o desenvolvimento e proliferação da célula "mãe" desta experiência: O Casulo Matriz.

A explicação de funcionamento será registrada em um tutorial. Registra-se todo o desenvolvimento deste organismo que cria vida a partir de agora.

Objetivos de um organismo casulo:

1. Produzir e divulgar conhecimento e gozo (auto reconhecimento empírico).
2. Promover uma existência válida ao ser humano despertando sua consciência de subjetividade.
3. Gerar uma cultura paralela à cultura alienada até a superação desta matriz.
4. Promover desenvolvimento técnico e tecnológico para tal possibilidade.
5. Divulgar e celebrar e criticar os produtos e obras empíricas geradas dentro do organismo: desenhos, músicas, vídeos, concertos virtuais, estudos.
6. Tornar-se uma realidade virtual integrada à interface homem-máquina.

O organismo casulo é sobretudo uma experiência de aprendizado científico. Uma nova proposta de acumulação do saber. O organismo casulo inicia-se como uma alternativa ao consumo do espetáculo alienante produzido pelas máquinas corporativas e aos poucos vai tomando lugar como uma nova forma de espetáculo, aonde a produção de auto conhecimento e reflexão sobre a condição humana é constantemente aprimorada.

O organismo casulo é um espaço de acumulação e reprodução empírica do saber como no conceito de máquina abstrata o casulo está sempre na linha tênue e invisível de uma forma ainda não territorializada. E como o espaço de sua existência são as redes virtuais, sua forma será sempre mutável. Em fases mais avançadas de sua existência o casulo torna-se um organismo auto sustentável, ou por outro ponto de vista, sustentada seus pelos fragmentos de consciência espalhados pelo planeta. Estes por sua vez estarão gerando novos organismos casulo, que equilibram o maquinário de influências do casulo matriz e criam uma dialética no mesmo nível macro cultural.

Discutiremos adiante as atividades e estudos almejados na primeira fase que criam o desejo motor do organismo casulo. Descreveremos as demandas externas e desejos internos que manipulam o equilíbrio de deste sistema. E sempre estaremos

vitaminando os apêndices com o suporte técnico desenvolvido neste processo e referências que o geraram.

Tutorial B p/dia 11/10/03 - demandas e desejos em conflito

O tutorial B basea-se sempre em aspirações surgidas e o mapeamento da demanda de produção. A partir do reconhecimento surgem as possibilidades de novas técnicas adquiridas e materialização plástica real->virtual do organismo casulo.

No momento atual o organismo casulo segue duas demandas:

O relator do tutorial sofre obsessões estéticas e produtivas e tenta paralelamente sustentar sua busca na instituição acadêmica integrada a sua matriz geradora. O quarto (parte itegrada na casa) é gerido por outros elementos que investem nesta ONG por misericórdia, compaixão e afeto ao relator. Ele segue documentando o processo, que inicia-se como uma utopia e breve tornará o organismo uma instituição, isentando o relator das demais organizações. A organização cosangüinea manterá sua conexão com o organismo casulo pela necessidade de afeto, sendo então os primeiros beneficiados por tal evolução. As Instituições matrizes de alienação (estados e corporações) servirão como base de estudo para a coopção de todos seus elementos para dentro do organismo casulo.

No presente momento encontra-se também no mainframe do organismo casulo uma garota, com semelhantes aspirações estéticas e entrópicas, que mantém relações afetivas e identificação erótica com o relator.

Configuram-se então as primeiras fontes demandas/desejo do casulo:

***DESEJOS**

- a. relator
- b. garota
- c. computador em que se digitaliza os memes.

***DEMANDAS MAIS PRÓXIMAS**

1. Cosangüineos de a e b.
2. Governos e Multinacionais.
3. Organização urbana da cidade contida em 2

***DEMANDA PRINCIPAL**

**** Você.

ANEXO C – “LEMINSKI – A JUSTA RAZÃO AQUI DELIRA”

Teatro Guaíra, Auditório Glauco Flores de Sá Brito, Curitiba-PR.

23 de setembro de 2005 - Apresentação única.

Por Mathieu Bertrand Struck

Espectáculos artísticos erigidos sobre sucessões e/ou colagens aleatórias de textos, sons e imagens, formando um “todo” ou um “tudo” subjacente, são, normalmente, arriscados.

Cai-se, com muita facilidade, na tentação do hermetismo fácil, exigindo-se do público que apreenda ou entenda relações de informação supostamente “inovadoras” e “modernas”, quando o que há é unicamente a repetição ad nauseam de velhos clichês e lugares-comum.

Hordas de consumidores vorazes para esse tipo de espetáculo (no mais das vezes, críticos e estudantes famintos por “experiências reveladoras”, “momentos totêmicos” e epifanias de todo gênero) ajudam a sustentar a farsa. Coisa que, aliás, diz muito mais sobre o público do que sobre o espetáculo propriamente dito.

A colagem, que poderia ser um aliado poderosíssimo para a construção de novos códigos (teatrais, musicais, sonoros, plásticos e visuais) é, via de regra, substituída por simples narcisismo e exibicionismo. Casos extremos convertem a mensagem em mero zapatismo cultural, desprovido de qualquer conteúdo metafísico, simbólico ou cognitivo.

Um erro comum é basear tais textos unicamente em fatos do cotidiano ou da contemporaneidade, não havendo uma ancoragem do argumento – ainda que implícita ou subterrânea – no atemporal ou no eterno. Prova de que faz muito mal ao Brasil não possuir uma edição decente de “Os Últimos Dias da Humanidade”, de Karl Kraus (só para ficar num exemplo).

Cria-se um paradoxo: o espetáculo é mais virtuoso quanto menos compreensível é – ou parece.

Curitiba, cidade dos aplausos fáceis e na qual qualquer espetáculo de meia-tijela encerra à noite com a platéia de pé (“quem come um, pede bis”), não teria, a rigor, a mínima necessidade de aplaudir Leminski – a Justa Razão Aqui Delira. O espetáculo, realizado numa fria e chuvosa noite de quinta-feira, véspera da primavera curitibana de 2005, não foi feito para isso.

Não se está a tratar de uma montagem feita para meramente divertir a assembléia do Planeta dos Macacos, a ser cancelado e carimbado para consumo popular, mediante um coral de estalos frenéticos. Tampouco pode o espetáculo ser considerado uma Arca de Noé rediviva, com assentos limitados a um diminuto rebanho de “eleitos” ou de “predestinados” (outro erro comum).

É, sim, a lógica do acidental, do casual, do eventual e, mais do que tudo, do quântico que permeia a construção da obra. Culturalmente, não há predestinados. Estes podem ter sido avisados que o espetáculo foi cancelado (como, de fato, aconteceu com cerca de 30 potenciais pagantes) e voltarem para casa. Só os não-eleitos assistiram.

Como é que fica?

Em outras palavras, a predestinação, em Leminski – a Justa Razão Aqui Delira, pode ser nada mais do que um conceito cultural, imagético. Na sociedade da informação, posso me fazer, a meu bel prazer e aleatoriamente, herdeiro de Atlântida, do Continente Perdido de Mü, do Hopi-Hari ou de Hi-Brasil. O que faz de nós nada além do que os predestinados de nossos próprios dramas individuais (não dos outros).

Não há tempo para que o espectador se lembre de bater palmas, de tanto que foi envolvido, ao longo de mais de duas horas de espetáculo, no manuseio permanente de códigos, linguagens e estruturas, em espírito de legítima confraria.

A tecnologia e a linguagem – e o papel do homem no manuseio (hábil ou não) dessas centelhas abandonadas pelos deuses (paternalistas ou negligentes, pouco importa) – são os grandes componentes unificadores do patchwork de idéias e experiências que resultou em uma das montagens mais emblemáticas da história do teatro curitibano.

A Orquestra Eletroacústica Organismo, em Leminski – a Justa Razão Aqui Delira, entre muitos insights bem-aventurados, nos recorda permanentemente, que, antes de sermos homo sapiens, fomos homo faber.

Os personagens propostos em cena não querem ser mais do que vetores – instrumentos também, portanto – das diversas ferramentas físicas e conceituais já envergadas pelo homem, ao longo de sua história simbólica.

E se há canetas, lousas, livros, réguas e instrumentos musicais – ainda imbatíveis – há também espaço para novas Lanças de Wotan, como o miraculoso CTR-C + CTR-V e os Oráculos Virtuais do momento (Google, Yahoo, Altavista e tutti quanti) que não se incomodam em listar Homero junto com Homer Simpson.

Somos também lembrados que tais artifícios podem até ter dobrado a produção humana de natureza faber, mas podem ter aniquilado a de natureza habilis.

As ferramentas em desfile - sim, é um desfile repleto de alegorias - são também conceituais. Cálculo, geometria, métrica poética, abstração literária, epopéia antiga, sofismas jurídicos, linguagem de programação, mantras e rezas penitenciais mesclam-se de forma, por vezes, espasmódica, quando não tentam competir entre si, como as plantas por um lugar ao sol, abandonando seus hospedeiros momentâneos ao serem proferidas, declamadas ou demonstradas.

Em alguns momentos, a sobreposição de camadas e códigos chega a ensurdecer o ouvinte, lembrando-nos que, no mundo hodierno, embora haja profusão de meios de difusão de idéias, ninguém ouve nada porque todo mundo fala ao mesmo tempo.

O fenômeno se repete no campo visual. Cada personagem de Leminski – a Justa Razão Aqui Delira, está, a cada instante, fazendo alguma coisa ou envolvido em alguma atividade. Não há silêncios, não há pausas. As cenas paralelas são múltiplas e plúrimas.

Uma clara metáfora do mundo, pois se presto atenção em algo, posso muito bem não ver o que se passa exatamente ao lado. Se vejo longe, posso não estar vendo perto. O Google Earth diz muita coisa, mas não diz se a grama do vizinho é mais verde.

Genicamente, os personagens estão sempre manuseando os utensílios físicos e imagéticos que povoam o palco. Diz-nos Octávio Camargo (que nega ser o diretor da obra - os arqueólogos do futuro certamente elucidarão isso) que o processo de escolha dos objetos cenográficos foi, predominantemente, aleatório. Os próprios

participantes escolheram-nos, em um bricabraque da Fundação Cultural de Curitiba.

Cada um desses objetos - de bolas de basquete a lamparinas, passando por um imenso espelho - foi visto como uma nota musical, uma partícula verbal, um signo visual.

A montagem deriva, pois, de um casting party em que objetos animados e inanimados competem por um espaço no palco - e na memória do público. Lateralmente, o computador - meio termo entre o animado e o inanimado - exige também seu espaço em cena, a ponto de temperar toda a trama com sua presença constante.

Essa é a grande novidade. Sente-se, a todo o momento, que há um elemento não-humano no ambiente, exógeno, ainda mera ferramenta - por quanto tempo não se sabe - para geração e reprodução de vozes guturais ou cadeias dissonantes de som.

A presença do Organismo - sim, é dele que se está a falar - nos lembra permanentemente que nossos corpos se degeneram e fenecem e que, mesmo sem isso, os cérebros humanos acabam sendo devorados pelo Mal de Alzheimer, enquanto as máquinas - ainda que feitas de elementos triviais como lata, areia e eletricidade - já flertam com o sempiterno.

Se há algo que bem caracteriza a ação teatral Leminski - a Justa Razão Aqui Delira, é a técnica discursiva bem engendrada de sobrepor finas e sucessivas camadas de discurso e código, aparentemente dissonantes ou conflituosas, mas habilmente rejuntadas com o meta-discurso da relação entre (i) o homem, (ii) seu conhecimento e (iii) a tecnologia. Dessa massa folhada, levada ao forno por 120 minutos, é que nasce o homo hiperlincus.

Por quanto tempo resistirá ele à Assimilação?

A surreal experiência de Descartes em Pindorama - mote do Catatau leminskiano - é permanentemente invocada no espetáculo. No entanto, joga-se uma nova luz sobre tal alegoria: a de que, descambando ou não o cartesianismo dos trópicos em caos, desordem e desrazão, o homem brasileiro (seja lá o que for isso), mergulhado em ambientes virtuais de comunicação constante, deve gerar evidências sígnicas de sua passagem no teatro do mundo, sob pena de extinção - ou mesmo inexistência, por ausência de provas.

É agora ou nunca. Falemos agora, ou calemo-nos para sempre. E se não podemos ser cartesianos, tampouco podemos ser dionisíacos o tempo todo, só porque abaixo da Linha do Equador continua sendo tudo permitido.

Leminski teria gostado do embate cênico travado entre o silencioso manequim de Renatus Cartesius e, na outra ponta do palco, o Organismo-Tamanduá, que, com seus circuitos integrados e sua tela azul ("old blue eyes") não parou um só minuto de soltar onomatopéicos guinchos, silvos e guturais resmungos, exigindo de humanos permissivos - e pouco ciosos de seu próprio futuro - a sua quota na sociedade do espetáculo.

Cale-se, Cartesius, pois sou o subterrâneo do seu ser! Tema-me, pois sou a Cornucópia informacional! Venere-me, pois sou o Vaso Inesgotável! Meu nome é Terabyte e sou uma das vozes de Satã!

Todos os personagens humanos de Leminski - a Justa Razão Aqui Delira

são, via de regra, leitores ou evocadores. Exceto um (interpretado por Lúcio de Araújo), representando figurativamente um professor de geometria. Mudo e calado do início ao fim da peça, traçando, com seu compasso, mandalas de giz branco nas paredes do Mini-Guaíra, o acadêmico abandona inopinadamente seu papel de leitor e, em dado momento, veste a persona do Mensageiro.

Em um par simbólico talvez acidental - Heisenberg poderia melhor explicar - o Mensageiro sai do palco e sobe as escadas do auditório, portando, em suas mãos, um legítimo paralelepípedo curitibano.

Deposita-as aos pés de um dos percussionistas e entoadores de mantras que até então, limitava-se a hipnotizar o público. O Mensageiro apanha com cuidado o pé descalço do músico e o coloca sobre a Pedra, tal como aconteceu com um certo Simão, pescador que negou três vezes ter fígado o peixe.

Mais para o final do espetáculo, o Mensageiro vai para o backstage e retorna com uma caixa de pizza (!) - comida pela metade. Não se sabe se estava no script ou era mero atendimento da fome (e se existe “obra aberta”, deve ser bem prático para comer pizza em cena), mas o fato é que os participantes se reuniram ritualisticamente ao redor da Pizza, devorando-a. Eucaristia com anchovas e pepperoni.

O par simbólico retratado merece reflexão. Pedra e Pizza, o sagrado e o casual, em onto-confrontação. No universo do P2P (PEDRA2PIZZA - PEER TO PEER), talvez não importe mais quem procede à entrega, mas sim o conteúdo da entrega.

É por isso que o chapéu de Hermes estava em R. Cartesius, não no disforme e horrendo - sim, a estética ainda existe! - Organismo-Tamanduá, a desafiá-lo permanentemente com sua imortalidade (passível de ser quebrada apenas pela pureza imberbe de querubins marteladores).

Outros personagens de Leminski – a Justa Razão Aqui Delira passam boa parte do tempo em cena folheando livros a esmo e declamando textos tirados de suas entranhas, incitando a audiência a brincar com as kilo-métricas construções do

Digna de registro, para a historiografia teatral curitibana, foi o vigor interpretativo da tarimbadíssima Claudete Pereira Jorge, que, com suas declamações, encarnou com esmero o caráter deliciosamente insólito das brincadeiras e jogos semânticos de James Joyce (e também das limitações inerentes de qualquer tradução do texto original, por melhor que fosse).

Em outros momentos da montagem, o frenesi das declamações evoca, no campo da tecnologia, os downloads de pacotes de informação, vindos sabe-se-lá-onde e sabe-se-lá-de-quando.

O homem de hoje não pensa mais, está apenas à espera de pacotes de dados, que reenvia a desconhecidos, também à espera. Todos como pequenas e laboriosas formigas: empacotando, armazenando e transportando a informação. Ser cigarra e morrer de frio no inverno ainda é mais divertido.

Could not complete your request because the layer is locked.

Um dos participantes da peça relata que, em todas as camadas de linguagem, desde a iluminação até o storyboard, procurou-se escrever as partituras. Cada objeto aleatório escolhido para compor a trama, teve sua participação escrita e definida. Alunos do Professor Richard Wagner, evidentemente, brincando de Arte

Total. Prato cheio para os arqueólogos e sociólogos do amanhã. Os de hoje encontram pinturas rupestres e túmulos. Os do amanhã terão óperas-rock, capas do super-homem e montanhas de hard-disk.

A codificação total (ou idealmente total) do espetáculo, em partituras para cada uma das linguagens empregadas, é talvez a grande realização de Leminski - A justa razão aqui delira. Como os cadáveres fatiados a laser e petrificados, para estudo em universidades européias e exposições à la P.T. Barnum, todas as camadas de linguagem foram objeto de algum tipo de encriptação.

Outro par simbólico digno de nota: o público recebeu bolachas (sortidas) para comer, mas quem estava em palco também comeu a pizza do Mensageiro. Mesmo sem querer, todos os participantes comungaram sob as estrelas, ao redor da fogueira, enquanto os demais animais, na Sombra, os rodeavam ameaçadoramente.

Como que a provar a alegoria, ao lado, no Guairão, acontecia um show dos sertanejos Zezé di Camargo & Luciano. Partículas de som mela-cueca adentravam baixinho, sabe lá por onde, talvez pelas galerias de aeração comum. Um integrante não-identificado da Orquestra relata que, pouco antes do espetáculo, o indigitado 'Zezé' esteve no ensaio geral. Curioso.

Em Leminski..., a Orquestra Eletroacústica Organismo não brinca despreziosa ou inconsequentemente com os mitos. Antes os cataloga. Expõe-os - à glória, ao julgamento, à execração, ao ostracismo, ao nojo, à adoração e ao apedrejamento moral e físico - numa ampla vitrine de heróis e anti-heróis, animados ou inanimados.

Sem exageros, a véspera da primavera curitibana foi marcada por uma Babel cognitiva, na qual odisséias e epopéias, poesia e prosa, teatro e análise, compêndios e catataus, vibrações indianas, seqüências cromáticas e poemas curitibanos polacos foram cozinhados em fogo lento - e panela de ferro - num legítimo smorgasborg informacional.

Em suma, o fim do Inverno, mas mantendo o Sol-da-meia-noite.

Um espelho no palco - terá sido aleatória a escolha desse específico item? - dizia à platéia que ela, sim estava mais do que tudo retratada naquela montagem. É claro que é clichê, mas o Outro somos nós mesmos.

Topicamente, Leminski - A justa razão aqui delira evoca as seguintes partículas: polifonia, anarquia, sentidos, improvisação, mistura de linguagens, artificialidade, sobreposição de camadas, fluxo de códigos, transhumanização.

Sabendo que o Golem já tinha sido criado e que era preciso ser original, a Orquestra optou por exumá-lo e dissecá-lo. Suas entranhas transistorizadas e sua alma sílica são expostas a céu aberto, como feridas. Queremos ininterruptamente abrir essas caixas-pretas, mostrar a nós mesmos que elas não são feitas de carne ou de sangue (e nem de casca ou seiva), que estão por isso fora do plano divino ou do jogo de dados da negligência demiúrgica.

Um dos personagens, interpretado por Guilherme Soares, passa boa parte da trama ensandecido à frente de uma lousa, a escrever e apagar sucessivas fórmulas e equações. É um professor. Não parece encontrar o que quer. Também não aparenta saber - ou dizer - o que quer (o que é a mesma coisa). Seu comportamento é febril e confuso. O desespero o toma. A solução não é encontrada. As equações estão erradas.

São apagadas e reescritas. Trocadas por outras. Ora são fractais, ora seqüências binárias, ora jogos de palavra. Palavras cruzadas. O caos informacional o envolve. Folheia compêndios e cânones a esmo, não encontra nada. Consome-o, paranoicamente, uma suposta unidade subjacente do discurso, que “ninguém” – a não ser ele – consegue perceber. O professor vive a utopia da descoberta da Fórmula Secreta, do Mapa do Tesouro, do Número de Ouro e da Proporção Ideal.

Enquanto o Professor descamba no caos e na desordem, o Organismo-Tamanduá tudo vê, não chora, não ri, não se manifesta. Assiste impassível à ruína cerebral de um cartesiano nos trópicos. Continua com sua polifonia artificial, como se falasse sozinho. Frieza absoluta. Nossos potenciais sucessores poderiam ao menos dizer algumas palavras finais.

A Grande Guerra do Futuro = Dataflow X Dataflower.

Se as máquinas já pudessem ver - e entender que vêem - notariam que estamos, nós mesmos, com seu auxílio, nos devassando e expondo - com câmeras, filmadoras, gravadores, transmissores, copiadores e multiplicadores - mostrando a todos e a tudo o que pode bem ser a metástase silenciosa de nossa decrepitude civilizacional. Cria-se uma inversão: hoje, o que vale mesmo não é o que é filmado e fotografado, mas aquilo que não é.

Como não lembrar das práticas médicas mais modernas, em que, antes de começarem a retalhar o paciente, os médicos compõem o storyboard da cirurgia com sondas dotadas de olhos digitais? (oito olhos, como os das aranhas). É exagero dizer que Rembrandt previra isso, simbolicamente, em a Lição de Anatomia?

Como não lembrar que as pessoas estão aceitando cada vez mais serem filmadas, individualizadas como gotas no grande oceano, nominadas e classificadas no grande catálogo telemático dos vivos, dos mortos e dos não-nascidos? Breve em WIKIPEDIA: Ermitões e Náufragos dos Cinco Continentes: Phone Book.

O Organismo-Tamanduá de Leminski - A justa razão aqui delira evoca, efetivamente, o Mito do Golem. Disforme, em pleno processo mutagênico, guinchando e cortando as falas de seus colegas de palco com suas ondas bufferizadas.

É de se pensar se o sopro vital para o teatro lhe foi insuflado quando um círculo de giz, traçado com compasso no chão do teatro foi abandonado pelo seu desenhista e assumido por uma das personagens femininas (o bicho mulher, sempre na raiz simbólica da nossa ruína) que, brincando com suas pequenas pedras, usava o círculo como esfera de contenção para seus encantamentos arcanos. Visualmente, tinha-se a impressão de que se tratava de leitura em ossos de animais.

Bookmark para historiadores: 22-09-2005 marca a entrada do primeiro pedido formal (se houve outros, não foram registrados - não estão no mundo) de um ente não-humano para fazer arte em Curitiba. Os cérebros eletrônicos demandam sua quota da sociedade do espetáculo. Querem seus 1,44 MB de fama.

Silêncio! Organismo (tamanduá, dodô, fênix, velocino, unicórnio, sagitário, hidra, dragão, leviatã) quer falar. Resta saber se o Logaritmo Organizado traz mesmo o logos.

E a julgar pela cena apoteótica do final de Leminski - A justa razão aqui delira, a máquina quer ter a última palavra. Os atores estavam todos quietos. A tela azul permaneceu acesa, até o fim dos tempos.

Vigiai e temei.

NOTAS: A Embaixada Polaca a tudo assistiu, deliciada. Isso sim é Cápsula do Tempo.

ANEXO D – Manifesto Upgrade do Macaco

Por Emerson Pingarilho

Por uma vontade inominável, homem que se diz humano, o inumano, vai cair pela falência de seus órgãos, O ORGANISMO É CONTRA A REPRESENTAÇÃO DO UNO esses órgãos se desintegrarão de seu corpo, sucumbirão pela ineficiência de suas funções. Assim é cada pessoa de nosso cotidiano, presa na sua jaula burocrática, ela precisa implodir sua alma e iniciar uma sabotagem artística UMA DESTRUIÇÃO DE SUA PRÓPRIA NATUREZA, A HUMANA necessária para se sentir menos controlado, menos escravo, menos vigiado, menos nervoso, menos penoso.

O homem só é homem E SÓ É UM MONSTRO porque carrega consigo uma praga crivada em sua espinha, à vontade de onipotência, esse mal do ego, que dá nome às coisas no mundo, que controla todas as formas, TUDO QUE EXISTE

NO MUNDO ESTÁ ETIQUETADO os significados e nos enjaula no seu universo onipotente e (de)nominador EXTERMINADOR.

O homem, esse babuíno aperfeiçoado, está se deteriorando em suas paixões e desejos simulados, é necessário para sua sobrevivência um software, uma forma de não sucumbir na pobreza de sua cultura, de sua mendigação. O upgrade do macaco.

POR UMA LIBERDADE ONTOLÓGICA a superação do homem cristalizado no individualismo extremo para o eu-poeira, O VÍRUS DE MEPHISTO o homem que se desintegra de suas virtudes, de seus defeitos e se torna vazio. Pronto para estabelecer um elo maior com a mecanosfera MECANISMO DO MUNDO, A INTER-RELAÇÃO DO HOMEM COM O MUNDO, TÃO INACEITÁVEL PELA IGNORÂNCIA E ASPEREZA DO EGO.

Um manifesto da era digital dividido em partes fractais narrando de forma não-linear fragmentos de momentos da história humana, não se trata de documentários nem análises claras, trata-se de sentimento puro. Raiva, angústia, temor (e tremor), solidão, amor, desespero CHACINA, MALÁRIA, DESILUSÃO e outras ações ligadas a sensações extremas. Uma forma irregular e medíocre de mostrar UM MUNDO TECNOLÓGICO E SUPERCONTROLADO na sua própria natureza viral, um amontoado de montagens fractais de um universo solipsista A APOTEOSE DA CARAPAÇA APODECIDA DE WILHELM REICH. O mundo do eu sucumbe com a colisão de outros mundos, outras experiências relativas a paradoxos de vida comum, a violência humana. A tentativa aqui é mostrar de uma maneira visceral (e cada peça desse jogo a seu modo), uma realidade crua do mundo UMA CARNIFICINA TRANSFÓBICA ONDE NINGUÉM ESTÁ EM SEGURANÇA. Onde há fantasia há máscaras MASCARADO O HOMEM ENFURECE-SE E PROTEGE-SE NO ANONIMATO, de uma realidade maior, de uma realidade onde morfina dificilmente amorteceria dores familiares, dores de amantes, dores de abandonos, de todos os tipos DORES MUITAS DORES, na guerra, no cotidiano urbano de uma metrópole, numa região remota.

No mundo da TECNODESINTEGRAÇÃO a identidade se torna um jogo de máscaras numa dimensão simulada. Solidão e carapaças de proteção cobrem o corpo, medo, vergonha, dissimulação, controle UMA FORMA DE PODER INDIRETO. Para além do bem e do mal o múltiplo se espalha de maneiras incorpóreas COMO UM

VÍRUS LINGUAGEM, criando para si mesmo múltiplas identidades.

O homem se perde em milhões de informações que camuflam a reflexão, não se consegue pensar mais com aparelhos ligados num ambiente, pois o que se absorve dos mass media são palavras de ordem AQUELAS VOZES ESQUIZOFRÊNICAS QUE DE VEZ EM QUANDO PERÂMBULAM PELA SUA AGONIA, dominação por super estruturas de informações que deslizam sobre a cultura individual. Pré-conceitos, fórmulas, receitas, salmos, leis todas as maneiras que se pode nomear as coisas no mundo. O homem é uma caixa de dados para o Estado, E UM CONSUMIDOR PARA O SISTEMA SOCIAL SEM NAÇÃO SEM CREDO SEM NADA, PURO POTÊNCIAL com seu número de roupas, cartões de crédito, número de identidade, seguro social, número carcerário. DESORGANISMO DESORDENADO DESNORTEADO DESNATURADO DESNATUREZA.

Emoções em fragmentos, todas essas memórias são história em nível celular, em nível corporal, em nível intelectual, cultural, psicossomático. Não importa CADA MUNDO E MICROUNIVERSO TEM UMA HISTÓRIA. O que importa é que se esteja aberto para receber diferentes informações desordenadas FRAGMENTADAS, muitas vezes pouco providas de lógica.

In a highly functioning state the mind can perform as an integrated collaboration of multiple identities that are working together to cooperate and explore, shining the light of knowledge into the subconscious mind, actually welcoming it to become conscious.

Façamos agora o upgrade do macaco em nome de uma negação e uma revolução. Vamos negar uma identidade e um sentido claro para os objetos e ações no mundo, nada mais disso importa NÃO QUEREMOS SER NÚMEROS DENOMINADOS MAS AUTÔNOMOS, o nome de uma rua ou o número de pessoas com quem já se relacionou. Vamos revolucionar nosso cotidiano, sendo menos dogmáticos, menos mesquinhos, menos indiferentes, menos dominadores. Sejamos mais interativos com nossas naturezas e com toda a anti-natureza, que se transforma em natureza à medida que descobrimos toda a montagem que construímos na nossa mente do que pode “ser natural” no mundo.

Nossas ações-paixões devem procurar interpretar se auto-interpretando CRITICISMO DESINTEGRADOR DE ALMAS CRISTALIZADAS, esse manifesto da era digital não está aqui para mostrar resultados ou visões de mundo, mas para manifestar AÇÃO (implantar dúvida), como um ato do cotidiano fora de seu contexto, num jogo de paradoxos.

Cada universo solipsista da mente de cada ser humano está em jogo, desde de lembranças da infância como regras de controle e conduta num núcleo familiar DESTRUIÇÃO DA SEGURANÇA EMOTIVA E PESSOAL É O PRIMEIRO LIMITE A SER ROMPIDO. E o questionamento deve vir daquilo que nos dá mais segurança na vida, nossas famílias, nossos santos, nossas esperanças, nada deve ser negligenciado, todas as formas de conhecimento possuem sua autonomia no ato do saber TODAS ESSAS VERDADES QUE CONTAM NOSSOS PAIS PADRES TIOS FAMILIARES VIZINHOS E MUITOS OUTROS TRANSEUNTES DE NOSSA EXISTÊNCIA PODEM SER EQUÍVOCOS DE INTERPRETAÇÃO DO MUNDO não existe limite para a interpretação humana. Porém com a chegada pós-humanista vemos uma desfragmentação da certeza, das verdades ditas nas ruas, nos colégios, nas faculdades. Instituições que estão se perdendo em complexas burocracias e falta de experimento E EXCESSIVOS

SOFISMAS em suas almas. O CORPO É O PRIMEIRO LABORATÓRIO vamos colocá-lo para funcionar como tal, vamos nos submeter a testes ontológicos, vamos ser cobaias de nós mesmos, esqueçam a escravidão dos outros seres VAMOS TESTAR NOSSOS NERVOS E NOSSAS CAPACIDADES DE ADAPTABILIDADE DO MUNDO E DOS MUNDOS INTERIORES A CADA UM.

O risco maior de todos será a revelação da experiência NÃO A ESPERA DE ALGO QUE SE IMAGINA MAS UMA DIMENSÃO MAIS AMPLA E VIOLENTA PELA SUA VELOCIDADE como o piscar de olhos: “o olhar faz com que o ver e o objeto visto se percebam mutuamente, não como mera identificação mas tornando-se conscientes de si, ou ainda de sua função circunstancial. OLHAR É UMA AÇÃO ATIVA e implica o conceito dinâmico do auto-ser, o saber da mente como essência”.

O caos deve ser instituído antes da virada reflexiva do macaco e seu VIRUS ZEN BUDISTA. Um software ontológico que poderá criar novas perspectivas para a mente. Um suicídio do antigo eu para um eu-poeira em direção ao uno coletivo, nossas vidas dependem de várias outras vidas, a carnificina do eu é um imperativo.

CARNIFICINA É UM ATO DE AMOR
04/12/2002

As três revoluções

Por Emerson Pingarilho

A primeira revolução começa na carne.

Quando o abraço é mais forte que as coisas que nos preocupam, os músculos e a pele que esquentam os sentimentos guardados no seu coração. São essas pessoas que caminham e se cruzam sem se conhecerem, todas elas tem um impulso comedido, uma vontade de se libertarem, de quererem ser mais felizes. Depois que suas máscaras são tiradas, que suas maquiagens se tornam sublimes por não estarem mais escondendo, o fim do molde corporal, temos muitos corpos. São corpos que se ligam e desligam num sonho que é amortecido pela inocência do amor.

Conectividade sensitiva que surge quimicamente, corpos que borbulham numa vontade de despressurização emotiva. Corpos explodem em pedaços muito largos e duros, são carcaças que se rompem esquizofrenicamente cansadas de esconderem todos esses pensamentos libertários. Corpos atrativos que vibram numa mesma sintonia, um som grave de batida constante: máquinas frenéticas que expandem seus campos de força. O suor indica o metabolismo alterado e o desejo da conectividade, se o abraçar é suficiente para que nossos músculos fiquem mais aliviados de suas dores diárias então já existe uma solução para a primeira libertação do corpo. Existe a procura em forma de upgrades menores, mas eles para muitos são como simulações de upgrades, através de práticas químicas, a passagem da libertação do corpo exige mudanças no caráter NO MOLDE DA CASCA HUMANA.

Dedos que se alisam e intensificam o poder de contato entre os corpos, os pêlos eriçam em sincronicidade com as batidas cada vez mais rápidas do coração. Beijar e aquecer os músculos, possuir um prazer tão intenso tem o seu preço, a finalidade mortal do desejo, mais uma vez a ilusão do prazer eterno engana o homem e o mergulha numa lava quente de infelicidades e patologias.

Penetrar no corpo como um agulhão que intensifica o motor biológico, não há uma felicidade maior que uma infelicidade? Só podemos responder a isso depois de vivermos isso. Não gosto de fechar meus olhos e imaginar o passado de uma maneira acinzentada e triste, esmigalha o coração e traz um gosto azedo. Existe esse mecanismo de conservação da memória que classifica nossas ações através de um código de ética maleável, muitas vezes é o arrependimento, outras vezes o orgulho, nenhuma das duas conserva a realidade do passado, por que já deixou de existir esse momento expressivo para se transformar em simulação imaterial. Good? Evil? Não seriam imagens mediadas pelo vício linear da TV?

A fusão dos corpos exige proximidade através dos olhos que brilham com a curiosidade e se fundem como duas galáxias rompendo limites dimensionais no momento do transe e do gozo IMERSO NUM GIGANTESCO MAR AZUL DE DESEJOS E LIBERDADE. São mãos que procuram uma geografia nova em corpos familiares ao desejo. As vezes dizer não implica um jogo de palavras de significados coesos, muitas vezes são vazias e fúteis, mas uma penetração na carne nova criando jogos mímicos a partir da inocente beleza que cativa e suga a atenção passando pelo sublime no ato do fazer, numa cosmologia de experiências simultâneas, e nesse momento me pergunto: a resposta da carne é a arma mais importante? Nesse mundo de distâncias sociais e muitas vezes através de leis que impedem a atração dos corpos a carne ainda é a primeira forma de revolução ontológica. Por isso existe esse uso limite do corpo: ele preenche os desejos, as paixões, as taras e as respostas dos espectadores. O que existe é uma doutrina do corpo onde os padrões simulam um teatro de colagens retiradas de ações-paixões do cotidiano para serem processadas e condimentadas com mais outras formas de atribuir necessidades através do desejo espetacular. Esse corpo é uma mentira! mas se ele existe talvez seja por causa do distanciamento dos corpos reais e embora os corpos simulados, aqueles que fazem suas performances na TV com enredos de tramas familiares ou uma cena de sexo anal, todos eles existem como conjunto apenas para o espectador, já que na verdade sua produção exige o esforço físico e uma montagem não-linear da realidade.

A conectividade dos corpos existe e muitas vezes é feita a distância, o poder da realidade está na penetração do olhar e na proximidade da carne que ferve – para os miseráveis dependentes da patologia carnal isso funciona como pornografia – não é disso que estamos falando aqui. Excitação do corpo pela sede de conhecimento e não de simples satisfação, assim funciona a primeira revolução: o uso do corpo, dos músculos, da carne total como arma contra o distanciamento entre as pessoas. Como Debord nos fala sobre o espetáculo: a relação espetacular é uma relação social entre pessoas mediada por imagens, elas se multiplicam transformando-se em totens fantasmas GIMME SOME FLESH.

LONGA VIDA A NOVA CARNE que penetra o ser em forma de agulhão, sentimento de desespero e realidade que competem com a situação do homem moderno, o esquizofrênico de ambulatório que possui seus objetos valiosos conquistados em muitas de suas caçadas a shoppings arquitetonicamente moldados como igrejas da idade média TUDO É ALTO E MONUMENTAL, nada disso pode ser comparado a carne real que define o desejo mais nobre e mais vil no ser humano, seja pelo uso limite do corpo ou pela apreciação artística. O que pode deter essa massa orgânica potencialmente libertadora? Uma arma? Um Estado? Os corpos se multiplicam e se empilham em missas frenéticas, em festas regadas a ácido, ecstasy e

maconha, em ruas, casas e apartamentos.

Seguramente a carne infesta objetos e modelos arquitetônicos, expõem glândulas de suor, raiva e paixão O CORPO ESPIRRA SUA PRESENÇA. Não é o punho cerrado que comprime os ossos do rosto numa briga simbolizando a repressão que pode ser chamado de arma, mas a liberdade do uso do corpo como arma emancipadora. Toque nos meus dedos, no meu rosto, nos meus lábios, no meu peito, assim como a combinação do perfume com o corpo. Não existe ilusão na proximidade dos corpos, contanto que eles não sejam mediados por imagens ou por desejos instruídos por imagens do fetiche – hedonismo vagabundo e com objetivos de consumo. Não se pode consumir a carne simplesmente como produto pois a experiência é o mais importante, como um fluxus sexual: o momento é tudo, ele não pode ser pré-determinado nem planejado, deve ser executado. O momento da realidade é um, o corpo é um e a experiência como intermezzo de prazer, de sublimação do antagonismo pré-existente entre os corpos também é um, pois os corpos não devem se separar mas adquirir experiência.

Destruição do tempo espetacular, ser novo, ser velho que todos esses medos encarnados em Fausto vão tomar no cu! Toda vez que nos prendemos na definição temporal o medo da morte surge, como se não tivéssemos tempo suficiente para fazer o que queremos. Medo resumido: pessoas olhando serenamente como ovelhas num parque de diversões de fetiches seus objetos de desejo, perdendo-se em imaginações futuras sem o menor objetivo relevante a não ser o da imagem residual como força de identidade – uma busca que nunca vai terminar bem por levar o homem a fantasia ligada pela sua imaginação de duração eterna separada do corpo, que tem sua finitude marcada – no mundo de hoje, não podemos deixar nos levar por esperanças que nem mesmo possuem alguma garantia, são brinquedos midiáticos que nos infantilizam.

Pense no boi processado e ingerido por você, estará lá o fim?

A segunda revolução perfura os olhos.

E ele poderia dizer que não se importava, que estava mentindo com seu olhar sem direção, disse que não podia ver a beleza se não pudesse sentir mais do que enxergar. Não era apenas essa superfície doce e suave, era o aroma que mergulhava sua coragem num turbilhão de incertezas.

Através desses olhos fixos e brilhantes abre-se um precipício de onde não se pode escapar. Não seria seu coração cedendo as artimanhas do cotidiano? Onde uma pessoa o prende dentro de uma conversa magnética e o transporta para dentro da escuridão da íris, lá onde não se pode ver que forma tem todos esses afetos que tomam seu corpo como um casulo.

São corpos atrativos.

Abismos que se unem através de uma conexão imaterial. Dos meus olhos vejo no fundo dos seus olhos uma galáxia particular escondida. Uma espécie de buraco negro que suga minha curiosidade para dentro de um corpo alheio. Não é apenas aquilo que olho, mas o que me observa mutuamente explorando minhas carnes e meu caráter. Eu deveria estar preocupado quanto a máscara que cobre meus músculos através desse caráter? Talvez devesse ficar preocupado quanto a maneira que olho os objetos ao meu redor já que a primeira maneira de libertação vem da

carne, a visão contempla e projeta a arquitetura sustentada pelos ossos da experiência. A experiência do ver para muitos termina no tocar. Aqui procuramos simplesmente ver, seja pelos olhos ou por outros sentidos o amadurecimento da percepção que vem através do aprendizado do olhar.

Como numa câmera de vigilância, quantas horas são gastas de material gravado para que se tenha um movimento relevante dos acontecimentos gravados? As provas através da imagem são ficções elaboradas através de incontáveis horas de submissão do voyeur. O efeito que borbulha em metabolismos está no cruzamento do olhar. Ele não pode ser gravado, mas vivido.

Imaginemos caminhar no centro de uma cidade grande, passos largos, corpos em profusão, vozes que emitem transes coletivos aos pedestres. Olhar nos olhos do desconhecido transmite o contato em forma de agulhão, fere a pessoa e ela se sente de alguma maneira excluída da massa de corpos que passam diariamente por esse centro urbano. Ela sente um tipo de evidência, mas não como geralmente pedestres costumam olhar os outros com seus olhos desejanter e vulgarizados pelo espetáculo, ser visto como alguém além da massa de corpos e ao mesmo tempo olhar quem o observa. Um alguém que encontra outro alguém. Não se trata de uma simples experiência ocular. Trata-se do fim da cegueira quanto a visão real. Significa enxergar esse vazio que separa os corpos, as paixões e os desejos incrustados em manuais de beleza e submissão. Perceber todos os jogos de submissão sociais é a primeira forma de aprender sobre o poder do olhar, nada de paranóias e perseguições – já que elas próprias são produzidas por quem vê – mas a importância de delinear (mas não definir) as ações cotidianas.

Qualidades como beleza, atrativo que suga o olhar de imediato, pode ser um detalhe, qualquer detalhe. Ele expande para o resto do corpo e é sugado pelos olhos novamente, tendo uma sensação sublime da comoção.

Existe a visão química, mas também não é dela que estamos falando, já que a própria visão no dia-a-dia pertence a um tipo de combinação química elaborada por quem vê e mediada por alguém mais influente nos momentos de descanso. Esses olhares são induzidos, são permeados de significados tautológicos e funções morais. O olhar revolucionário perfura os olhos e desmistifica a carne. Não há mais aquela forma plástica que ostenta uma estética vigente – a do supercorpo – mas a valorização do corpo em si, como uma fonte de energia única, que precisa ser explorada e conhecida por quem vê e por quem é visto.

Não se pode mais deixar os olhos serem treinados pela mente puramente mecânica. O olhar tem de ser autônomo até que as órbitas sejam expulsas do próprio corpo para que não se enxergue mais apenas com os olhos. O corpo como percepção pura, mergulhado numa interatividade de experiências diárias. “Se teu olho te atrapalha, lança-o de ti”. A falta de tato entre as pessoas afeta o olhar, como pessoas seguras de si que olham outras pessoas mas não vêem nada, apenas a si mesmos, percebe-se isso no momento da conversa onde palavras não são mais que estrume jorrado nos ouvidos do outro, palavras de ordem em forma de agrado: típico discurso narcisista. São informações que se confundem antes mesmo de serem percebidas, são mastigadas e enfeitadas para que possamos consumi-las sem nenhum tipo de sofrimento. E que tratamento é esse que não deixa o ser humano viver? Consumir? E ainda por cima sem nenhum tipo de sofrimento?

Olhar um ente querido no momento da sua morte, não há maneira para

descrever o sofrimento que isso pode trazer, poderia até falar dos traumas que daí surgem, mas isso não importa agora. Perceber é essencial, porém mais importante ainda é perceber o que é real, a experiência direta traz o aprendizado satisfatório para se viver pois não há punições simuladas, INSERT COIN sua vida num jogo de muitas escapatórias e nenhuma solução. Como o jogo do olhar com os animais, praticado por africanos a fim de espantar os leões. O homem encara o felino de frente e o olha fixamente transmitindo agressividade e segurança, o leão não encara o jogo e se sua fome não é maior que sua coragem, ele desiste e vai embora.

Muitos corpos se ofendem com o olhar, com a relevância que ele transmite. Ele está a me observar, o que tenho eu? São muitas as sensações que despertam esses dois pequenos buracos, que são passagens para outros universos iluminados pelas pequenas órbitas. Uma passagem de luz que é transmitida para uma outra dimensão, imaterial e que fornece o magnetismo necessário para que as pessoas se aproximem, se toquem, se despertem.

Embora o olhar possa induzir o tocar, deve-se compreender que o ciclo não termina aí, não se trata de uma experiência puramente material, ela desperta a subjetividade das pessoas a fim de explorar seus mundos imateriais. Diferente do voyer que isola o pensamento em si mesmo, satisfeito de si e de sua grandiloquência estúpida por ser incapaz de transmitir sua subjetividade através do olhar, ele não transmite, não se conecta, apenas rouba e vampiriza, ele é dependente de seu desejo patológico. Não se trata de eliminar o olhar egoísta, não é nada fácil disso sabemos deixar de olhar pra aquilo que nos agrada e nos preenche de uma felicidade e uma satisfação indescritíveis. O primeiro movimento é o do corpo, a busca da emancipação, mas depois através dos olhos TURN AROUND TURN AROUND vem a segunda revolução para perfurar e preencher nossas angústias e medos latentes.

Olhe pra mim e me diga, existe mesmo uma sensação forte no olhar?

Depois desse abismo perder em distância material ele se torna imaterial, pois não se trata mais de ver o que temos fora uns dos outros, mas o que temos na mais pequena delicadeza, nos interstícios dos movimentos das mãos, dos braços, das pernas, do queixo, das palavras, dos sentimentos.

O olhar afunda numa percepção maior, somos constantemente percebidos e construídos em mentes alheias através da lembrança. Vemos as coisas no mundo e cada vez que a vemos de novo nós a modificamos, isso porque os momentos obviamente são diferentes embora o objeto esteja lá imóvel. Nos a modificamos porque elas nos modificam pois não são objetos únicos, quer dizer, não vemos apenas um objeto, eles estão ligados uns nos outros numa construção que gera campos de força. Uma arquitetura conjunta e maleável disposta materialmente pela conjuntura do real e imaterialmente pela nossa percepção que une emoções, raciocínio e delírio.

O olhar revolucionário significa explorar as percepções que se tornam presentes na nossa mente transmitindo-as para a realidade. Tornar-se real.

A terceira revolução são ações-paixões.

O homem não deve expulsar o macaco de dentro do corpo, deve deixá-lo livre correndo por parques temáticos, divertindo-se com suas necessidades sexuais e

lúdicas como todo animal que vive dentro de seus instintos e seus territórios na natureza.

Mas o homem difere desse macaco pois ele tem consciência da transformação do mundo, tanto que historicamente podemos observar as mudanças sociais e intelectuais que passamos, nada mais óbvio. No entanto pensemos nos cães de Canaã, uma das primeiras gerações desse belo animal que vive conosco como companheiro tribal. Muitos estudiosos atribuem a esse animal, o cachorro, uma das grandes viradas na evolução do homem, a ascensão do homo sapiens. O cão diversificou a linguagem no homem, ele não é o ser domesticado que tanto se prega, a domesticação foi mútua, ele ampliou a forma do homem caçar e mesmo lutar com outras gerações de humanos primitivos, ele se fixou na casa do homem convivendo com as pessoas dentro de casa. Esses mesmos estudiosos dizem que o cão aprendeu com esse convívio a imitar o olhar da criança tanto que sua ligação com a parte maternal da família se tornou mais forte (o olhar doce e meigo do cão quando é repreendido ou quando sente fome), ele é um animal que torna mútua nossa vida com natureza, aí está a chave para a terceira revolução, a interação do homem com o mundo aprendendo a regenerar as relações primitivas com a natureza ao mesmo tempo não podendo negar a condição do mundo contemporâneo e a tecnologia que permeia nosso cotidiano.

Racionalismo e intuição brigam pela soberania na mente do homem, se não se trabalha os dois ainda estaremos fracassando quanto a esse dualismo do corpo/mente de Descartes.

As ações-paixões são exercícios do animal interagindo com o homem e vice-versa, da intuição permitindo de possamos nos libertar dessa funcionalidade cotidiana e do racionalismo entendendo sua limitação dando espaço para essa intuição latente em nós. Ele se levanta de manhã, toma banho, se perfuma, penteia o cabelo, ajusta sua imagem residual e vai para o trabalho funcionar dentro de sua função. Trabalha, trabalha e trabalha. A noite desperta o animal dentro de si e vai brincar em parques temáticos, sejam elas festas, bares etc. Aí se vê o homem fugindo de sua condição como homem, sendo máquina pura de dia e sendo um animal tosco de noite, alguém ainda tem dúvida do porque se vê tanta bebedeira e destruição do corpo nas noites urbanas? Não adianta redes de TV, jornais sensacionalistas e padres engravatados mostrarem de maneira hipócrita as pessoas de noite tomando seus entorpecentes tentando buscar uma justificativa para a violência urbana, pois eles mesmos são consumidores de entorpecentes, seja pelas doses maciças de cafezinhos diários, seja pelos remédios emagrecedores – anfetaminas corpolátricas – seja pela imagem de Jesus que causa frenesi e busca pela cura divina, tudo não passa de um escapismo através do outro ilusório. Falta prestar atenção no outro real, como as pessoas que amamos com seus defeitos e valores positivos, assim também deveríamos prestar atenção nas pessoas que não conhecemos, não pela sua beleza temporal, mas pela sua condição humana, a de sermos semelhantes e unidos nessa sociedade muitas vezes pragmática.

Da mesma forma existe a natureza, relegada a uma mercadoria pela indústria turística, chega desse espelho mágico que sodomizou Branca de Neve: “espelho, espelho meu...”, ficar olhando para si mesmo procurando uma justificativa para se orgulhar ou mesmo procurar se sentir seguro é um sintoma de fraqueza, não se pode buscar apenas dentro de si formas de melhorar o mundo assim como também

não se pode tentar buscar isso de maneira puramente coletiva. Essa busca é interativa, seja ela através do contato com outra pessoa, com a natureza ou mesmo com outros animais, a busca na verdade nunca termina, ela está encarnada na cobra que morde o próprio rabo, ciclicamente nos deparamos com os mesmos problemas.

Chegamos a um cume das realizações de libertação ontológica do homem, primeiro a carne prostituta em busca da emancipação, segundo a percepção penetrante na alma alheia como reflexo a condição de si no mundo e em terceiro o movimento dos corpos, sejam eles materiais ou imateriais. A terceira revolução implica mais do que observar, refletir ou conhecer, significa transformar a carne e o espírito, o fantasma da máquina deve se tornar uma forma que seja visível e invisível, deve deixar de existir apenas na imaginação pra se tornar real, essa transformação só pode acontecer através da experimentação.

Porém o que queremos dizer com experimentação?

Significa que a experiência ainda é a chave para a construção (e conseqüentemente uma desconstrução do que existia anteriormente em si mesmo) de um ser humano mais dinâmico, o upgrade do macaco começa a fazer efeito a medida que nos tornamos mais humildes em relação aquilo que conseguimos aprender e criar dentro desse mundo. Num primeiro momento temos que entender: os ensinamentos aprendidos no dia-a-dia não podem ser considerados tautologias, isto é, não são regras prontas iguais a que aprendemos na infância escolar. O que você aprende serve apenas para você, embora a experimentação de que falamos seja dependente desse conhecimento primário, é a partir daí é que devemos procurar criar uma espécie de jogo de entendimentos. Como diz o filósofo John Austin, o emprego da linguagem depende de um contexto específico (circunstância), por isso questões como verdade e falsidade não podem ser determinantes, a medida que aprendemos devemos procurar nos desvencilhar dos modelos pré-moldados e partir para uma superação das regras sociais existentes.

Ninguém aqui está querendo fazer algum tipo de apologia a violência ou ao roubo, nada dessas patologias vagabundas. Devemos entender que as regras sociais são regras de consentimentos, nos mostramos a favor de certas relações mediante um preço a pagar devido a resposta que podemos obter a partir disso. O problema está em nos fixarmos nas regras sociais, dessa maneira todas as relações se superficializam pois deixamos de nos experimentar para automaticamente usarmos regras prontas de convívio.

As ações-paixões são movimentos e misturas de corpos, são transformações que ampliam a condição humana nessa sociedade tecnocrática. Homem e animal juntos, pois nunca estiveram separados, mesmo que retrocedamos na história e vejamos todas essas baboseiras de regras de etiqueta, superproduções de vestimentas e doutrinas educacionais, nada disso consegue suprimir a necessidade do macaco urbano em superar suas dificuldades diárias geradas pela angústia. Estar apto a lutar pela sua liberdade interna (fantôme), estar disposto a libertar seus sentimentos por completo sem que ninguém seja suficientemente cretino para julgar o que não pode compreender por inteiro. Quem eles (quaisquer que sejam) pensam que são para dizer

o que eu sinto ou o que eu devo fazer? Se eu vivo nesse mundo e partilho das mesmas fragilidades físicas, posso compreender em parte o que se passa ao meu redor, mas isso não determina que eu seja senhor das ações totais no mundo, não posso julgar ninguém senão a mim mesmo, limitado por ser arrogante e cego o suficiente para afastar de mim os mendigos e faxineiros, logo eles que limpam minha merda e fazem do mundo um lugar menos fedorento pela podridão condimentada nas minhas tripas, regurgitada e expelida em valas de cerâmica branca.

Se eu sou o macaco do futuro, como todos os outros irmãos e irmãs no mundo, devemos olhar para nós mesmos sem essa pretensão mágica de tentarmos nos transformar numa imagem fantástica de beleza cosmética, pois sem esses atributos, somos pálidos e decrépitos, somos tristes e frustrados sempre atrás de novas matérias a fim de nos renovarmos visualmente.

Se toda essa pompa é uma necessidade virtual e sua não-realização nos frustra é porque não estamos sendo humildes o suficiente para entendermos que a beleza parte de dentro da máquina, esse corpo mole que nos sustenta. O espírito que envolve nossos corpos é uma dupla ação da beleza, ela sustenta imaterialmente nossa vontade de amar, de nos encontrarmos em outros corpos, de querermos nos misturar num êxtase divino e materialmente por termos nossas afinidades biológicas (as ancas, os pescoço, os braços, as pernas, o sorriso, o olhar ou mesmo o jeito de segurar uma bolsa). Além dessas formas que compreendem atributos de nascença temos também nossos brinquedos: perfumes, roupas, cortes de cabelo, piercings, plástica cirúrgica... Eles são como temperos na nossa alimentação da experiência, mas não são tudo, são como pequenos upgrades que valorizam jogos de sedução e de certa forma, eu até arriscaria dizer, valorizam nossa identidade, embora não sejam todos que possam usufruir dessa experiência estética.

No mundo capitalista os recursos sempre se dão pela posse, conseqüentemente aqueles que podem se sujeitar aos jogos de sedução tão propagados em revistas modernas e redes de TV tem de obter posses para jogar. Felizmente isso é apenas uma visão unilateral levada as últimas conseqüências pelo mass-media, talvez pelo fato de eu mesmo ser um macaco ocidental. Existem aqueles que criam seus próprios termos estéticos, por isso para a nossa felicidade podemos acreditar concretamente que julgar aparências é apenas um jogo de circunstâncias, como foi dito antes sobre a linguagem: depende de um contexto específico. Mas para as ações-paixões amar é acima de tudo o principal tempero para o espírito.

Não importa que maneira esse amor se manifeste, experimentar é acima de tudo a chave para a redenção, um encontro de galáxias emocionais de diferentes lugares, olho para você e sinto esse amor, essa paixão, essa vontade de conhecer mais e mais. Mesmo que eu já conheça você há muito tempo. Quero me juntar as suas experiências e criar... e talvez essa seja a palavra que procuramos para transmitir um sentimento sublime: CRIAR CRIAR CRIAR.

As ações-paixões são fruto de uma interminável necessidade de fundirmos experiências, seja através de uma longa conversa, seja pelo abraço forte. A carne influi na nossa interação dinâmica, não é a toa que todo esse sistema espetacular midiático se apóie tiranicamente na carne, expondo a nudez ao nível mais predatório, pode-se ficar rico dessa forma. Essa estratégia é apenas uma maneira de nos transformarem em puros consumidores (pois já não existe mais pátria, nem raça, nem credo, tudo é resumido pelo consumo).

Isso é pouco, muito pouco para o ser humano. Somo feitos de carne, apodrecemos diariamente disso sabemos, o que não podemos esquecer são das forças que atraem essas carnes, como isso se chamaria? espírito? Do que quer que seja chamado ele se alimenta dessa experiência interativa, com você, com os outros, com a natureza, com o mundo. Por isso experimentamos até o limite dos sentimentos o que é viver, seja pela felicidade, pelo sofrimento, pela amargura, pela paixão, estamos sempre e para sempre experimentando viver.

1 Lyotard, O Inumano. “Que poderemos chamar de humano no homem? A miséria inicial de sua infância ou a sua capacidade de adquirir uma segunda natureza (inumana) que graças à língua, o torna apto a partilhar da vida comum, da consciência e da razão adultas?”

2 Clement Rosset, A anti-natureza. "Quando teremos 'desdivinizado' completamente a natureza?" (Nietzsche).

O objetivo de Rosset é duplo: primeiro, demonstrar que a idéia de natureza não passa de uma ilusão exigida pelo desejo humano. Ilusão que – apesar das aparências indicarem o contrário – a sensibilidade moderna teria conservado sob novas formas, das quais a mais insistente seria o historicismo. O segundo objetivo é opor a esta idéia, que ao mesmo tempo "divinizaria" e depreciaria a existência, a noção de um mundo como artifício onde o que existe se confundiria com o que é fabricado.

3 Desejo mediado pela manipulação de imagens da mídia..

4 Ernest Becker, Negação da morte. “Aqueles cujo Eu e cujo Corpo se acham em um relacionamento muito tênue, mas sem embargo conseguem ir avante sem se verem submersos pelas energias e emoções interiores, por fantásticas imagens, sons, medos e esperanças que não cabem neles... ele carece de um Eu e de um Corpo seguramente unificado”.

5 No livro Quando dizer é fazer.

6 Como no filme de Scorsese: A época da inocência, onde o diretor analisa esses jogos de esconde-esconde de sentimentos através de vestimentas e outras superficialidades gestuais criadas por nobres, tão podres e humanos quanto seus súditos.

ANEXO E – Carta enviada ao Secretário da Ciência e Tecnologia do PR

Por Octávio Camargo

Curitiba 01 de Novembro de 2005

À Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior

At: Exmo. Secretário de Estado Sr. Aldair Tarcisio Rizzi

Caro Secretário,

Por solicitação da Exma. Diretora da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Sra Anna Maria Lacombe Feijó, venho reportar as atividades do Embaplab vinculadas à Disciplina de Música Eletroacústica, e da iniciativa, que se desenvolveu este ano na Embap, de inclusão digital e acesso às ferramentas livres em código aberto.

No início deste ano de 2005 assumi a Disciplina de Música Eletroacústica no Curso de Composição e Regência da Embap. Para poder desenvolver os conteúdos específicos desta disciplina me foi necessário solicitar à Direção da Escola a aquisição de equipamento. Já havia feito um orçamento, a pedido da então Chefe do Departamento prof. Salete Chiamulera, no ano passado, para a montagem de um Laboratório de Música Computacional. Este orçamento ficou registrado em ata no Departamento de Disciplinas Teóricas Aplicadas em outubro de 2004. A administração da Embap não possuía na época os recursos necessários para a aquisição deste material. Sugeri então, como atitude emergencial a aquisição de 1 (um) computador e de 1 (um) kit multimídia para poder iniciar minimamente os conteúdos da disciplina, sendo evidente a dependência dos meios eletrônicos digitais para lecionar esta matéria. O computador chegou no início do ano e foi batizado de 312, justamente no dia do aniversário da cidade. A Embap também disponibilizou uma pequena sala para abrigar o laboratório que foi batizado de Embaplab. Os equipamentos de gravação de áudio (mesa de som, microfones, amplificador, auto falantes, etc) foram cedidos por professores, alunos e colaboradores do laboratório, já que a escola não tinha recursos disponíveis para tal, e que a disciplina não poderia ser lecionada de outra maneira.

Com a chegada do computador surgiu o tópico seguinte: a aquisição de softwares. Os softwares básicos para manipulação de áudio disponíveis no mercado em versões proprietárias, para utilizar apenas o mínimo para o funcionamento do laboratório seriam os seguintes: um editor de partituras, um editor de áudio e um gerenciador de síntese sonora. Somente estes três programas em conjunto já excediam o valor do equipamento que a Embap tinha recém adquirido para a disciplina!

Tornou-se evidente a necessidade de conhecer as ferramentas livres disponíveis para tornar possível o funcionamento do laboratório. Como Chefe do Departamento de Disciplinas Teóricas Aplicadas dos Cursos de Música, cargo que assumi no início deste ano, priorizei o estudo destas ferramentas por entender que o funcionamento e a inserção da Escola de Belas Artes no universo tecnológico e digital, ou seja, a "modernização" da atividade acadêmica, dependia disso, e que não adiantaria de nada equipar materialmente a escola com computadores (implementação que já está em andamento como recursos da Fundação Araucária), se não houvesse a disponibilidade do conhecimento necessário para fazê-los funcionar. Percebi também que esta reflexão não podia se limitar às atividades da disciplina de

Música Eletroacústica, mas a toda extensão tecnológica da Embap. Leciono seis disciplinas diferentes no Curso de Composição e Regência e em todas elas o computador se impõe como uma ferramenta essencial na estrutura didática. Nos cursos de Artes Visuais a questão é a mesma e em algumas disciplinas até mais urgente. A Disciplina de Fotografia, por exemplo, não possui um computador para que os alunos descarreguem suas máquinas fotográficas (dado que hoje em dia a fotografia em película é extremamente dispendiosa), nem pessoal que tenha conhecimento prático das ferramentas livres para edição de imagem.

Acrescento a este ponto as diretrizes tomadas pelo Governo Federal e também pelo Governo do Estado do Paraná de reduzir os gastos com softwares proprietários que já possuem versões livres disponíveis em código aberto para realizar as mesmas funções. Dispositivo com o qual concordo plenamente e entendo como assunto fundamental para a democratização do acesso a tecnologia e a manutenção da legalidade em relação aos direitos de propriedade intelectual. Mesmo que a Escola dispusesse de recursos para adquirir software proprietário, os professores ficariam impossibilitados de estender o acesso a estes programas para os alunos sem incorrer na ilegalidade e na "pirataria" de software, princípios incompatíveis com uma instituição pública de ensino. Ou ainda, mesmo que o professor restringisse o acesso ao software ao ambiente da escola, teríamos então o Estado formando especialistas em softwares proprietários que estariam beneficiando diretamente interesses corporativos.

A questão que se configurou então, que agora repasso ao Sr Secretário, foi a seguinte: onde encontrar suporte técnico para fazer rodar estes programas e dar prosseguimento às atividades acadêmicas? A UFPR possui um laboratório bem equipado para música eletroacústica, porém, os seus "machintoshes" rodam essencialmente software proprietário. O Departamento de Ciências da Computação no Centro Politécnico possui salas imensas com vários computadores ligados em rede rodando em Linux, porém não encontrei lá dentro uma só pessoa que soubesse utilizar as versões em código aberto dos editores de áudio e imagem. Neste ponto cabe salientar que o uso acadêmico destes softwares serve objetivos de pesquisa avançada e excede em muito as funções básicas de ligar e desligar um botão de gravação. Os laboratórios da UFPR e do CEFET seguem prioritariamente as necessidades do curso de Ciências da Computação: ensino de algoritmos, programação em linguagem C, C++, ambientes Linux, montagem de circuitos, sistemas, etc. Eles representam uma vanguarda importante no uso de sistemas operacionais em código aberto, porém, não está no escopo deste departamento e destas instituições oferecer o suporte necessário para o uso de ferramentas livres num curso com o tipo de demanda que temos na EMBAP e demais instituições de Ensino da Arte, Comunicação ou Design. Estou convencido de que o desenvolvimento destas ferramentas livres no campo audiovisual e a multiplicação de pessoas aptas a desenvolverem projetos nesta plataforma só é possível num ambiente interdisciplinar onde haja uma convergência entre a demanda estética das proposições e do suporte científico e tecnológico para a sua realização. Neste sentido a EMBAP, como aparelho do Estado, vinculado à Secretaria de Ciências e Tecnologia, encontra-se numa posição privilegiada para a germinação deste saber.

Após estas considerações preliminares, passo a relatar os caminhos já percorridos pelo Embaplab nesta pesquisa, alguns objetivos alcançados, e as parcerias iniciadas. Quando elaborei o primeiro projeto para o Laboratório de Música

Computacional da Embap, em 2004, busquei a consultoria de Guilherme Soares, artista experiente no uso do computador em projetos estéticos e Bacharelado em Ciências da Computação na UFPR. Tive, neste diálogo, uma iniciação no uso do Demudi/Linux e dos aplicativos para síntese e edição de áudio em Linux. Nesta convergência pude também conhecer a iniciativa pioneira do Ministério da Cultura, da qual o Guilherme é pesquisador e bolsista do IPTI, no desenvolvimento de um conjunto de aplicativos de áudio e imagem em Linux denominado "Moobuntu/Linux" e também no aperfeiçoamento e tradução dos manuais e tutoriais de uso destes softwares e dos aplicativos de áudio Demudi/Linux. Este empacotamento de programas é a base dos kits que estão sendo desenvolvidos para utilização nos Pontos de Cultura no projeto Cultura Digital do MINC. Desenvolvi, nesta consultoria, um projeto de Ponto de Cultura para a Embap (anexo 2), em diálogo com a Secretaria de Estado de Educação, para a qual o projeto foi encaminhado e obteve pronta aprovação, e a rede de Ensino Público, de acordo com as normas estabelecidas pelo MINC de retorno social e inclusão digital. O projeto previa recursos para equipar o laboratório adequadamente e oferecer bolsas para estagiários da escola dos Cursos de Música e Artes Visuais na replicação deste conhecimento. O projeto não chegou a ser encaminhado em tempo hábil para o MINC devido a questões de prazos administrativos da EMBAP. No entanto, o projeto serviu de base para outros Pontos de Cultura na cidade, e foi tomado como projeto modelo pelo Estúdio Livre, que presta assessoria técnica e faz o mapeamento dos Pontos de Cultura para o MINC.

As atividades do Embaplab se tornaram possíveis em função deste trabalho inicial desenvolvido pelo Estúdio Livre na produção de tutoriais para o uso do Demudi, do engajamento do "Grupo de usuários Debian-PR" no suporte técnico, e da colaboração voluntária de artistas da cidade, que identificaram no laboratório um núcleo de desenvolvimento de atividade interdisciplinar na pesquisa estética voltada às ferramentas tecnológicas. A extensão das atividades do Embaplab neste ano deve-se prioritariamente a colaboração autônoma e a iniciativa destes artistas, que ao se aproximarem deste núcleo institucional, geraram um circuito artístico relevante na produção estética da cidade.

Logo nas primeiras semanas de funcionamento do Embaplab surgiu a necessidade de acesso a internet para fazer a "atualização de versão" dos aplicativos de áudio e para multiplicar o número de usuários Linux, instalando os empacotamentos Demudi em suas máquinas. O pessoal da Debian-pr se disponibilizou para realizar "install-fests" (instalação voluntária de sistemas Linux) na escola e prestar suporte na adequação dos drivers e periféricos de cada computador para rodar estes programas. Organizamos também um Ciclo de Palestras no auditório da escola (anexo 3), durante quatro semanas, para conscientizar professores, alunos e a comunidade sobre a importância do acesso às novas tecnologias e fazer a apresentação das ferramentas livres disponíveis. Foram abordados temas como: conceitos fundamentais sobre software livre, o software livre aplicado a produção multimídia, novos paradigmas de direito autoral, e conceitos sobre meta-reciclagem.

O Estúdio Livre (portal pioneiro em documentação de aplicativos Linux para produção multimídia) ofereceu espaço no seu servidor para a criação de uma lista de suporte técnico chamada embaplab@estudiolivre.org (esta lista foi rebatizada como listaleminski@estudiolivre.org em função da ampliação das atividades do laboratório e da convergência e diálogo com outros circuitos artísticos autônomos da

cidade). No entanto a sala do Embaplab não tinha ainda acesso à rede. A Embap possui um servidor de internet (com banda limitada ainda) mas que poderia dar conta de realizar a instalação destes empacotamentos em algumas máquinas. Houve na época a disposição da equipe técnica da Debian-PR e artistas voluntários de estender um cabo de rede até as dependências do laboratório. Esta ação não podia se realizar, no entanto, sem o acompanhamento da Celepar (apesar de ser uma operação tão simples como esticar um fio de luz ou um bocal de lâmpada). Em função deste encaminhamento burocrático e da perspectiva de aparelhamento computacional da Escola através de recursos oriundos da Fundação Araucária, o Embaplab permanece até hoje sem cabo de rede! Se fizermos um rápido levantamento da perspectiva de inclusão digital desde o início do ano até o presente momento, com a participação e suporte técnico da Debian-PR e outros voluntários instalando estes programas em (numa estimativa mínima) pelo menos três computadores por semana nas dependências do laboratório, já teríamos uma rede de mais de cinquenta usuários com acesso a estas ferramentas livres em suas máquinas em ambiente acadêmico. Parte desta ação, que ficou bastante limitada pela falta de acesso à rede, foi realizada no estúdio do Matema, na galeria Ritz, próximo à Embap, em atitude voluntária e colaborativa.

Outra convergência importante entre o laboratório e a produção artística da cidade foi a ação "Desafiatlux" desenvolvida nas dependências do Sesc da Esquina em Agosto e Setembro deste ano. O artista Lúcio de Araújo, colaborador voluntário do laboratório desde a sua abertura e aluno do Curso de Pós Graduação em Artes Visuais da Embap, disponibilizou o espaço que lhe foi ofertado pelo Sesc para uma exposição individual como um segundo núcleo de desenvolvimento estético participativo. O Sesc da Esquina garantiu acesso à rede através de uma ADSL de link dedicado, e durante os meses de ocupação deste espaço foi possível realizar ações de meta reciclagem (reaproveitamento de máquinas antigas demonstrando seu potencial em ações específicas e conceituais) e multiplicação de usuários de programas livres como o Gimp, audacity, ardour, pd, entre outros softwares livres de produção artística.

A documentação destas atividades, em grande parte abrangendo a produção acadêmica de alunos da Embap e outros circuitos artísticos relacionados, gerou nestes últimos meses um arquivo de mais de 60 gigabites no HD do 312, já duplicados em DVD. Como a escola possui um provedor de internet, esta documentação poderia estar integralmente disponível na rede, desde que o sistema fosse otimizado para este uso (e há espaço para isso), possibilitando aos alunos da Embap o acesso direto a esta produção a partir de seus computadores pessoais, estendendo assim os benefícios da comunicação em ambiente cibernético aos alunos da escola tal como acontece no NICS (Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora) da UNICAMP e em outras universidades do Brasil e do exterior, segundo os modelos propostos pelo IRCAM no ensino da musica eletroacústica (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique).

Estas iniciativas, em parte oriundas do Embaplab, em parte de indivíduos e coletivos autônomos na cidade, através da comunicação veiculada na listalemisnki e na revista eletrônica do Embaplab/Organismo, em constante diálogo com as ações do Minc, possibilitaram a vinda da equipe de desenvolvimento do projeto Cultura Digital para Curitiba agora em outubro. Em função da atividade de pesquisa iniciada pelo Embaplab, e da participação da comunidade nestas ações, o último encontro da

"imersão digital" do Minc foi transferido de São Paulo para Curitiba. O Secretário de Assuntos Estratégicos do Estado do Paraná, Nizan Pereira, entendeu a importância do evento, e em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, tornou possível a vinda desta equipe para a cidade (anexo 3). A Secretaria de Cultura disponibilizou hospedagem para esta equipe, a Universidade Federal do Paraná, através do coordenador do laboratório de Computação Científica em Software Livre, Marcos Sunye, cedeu os laboratórios de informática do Centro Politécnico para a primeira semana da "imersão", e a Celepar forneceu a estrutura de rede na UPE para a Segunda semana da "imersão" e da integração com a comunidade. Como foi dito anteriormente, o projeto de Ponto de Cultura do Embaplab não foi encaminhado ao Minc por questões administrativas da Embap, porém o Embaplab prestou consultoria a outras iniciativas na cidade junto ao Minc. O único Ponto de Cultura contemplado em Curitiba neste primeiro edital foi o da UPE (a cidade de Recife, por exemplo, possui 18), que no entanto, por carecer de profissionais com habilitação técnica que possam levar adiante a multiplicação de usuários das ferramentas multimídia Linux, terá necessariamente que buscar este subsídio em algum lugar. O Minc parece estar disposto a oferecer este subsídio na medida do possível, mas seria fundamental a identificação de parceiros locais para que esta iniciativa se realize com êxito. Vale lembrar que estão previstos ainda na região do Paraná, para o primeiro edital, outros Pontos de Cultura. Percebendo a carência de recursos humanos no Estado com qualificação técnica e estética para levar adiante a multiplicação deste tipo de conhecimento, saliento a importância da preparação deste tipo de profissional para qualquer iniciativa pública ou privada na implementação e difusão do software livre como ferramenta para produção midiática.

Como professor da EMBAP desde 1992 e usuário das ferramentas digitais na produção de arte, percebo que a difusão do uso do software livre e do conhecimento sobre estas ferramentas tecnológicas em código aberto são fundamentais para a democratização do acesso a tecnologia e da produção de arte e mídias. O conjunto das atividades do Embaplab tiveram, até o presente momento, a legitimidade de sua própria causa e demonstraram que o ambiente acadêmico, e a comunidade a ele relacionada, está consciente da urgência desta questão e pronta para agir. É importante lembrar que a eficiência desta migração de conhecimento depende menos das condições materiais (laboratórios de informática, computadores em rede, equipamentos de última geração, etc) do que dos recursos humanos voltados a este aprendizado, com tempo e disponibilidade para tal.

Como ação extra para novembro, o programa Cultura Digital do Minc estará oferecendo uma oficina de meta-reciclagem em Curitiba. Não há espaço definido ainda para este evento (especula-se que ele possa acontecer em parceria com o Latinware). O Embaplab está envolvido nesta ação desde a sua concepção, (que ocorreu devido à demanda gerada pela doação de computadores antigos para a UPE pela ONG "Ação e Cidadania" durante a última oficina regional). Acredito que a Embap poderia abrigar parte desta ação em seu espaço físico.

Por ora, o Embaplab necessita da instalação da estrutura de rede nas dependências do laboratório para que possa ampliar sua atividade, multiplicando o número de usuários com programas livres instalados em suas máquinas, e da destinação de recursos na forma de bolsas de pesquisa para os colaboradores mais ativos. Certo do interesse público desta iniciativa e dos tópicos relacionados, coloco-

me a disposição para o desenvolvimento deste diálogo.

Octavio Camargo

Chefe do Departamento de Disciplinas Teóricas Aplicadas da Escola de Música e Belas Artes do Paraná

ANEXO F – DESAFIATLUX - Texto do folder

Por Orquestra Organismo

Proposta de "ocupação" do espaço oferecido pelo SESC da Esquina[∞] de Curitiba, entre 15 de agosto a 30 de setembro de 2005, como obra-processo que discorre sobre a condição do artista ativista na era da informação total das redes globais autônomas.

Usando de um processo ritualístico que percorre todo o período da mostra, a obra propõe tornar-se uma metáfora do “agenciamento coletivo” com o qual a Orquestra Organismo vem trabalhando desde sua formação. Para isto a obra discursa sobre o nascimento de um “ser-instalação” representado por uma entidade plástica-sonora: um conceito, uma escultura ou corpos conectados ao mundo externo, localizados num espaço de mostra artística. Como um “Frankenstein” construído de fragmentos de máquinas, órgãos de animais (identidade da semelhança dos órgãos e tecidos), objetos do cotidiano e inessencialidades, sobretudo conexões com o mundo da informação em rede por meio da internet e outras mídias. O público da mostra tem datas cifradas durante a exposição para interagir num processo de socialização do Organismo, onde ele será influenciado pelas aspas a sua volta.

A Orquestra Organismo é um corpo semiótico agenciador de coletivos de arte. Este fluxo acontece em convergência com as ações de articulação entre os grupos: Matema[∞], Museu do Poste, Embaplab[∞], Dezenhistas, Epa, Interlux[∞], Esqueleto Coletivo[∞], Situação[∞], Ruído/mm[∞], Upgrade do Macaco[∞], Estúdio Livre[∞], Debian-pr[∞], Midiatática[∞], Zumbi do Mato[∞], na Listaleminski[∞] e na revista eletrônica Hackeando Catatau[∞], por enquanto.

Agenda

15/08 – segunda – abertura da exposição – nascimento do ORGANISMO (ritual da pulsão de vida)

Video sobre a gênese do ORGANISMO

Concerto celebração com Matema

Primeiras palavras de ORGANISMO

Produção do álbum de fotos do nascimento de ORGANISMO

Ritual de conexão do ORGANISMO no “pleroma da sociedade”

Depoimentos

19/08 – sexta – batismo na instituição ARTE. (religião - rumo - crença - psiquê)

Missa-celebração de batismo de ORGANISMO na ARTE - Sincretismo de diversas missas e anti-missas. O estádio do espelho

Ferro de batismo, água benta, etc.

Invocações, promessas e oferendas

26/08 – sexta – perda da virgindade (sexo - sexualização - gênero - escolha)

Interação para acoplamento de “armas fálicas” do ORGANISMO

Interação para acoplamento de “úteros” do ORGANISMO

Obras, discursos e desconstruções sobre gênero e escolha

O anti-édipo

Sala para coleta de esperma (com freezer e cabine)

Rituais de acasalamento e troca de genes: primeiro convite a alguma continuidade fora do espaço do Sesc

02/09 – sexta – formatura (mercado - globalização - indústria)

Ação direta simultânea em cidades diferentes em Outdoors e Webdoors

Criação de manifestos sobre “papel do artista” em “mercado”

Ativismo e lucro

Mensalão de arte política. Exposição de cartuns políticos

Apresentação do happening “A Incrível Máquina de Fazer Moedas”

Saída para as ruas para colagem de stickers e intervenções urbanas

09/09 – sexta - casamento (aliança de clãs - patriarcado/matriarcado - estruturalismo e parentesco)

Ações com trocas e permutações de indivíduos

Filmes sobre encontros de “deriva” entre pessoas desconhecidas

Ritual de conexão do Organismo com algum outro ORGANISMO localizado e criado externamente ao espaço da mostra

Trabalho sobre a genealogia destes fluxos de coletividade

16/09 – sexta - reprodução (destino - impotência sobre o outro - responsabilidade)

Ritos de popularização do mito ORGANISMO pela cidade

Banalização e profanação do seu nome em manifesto

Criação e discussão de uma problemática sobre a identidade ORGANISMO e os futuros avatares

Festas simultânêas em locais distintos

22/09 - quinta – miniauditório - Teatro Guaíra – 21h00

Ação Secreta, Hackeando ORGANISMO

23/09 – sexta - julgamento (inscrição na história - visão do outro - espetacularização do mito)

Ritual Tribunal de Júri sobre o papel de ORGANISMO na arte contemporânea

Julgamento sobre a ação de ORGANISMO

Início da semana de aplicação da pena

Jejum

Inscrição histórica do processo

30/09 – sexta - morte (desmonte - desmanche - inscrição no inconsciente coletivo)

Desafiatlux

Desmonte do projeto

Ritual de celebração em jam aberta

Registro final do “desencarnar” - ritual de Páscoa

Intervenções artísticas nos cemitérios da cidade

ANEXO G – Um dia dedicado ao Ativismo

por Associação Situação

A Associação Situação em parceria com o programa Cultura Digital do Ministério da Cultura e a União Paranaense dos Estudantes promove no próximo dia 12 de Outubro um evento totalmente dedicado a arte e ao ativismo. Bandas locais estarão fazendo seus shows e sendo gravadas ao vivo através de softwares livres de áudio, o mesmo acontecendo com vídeos que serão editados durante a festa. É a quebra da propriedade intelectual, a livre propagação de meios de produção multimídia acontecendo. A parte artística visual ficará por conta do coletivo Interlux Arte Livre, que estará presente no local fazendo suas interferências urbanas.

Repetindo o sucesso da primeira edição o bazar Situação será montado novamente, stands de marcas alternativas da cidade estarão vendendo suas roupas e acessórios, uma oportunidade para os "artistas" da moda apresentarem suas criações para o público.

Durante o evento também serão exibidos vídeos documentários sobre temas políticos, culturais, sociais e ideológicos. E para completar o ciclo de cultura, uma justa homenagem estará sendo prestada ao Bardo Cardoso, poeta curitibano e proprietário do antigo bar que levava seu nome e localizava-se dentro do casarão da UPE na década de 80. Por lá passaram vários intelectuais da cidade, que usavam o local como inspiração para suas obras, entre eles Paulo Leminski. Poesias serão recitadas pelo coletivo Polavra – poesia e multimídia.

Local: União Paranaense dos Estudantes (UPE)

Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 1157, Centro (Em frente ao Empório e Cinemateca)

Entrada: R\$3,00 + 1 brinquedo (grátis o sorriso de uma criança)

Horário: 15:00h

Bandas:

Matema, Ruído/mm, E.C.W. e mais participação performática da Orquestra Organismo e Leste da Montanha.

Bazares:

Bola 8 stúdio

Adhoc

Bolsas de diversas marcas (ponta)

Flor de Vedete

Manita Menezes

DiRua

Viu?

Stand Cultural (Situação)

Voodoo

Vídeos: Mostra de vídeos do CMI

1. *Além do Cidadão Kane** de Simon Hartog. O filme que conta a história da Rede

Globo de Televisão, proibido no Brasil há 10 anos. O VCD inclui ainda: vinheta explicando o que é o CMI; vídeo da projeção pública do filme Além do cidadão Kane que ocorreu na av. Paulista em 2003 e vídeo do ato da mudança de placas da Av. Jornalista Roberto Marinho para av. Jornalista Vladimir Herzog.

2. *O Espetáculo Democrático* (formato VCD) de Guilherme César. Eleições, marqueteiros, ideologia, rede Globo, neo-liberalismo, angústia e Lula presidente: o espetáculo da democracia brasileira. A partir do registro da posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o vídeo procura refletir a respeito dos últimos 15 anos de nossa história política. O "Brasil democrático" é discutido através de imagens de campanhas eleitorais, entrevistas com parte da velha e da nova burocracia estatal, marqueteiros e com brasileiros pertencentes a diferentes movimentos sociais. Qual é o desafio da sociedade brasileira frente ao primeiro governo supostamente de esquerda, popular e até socialista?

3. *Movimento sem-teto* (formato VCD) VCD duplo, com 3 produções do centro de mídia independente. Todo o processo de ocupações da Frente de Luta por Moradia no centro de São Paulo, no segundo semestre de 2004, são acompanhadas pelo cmi-sp.

4. *A Revolução não será televisionada* (formato DVD) Os bastidores daqueles que foram alguns dos dias mais tensos da história da Venezuela. O filme começou a ser produzido nos meses que precederam a tentativa de golpe. Os jornalistas estiveram exatamente na sala de Chavez no momento em que ocorre a tentativa de deposição, no dia 11 de abril de 2002.

5. *Passe-livre 1* (formato DVD) Manifestações históricas que ocorreram em todo Brasil, quando a população bloqueou ruas, pontes e terminais. Vídeos: A revolta do buzu (Salvador), A revolta da catraca (Floripa), Ato no Rio de Janeiro, Ato em São Paulo, Plenária nacional de luta pelo passe-livre, Resoluções da plenária nacional delo passe-livre, ocupação da secretária de transportes de Florianópolis.

6. *Curtas pela democratização dos meios de comunicação* (formato DVD) Inclui: Barraco da globo; Sid Moreira X avenida paulista; Roberto Marinho está realmente morto; Destruindo o monolito; Manifesto; A televisão será revolucionada!?!; Acupação anatel; Famosos em passeio/famosos em chamás; Xuxa em chamás; Ato contra microsoft.

7. *Domingo na URBE* (IAL) Vídeo documentário sobre a Interlux Arte Livre, quando o coletivo de arte ocupou um antigo posto de gasolina abandonado, transformando o local em palco para interações urbanas, música e dança.

www.situacao.com.br